
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
HUMANO E TECNOLOGIAS**

**TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O SALTO EM
DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE UM DVD DIDÁTICO PARA O
ENSINO DO ATLETISMO ESCOLAR**

TIAGO PEDICINI FERREIRA DA SILVA

Orientadora: Sara Quenzer Matthiesen

Rio Claro

2014

TIAGO PEDICINI FERREIRA DA SILVA

**TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O SALTO EM
DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE UM DVD DIDÁTICO PARA O
ENSINO DO ATLETISMO ESCOLAR**

Orientadora: Professora Dr^a. Sara Quenzer Matthiesen

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Desenvolvimento Humano e
Tecnologias.

UNESP – CAMPUS RIO CLARO

2014

796.4
S586t Silva, Tiago Pedicini Ferreira da
Tecnologias da Informação e Comunicação e o salto em
distância: possibilidades de utilização de um DVD didático
para o ensino do atletismo escolar / Tiago Pedicini Ferreira da
Silva. - Rio Claro, 2014
121 f. : il., figs., forms., quadros + 1 DVD

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Sara Quenzer Matthiesen

1. Atletismo. 2. TICs. 3. Educação física escolar. 4. Grupo
focal. I. Título.

TIAGO PEDICINI FERREIRA DA SILVA

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O SALTO EM
DISTÂNCIA: POSSIBILIDADES DE UTILIZAÇÃO DE UM DVD DIDÁTICO PARA O
ENSINO DO ATLETISMO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências do Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Desenvolvimento Humano e
Tecnologias.

Comissão Examinadora

Rio Claro, ____ de abril de 2014.

AGRADECIMENTOS

A entrega dessa dissertação vai muito além da finalização de uma pesquisa ou do cumprimento de parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre. Ela significa o encerramento de um ciclo vitorioso, um ciclo de bastante luta, dedicação, abnegação e aprendizado. Tudo em prol dos meus objetivos e sonhos que, com certeza, fazem meus pais se orgulharem.

Ao finalizar mais esse ciclo, me lembro de tudo o que passei para chegar até aqui. Tenho comigo a certeza de que sozinho, nada disso teria sido possível, nada conseguiria se não tivesse o apoio e a ajuda de diversas pessoas. Sendo assim, esse é o momento de agradecê-las de coração.

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus familiares, todos vocês são o meu alicerce, obrigado por tudo! Meu pai Nilson, que me ajudou muito quando ainda estava na Itália sonhando com tudo isso e mesmo depois, à distância, teve um papel fundamental nesse percurso. Minha mãe Clair, de quem estive mais perto nesses dois anos, já que havia ficado muitos anos longe dela. Meus irmãos Rodrigo e Richard, que mesmo morando longe sempre se colocaram à disposição para me socorrer em qualquer tipo de imprevisto que surgisse. Minha namorada Priscilla (coitada), teve que me aturar nos momentos mais difíceis que passei nesse ciclo (risos).

Agradeço aos meus tios e tias maternos, que desde quando retornei ao Brasil, para esse desafio, estiveram ao meu lado. Em especial, gostaria de agradecer meus Tios “Toninho” e “Fogueira”, se não fossem esses dois me socorrerem às 6 da manhã, no dia da entrevista, com certeza não teria ingressado no mestrado.

Agradeço a todos os moradores e ex-moradores da Rep. Garotinhos, uma república de tradição que, há mais de uma década, “fornece” mestres e doutores para as melhores Universidades do país. Nela tive o privilégio de morar por dois anos e também conviver com o Inaian, um parceiro que sempre me socorreu em tudo que precisava... e foram muitas vezes!

Ao Geppa e todos os seus integrantes, obrigado pela ajuda e parceria. De todos, gostaria de destacar Guy e Hilário. Foram muitas conversas e conselhos, ainda mais quando eu era recém-chegado e me encontrava ainda um pouco “perdido”, muito obrigado!

Gostaria de agradecer aos meus amigos e parceiros do “banquinho da reflexão”, Claudião, Bibi, Leo e Craudim. Foram inúmeras horas, ali sentados, pós-R.U., discutindo sobre tudo e todos, assuntos dos mais variados. Pude aprender muito com vocês e com certeza nossa amizade será para sempre!

Agradeço a todos meus voluntários, principalmente aos queridos alunos do primeiro ano, ao qual tive o prazer de conhecê-los no estágio docência de 2013. Sempre se colocaram à disposição e mesmo nos dias de chuva, compareceram nas filmagens. Valeu galera!

Ao amigo Rodella, muito obrigado pelas discussões que tivemos em torno do meu DVD. Sua visão, experiência na sala de aula e seus conselhos foram de grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa. Do início ao fim você esteve presente.

Gostaria de agradecer a todos os professores dos quais tive o prazer de participar de suas disciplinas. Afonso, Cynthia, Adriane e, em especial, a professora Suraya, não por acaso, faz parte da minha banca examinadora. Foram inúmeras as discussões em sala de aula, divergências em pontos de vista, mas, com certeza, com você aprendi muito!

Gostaria de agradecer ao professor Danilo, outro membro da minha banca. Palavras aqui seriam poucas para expressar a minha gratidão por você e toda a tua família. Além da contribuição acadêmica que teve nessa pesquisa, você é uma das pessoas responsáveis diretamente por tudo isso. Obrigado irmão!

Para finalizar, gostaria de agradecer a minha orientadora Sara, sem o aval dela, nem escrevendo esses agradecimentos eu estaria hoje. Sara, obrigado pelo teu apoio, tua dedicação, teus conselhos e, principalmente, pela paciência que teve. Foram muitos momentos difíceis que passei nesse ciclo e graças a todas as pessoas que citei anteriormente e, especialmente você, hoje ele chega ao fim e com sucesso. Obrigado por tudo mesmo, de coração!

Espero um dia, poder retribuir cada um de vocês, por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim. Meus mais sinceros agradecimentos!

Pobre do Homem que não é capaz de reconhecer a
ajuda de outros nas suas vitórias.

Tiago Pedicini

RESUMO

Como um dos conteúdos da Educação Física Escolar, o ensino do atletismo nas escolas brasileiras vem sendo preterido em detrimento de outras modalidades esportivas. Por este motivo, essa pesquisa teve como objetivo produzir um DVD didático sobre o salto em distância visando o seu ensino no Ensino Fundamental, avaliando, com um grupo de professores, por meio de um grupo focal, a possibilidade de utilizá-lo em aulas de Educação Física. De natureza qualitativa, essa pesquisa foi realizada em quatro etapas: 1) Revisão de literatura; 2) Escolha do conteúdo do DVD didático e determinação do público alvo; 3) Filmagens, coleta de vídeos e imagens e edição e montagem do DVD didático; 4) Avaliação do DVD didático por meio de grupo focal. Os resultados demonstraram que os professores, apesar de não ensinarem o salto em distância em suas aulas, em função do pouco conhecimento sobre a prova, a falta de estrutura e da falta de interesse dos alunos, o consideram como um conteúdo importante e que deve, ser ensinado em aulas de Educação Física. Nesse sentido e ao avaliarem o DVD didático “Salto em distância”, demonstraram-se entusiasmados a ensiná-lo, reconhecendo a viabilidade de se utilizar esse material nas aulas de Educação Física. Ao final dessa pesquisa, foi possível concluir que recursos didáticos dessa natureza são bem-vindos, em especial, por poderem ser utilizados adaptando-se às necessidades de cada professor/escola.

Palavras-chaves: Salto em distância, Atletismo, Tecnologias de Informação e Comunicação, Educação Física Escolar, Grupo Focal.

ABSTRACT

As one of the contents of physical education, the teaching of athletics in Brazilian schools has been deprecated instead of other sports. Therefore, this research aimed to produce an educational DVD on the long jump aiming his teaching in elementary school, evaluating, with a group of teachers through a focus group, the possibility of using it in School Physical Education. Of qualitative nature , this research was carried out in three steps: 1) literature review, selecting the contents to be on this educational DVD and determining the target audience; 2) Filming, recording videos, taking images, editing and production of didactic DVD and 3) the educational DVD evaluation through via focus group. The results showed that teachers, although not teach the long jump in their classes, because of the little knowledge about, the lack of structure and lack of student interest, consider it as an important content and which has to be taught in physical education classes. In this sense and in assessing the educational DVD "Long Jump" showed up excited to teach it, recognizing the feasibility of using this material in physical education classes. At the end of this research it was concluded that such teaching resources are welcome, in particular, can be used for adapting to the needs of each teacher/school.

Key-words: Athletics; long jump; School Physical Education; Information and Communication Technologies; Focal Group.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro de perguntas voltadas aos professores.	25
Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos.	26
Quadro 3 - Dados técnicos e narração do Vídeo 1.....	45
Quadro 4 - Dados técnicos e narração do Vídeo 2.....	46
Quadro 5 - Vídeo Dados técnicos e narração do Vídeo 3.	48
Quadro 6 - Dados técnicos e narração do Vídeo 4.....	50
Quadro 7 - Dados técnicos e narração do Vídeo 5.....	55
Quadro 8 - Dados técnicos e narração do Vídeo 6.....	57
Quadro 9 - Dados técnicos e narração do Vídeo 7.....	60
Quadro 10 - Dados técnicos e narração do Vídeo 8.....	63
Quadro 11- Dados técnicos e narração do Vídeo 9.....	66

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. INTRODUÇÃO.....	12
3. OBJETIVO	17
4. METODOLOGIA	18
4.1. Etapas da pesquisa.....	18
4.2. Participantes.....	26
4.3. Materiais.....	27
5. REVISÃO DA LITERATURA.....	28
5.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação	28
5.1.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação na sala de aula.....	30
5.2. Os vídeos didáticos na sala de aula.....	33
5.3. O atletismo	36
5.3.1. O atletismo no Brasil	38
5.3.2. O salto em distância.....	40
5.3.3. O “Mini Atletismo” e o atletismo na escola	42
6.1. O DVD didático “Salto em distância”	45
6.2. Avaliação do DVD didático “Salto em distância” junto a professores da Rede Pública do Estado de São Paulo por meio de Grupo Focal.	68
6.2.1. O atletismo ensinado na escola	69
6.2.2. A importância do atletismo como conteúdo da Educação Física Escolar	72
6.2.3. Percepção inicial do DVD didático “Salto em distância”	73
6.2.4. A Proposta Curricular do Estado de São Paulo de 2008 e o salto em distância.....	75

6.2.5. O papel do recurso audiovisual na Educação Física Escolar e na formação continuada do professor	78
6.2.6. O DVD didático “Salto em distância” e sua utilização em sala de aula	81
7. Considerações finais.....	85
REFERÊNCIAS	90
Anexos	100
ANEXO 1.....	101
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Professor	101
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Filmagem	102
ANEXO 2.....	103
Protocolo Comitê de Ética e Pesquisa	103
ANEXO 3.....	104
Planos de aula	104
1ª aula (teórica)	104
2ª aula (prática)	107
3ª aula (prática)	111
4ª aula (prática)	116
5ª aula (prática)	120

1. APRESENTAÇÃO

O atletismo está presente em minha vida há muitos anos, mais especificamente, desde meus 10 anos de idade, quando assisti a algumas competições de um primo. Logo, me apaixonei por essa modalidade e comecei a praticá-la. Iniciei com as corridas e, com o tempo, fui me especializando nos saltos. Passei por todos eles e, por fim, me dediquei ao salto triplo.

Um fato bastante curioso era que na escola, eu e meus colegas não tínhamos a vivência desta modalidade esportiva. Cheguei a levar vários colegas da escola para a pista de atletismo onde havia um projeto para crianças mantido pela Prefeitura Municipal de Araraquara. Vários deles tomaram gosto por essa modalidade esportiva e continuaram, por anos, a praticá-la.

Essa paixão me segue até hoje e fez com que eu procurasse uma faculdade em que pudesse estudar mais profundamente essa modalidade esportiva. Isso me levou a estudar Educação Física na UNESP-Presidente Prudente que, naquela época, abrigava o treinamento dos melhores atletas brasileiros.

Fui em busca de um sonho e desde minha segunda semana na faculdade me envolvi com projetos ligados ao atletismo tanto para iniciação esportiva, como para o treinamento de alto nível. Foi no projeto de iniciação esportiva que tomei consciência de que não era só na minha escola que o atletismo não era ensinado, mas que, infelizmente, essa é uma realidade que vem se repetindo, até hoje, na maioria das escolas brasileiras.

Após formado, decidi ir para a Itália em busca de novas experiências pessoais e, principalmente, profissionais, lá residindo por 6 anos. Após um período de adaptação à língua, comecei a exercer minha profissão, trabalhando como *personal trainer* e preparador físico de modalidades esportivas como futebol, voleibol, baseball, esqui e MMA.

Posso afirmar que graças ao meu conhecimento mais aprofundado no atletismo, pude ter sucesso em todas essas modalidades esportivas como preparador físico. Em todas elas, respeitando algumas especificidades, os atletas precisavam melhorar sua velocidade, resistência aeróbica, anaeróbica, impulsão, força, entre outras capacidades físicas, que são a base para as provas do atletismo.

Após esses 6 anos no exterior, decidi que deveria voltar a estudar e continuar minha formação, para me tornar um professor universitário, podendo assim, contribuir na formação de novos profissionais de educação física. Foi nesse período que busquei informações sobre o que estava sendo estudado no Brasil sobre o atletismo e tive contato com os trabalhos do GEPPA (Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo) da UNESP-Rio Claro. Este grupo, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Sara Quenzer Matthiesen, me abriu as portas e me deu a possibilidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, como aluno do mestrado.

A linha de pesquisa do GEPPA e a possibilidade de contribuir para que o atletismo seja difundido nas escolas brasileiras, me estimularam muito a pensar algo voltado para o ensino do atletismo nas aulas de Educação Física escolar, mas que, dadas as particularidades do Programa de Pós-graduação, envolvesse a tecnologia, ou seja, fiquei motivado a desenvolver um projeto que estivesse intimamente ligado ao cotidiano dessa geração de alunos que temos presente nas escolas.

Foi pensando em unir essas duas ideias que decidi criar um material didático de apoio aos professores, usando os novos recursos tecnológicos, para ser utilizado em aulas de Educação Física. Foi assim que surgiu o DVD didático – Salto em distância, que será detalhado a seguir.

Espero que esse material contribua para que mais professores conheçam o atletismo, em especial, o salto em distância, e se sintam estimulados a ensiná-lo na escola. Espero, também, que os resultados dessa pesquisa façam com que mais e mais pesquisadores invistam seu tempo na pesquisa e construção de materiais didáticos tecnológicos para auxílio dos professores, visando sempre melhorar a qualidade do ensino da Educação Física em nosso país.

2. INTRODUÇÃO

O atletismo é uma das modalidades esportivas mais antigas que se tem notícia. Ela está presente como manifestação esportiva desde os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, realizados no ano de 776 a.C. Atualmente, é a modalidade esportiva que mais distribui medalhas em Jogos Olímpicos. Em Londres-2012, foram, por exemplo, 141 medalhas (COI, 2013).

Mesmo com todo esse destaque no cenário esportivo mundial e sendo considerado um conteúdo importante na Educação Física escolar, o atletismo vem sendo preterido nas escolas brasileiras (BETTI, 1999; LECINA, 2001; MATTHIESEN, 2007; 2009).

Segundo estudos de Betti (1999), Lecina (2001) e Matthiesen (2007; 2009), justificativas como a falta de estrutura física, falta de materiais e falta de interesse dos alunos são dadas pelos professores para que esta modalidade não seja ensinada nas escolas.

Olhando a situação mais atentamente, vemos que uma das chaves de todo esse problema é a falta de conhecimento por parte do professor para ensinar o atletismo, o que acaba agravando a situação que se perpetua. Ou seja, se o conhecimento do professor é restrito em relação ao atletismo, terá dificuldades para utilizar os espaços que possui na escola, para improvisar materiais, motivar os alunos, o que, conseqüentemente, poderá repercutir na falta de interesse pela modalidade ou para ensiná-la, criando-se assim, um ciclo-vicioso.

Trabalhos como os de Paissan (2002; 2003; 2004), Mezzaroba et al (2006), Matthiesen (2007; 2009), Freitas, F. (2009), Vidigal (2009), Netto (2009) e Ginciene (2012) reforçam essa afirmação, demonstrando que com um pouco de conhecimento, o atletismo pode ser ensinado nas escolas sem a necessidade de utilização de uma pista ou materiais oficiais.

Uma das alternativas que vemos para motivar e orientar os professores em relação ao ensino do atletismo, capaz de contribuir para se sanar essa lacuna, são os materiais didáticos. Aliás, são muitos os materiais didáticos – livros, apostilas – que têm sido publicados nos últimos anos visando motivar o seu ensino no campo escolar, a exemplo de Paissan (2002; 2003; 2004), Matthiesen (2007; 2009), Freitas,

F. (2009) e Vidigal (2009), mas, ao que parece, não têm sido suficientes para promover o efeito desejado, isto é, que o atletismo seja de fato ensinado na escola.

Ao falarmos dos materiais didáticos, caberia ressaltar que toda a produção de materiais didáticos voltados para a Educação Física escolar é algo bastante recente, o que não ocorre com as outras áreas da Educação. Por trás desse fato existe um contexto histórico que justifica esse retardamento e, até mesmo, descaso do meio acadêmico, que tem deixado de produzir material didático para a área da Educação Física, como cita Munaka (2003) ao enfatizar, por exemplo, a resistência da área em relação aos livros didáticos desde os tempos da ditadura militar. Complementando o que foi dito, Darido et al. (2010) alertam que, frequentemente, o livro didático vem sendo intensamente criticado e vinculado à uma ideologia burguesa, fato que contribui para a ideia de que ao se colocar contra essa ideologia, se estará contra os livros didáticos.

Complementando essa ideia Darido et al. (2010) destacam que os pesquisadores da área da Educação Física Escolar devem “enfrentar urgentemente a questão do livro didático”, já que em outras disciplinas escolares eles são considerados como uma das estratégias metodológicas mais utilizadas atualmente (p. 450).

Ao tratarmos dos livros didáticos relacionados ao atletismo, devemos nos remeter ao trabalho de Faganello (2008), cuja busca e classificação nos acervos das bibliotecas das principais instituições públicas de Ensino Superior (UNESP, USP, UNICAMP e UFSCar) revelou a existência de um número expressivo, isto é, 86 livros relacionados ao atletismo. Porém, poucos (7) livros foram classificados como didático-pedagógicos, ou seja, direcionados ao trabalho do atletismo pelos professores na escola.

Mas, será que esses livros não seriam suficientes para que os professores conhecessem mais sobre essa modalidade esportiva e a ensinassem em suas aulas?

Como já foi exposto, isso ainda não ocorre, ou seja, os professores continuam ensinando pouco o atletismo na escola. Sendo assim, podemos deduzir que um dos motivos é que, muitas vezes, esses materiais didáticos não são consultados pelos professores. Isso, inevitavelmente, nos leva a refletir sobre o porquê isso acontece e como podemos tornar os materiais didáticos de atletismo mais atrativos aos professores e aos alunos, visando o seu ensino na Educação Física Escolar.

Refletindo sobre este problema e com base nas considerações de Faria (2004) para quem: “a Educação precisa ser repensada” sendo necessário buscar “formas alternativas para aumentar o entusiasmo do professor e o interesse do aluno” (p.44), nos perguntamos: Por que não utilizarmos as tecnologias, em formato multimídia (vídeos), para auxiliar neste processo? Essa, como veremos, pode ser uma boa alternativa para que os professores se atualizem e, conseqüentemente, ensinem o atletismo na escola, uma vez que, a falta de conhecimento específico por parte do professor, contribui para que o atletismo não seja ensinado.

Vemos nos vídeos um recurso atrativo, tanto para alunos como para professores. Assim como Moran (2002), consideramos que o potencial dos vídeos ainda não foi totalmente explorado nas salas de aula, afinal, mesmo estando “deslumbrados com o computador e a internet na escola” observamos que os vídeos ainda podem desempenhar um relevante papel educacional.

Nesse mesmo sentido, Faria (2004) afirma que a utilização do vídeo em sala de aula possibilita “um ensino e uma aprendizagem mais criativa, autônoma, colaborativa e interativa” (p. 48).

Em outras modalidades esportivas, como é o caso do: futebol (MELLO, 1999), do basquetebol (MELHEM, 2004a) e do voleibol (MELHEM, 2004b), são comuns materiais em formato multimídia. Até mesmo em *sites* como o do *Youtube* (www.youtube.com) é fácil encontrar vídeos relacionados ao ensino dessas modalidades esportivas. Entretanto, não é difícil observar que a maioria destes materiais ou vídeos do *Youtube* abordam a modalidade esportiva de uma maneira meramente técnica, restringindo sua utilização por parte de professores de Educação Física em suas aulas, dados os objetivos educacionais a que se destinam.

Aos poucos, esse cenário começa a se modificar. Hoje, por exemplo, podemos notar alguns trabalhos desenvolvidos nessa linha, como é o caso de Carvalho (2012) que, dentre outras coisas, produziu um vídeo didático para utilização em aulas de Educação Física Escolar, propondo uma classificação da ginástica. Trata-se de um material bastante relevante para os alunos, já que contém informações sobre os tipos de ginástica que dificilmente são desenvolvidos nas escolas, embora devam ser conhecidas, além de ter sido muito bem aceito pelos professores que participaram daquele estudo. O contato com esse material

audiovisual, certamente, será de grande importância para a compreensão dos alunos e professores acerca do tema proposto.

Outro exemplo bem sucedido da utilização dos recursos audiovisuais, particularmente da mídia, é citado por Betti (2001) quando se refere ao *water-polo*, modalidade esportiva aquática, pouco difundida no Brasil, mas, que esteve em evidência em um popular seriado de TV brasileiro. Assim, tendo sido despertada a curiosidade dos alunos em conhecer melhor essa modalidade esportiva, o professor poderia trabalhar vários aspectos, tais como: a história e as regras, apesar de não poder trabalhá-la na prática.

Com isso, verificamos que o recurso audiovisual (vídeo) tem um duplo papel para a Educação Física Escolar. Ele se enquadra como um propagador do esporte, quando é visto pelos alunos em um seriado televisivo e poderia ser também utilizado como um vídeo didático, para ser trabalhado em sala de aula, onde os alunos conheceriam mais profundamente essa modalidade esportiva, seus aspectos históricos, suas regras e curiosidades, por exemplo.

Particularmente no atletismo, além dos problemas de infraestrutura e de falta de material para a utilização de professores em aulas de Educação Física, muito pouco é encontrado de material didático no formato multimídia.

Para que se tenha uma ideia, foi encontrado, após intensa pesquisa, apenas um material didático desse tipo publicado no Brasil, o DVD “Atividades Recreativas para o Aprendizado do Atletismo na Escola em DVD” (FREITAS, M. 2009), que apresenta como conteúdo, o “Mini Atletismo” proposto pela IAAF (Associação Internacional das Federações de Atletismo), o qual, será melhor explicado mais adiante.

Pensando em algo que contribua para que o atletismo seja ensinado em aulas de Educação Física nas escolas, o intuito desta pesquisa foi produzir e avaliar um DVD didático visando o ensino do salto em distância em aulas de Educação Física Escolar.

O material produzido foi dividido em duas partes: uma voltada diretamente para os alunos, para que possam conhecer o processo histórico, as regras e curiosidades desta modalidade esportiva e outra, dedicada à utilização por parte dos professores, sendo exibidos modelos de aulas práticas para auxiliá-los a ensinar o salto em distância em suas aulas.

Afinal, partimos do pressuposto de que um material didático, em formato multimídia, voltado para o atletismo na escola, poderia contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento dessa modalidade esportiva nas aulas de Educação Física.

Tal ideia se vê reforçada pelos apontamentos de Moran (2002) que, ao se remeter aos recursos tecnológicos dessa natureza, utilizados em sala de aula, aposta na possibilidade de promoção de uma mudança de caráter qualitativo no processo de ensino/aprendizagem, sobretudo, se conseguirmos integrar, dentro de uma visão inovadora, todas as tecnologias como: “telemáticas, audiovisuais, textuais, orais, musicais, lúdicas e corporais”.

A utilização de vídeos, como os que compõem o DVD didático de salto em distância, poderia tornar a tarefa do professor mais fácil de ser desenvolvida nas suas aulas, pois, muitas vezes, os alunos que encontramos nas escolas brasileiras não conhecem ou ouviram falar muito pouco sobre essa prova do atletismo. Sendo assim, ao verem o salto em distância nos vídeos, espera-se, seguindo-se as observações de Betti (2001), poder estimulá-los a conhecer melhor esta “nova” modalidade esportiva.

3. OBJETIVO

Produzir um DVD didático sobre o salto em distância e avaliar com professores de Ensino Fundamental, a possibilidade de utilizá-lo em aulas de Educação Física na escola para o ensino do atletismo.

4. METODOLOGIA

Uma pesquisa de natureza qualitativa, como é o caso desta pesquisa, se caracteriza por tentar explicar alguns fenômenos, o “porquê das coisas” e não quantificar valores (GERHARDT, 2009, p. 32).

Contribuindo com essa definição, Neves (1996) cita alguns aspectos que diferenciam uma pesquisa de natureza quantitativa de uma qualitativa:

Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos, e geralmente não emprega instrumento estatístico para a análise dos dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos (p. 1).

Segundo Thomas e Nelson (2007), esse método de pesquisa geralmente envolve uma intensiva observação do ambiente, um “registro preciso e detalhado do que acontece nesse ambiente, a interpretação e análise dos dados, utilizando descrições, narrativas citações, gráficos e tabelas” (p. 27).

Esses são aspectos que caracterizam esta pesquisa, a qual, como veremos, foi realizada em três etapas, a saber: 1. Revisão bibliográfica, escolha do conteúdo do DVD didático e determinação do público alvo; 2. Filmagem, edição e montagem do DVD didático; 3. Avaliação do material.

4.1. Etapas da pesquisa

1ª etapa: Revisão bibliográfica, escolha do conteúdo do DVD didático e determinação do público alvo.

A revisão bibliográfica é uma das etapas mais importantes e fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho científico, sendo que, no caso dessa pesquisa, forneceu o embasamento teórico para que ela acontecesse.

Segundo, Marconi (2011), a revisão bibliográfica consiste em:

(...) um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar duplicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações podendo até orientar as indagações (p. 12).

Nesse mesmo sentido, Thomas e Nelson (2008) reforçam que a revisão bibliográfica serve para buscar na literatura já existente, base de apoio para o desenvolvimento da pesquisa atual.

Para Alves-Mazzotti (1998), são dois os tipos de revisão bibliográfica:

(a) aquela que o pesquisador necessita para seu próprio consumo, isto é, para ter clareza sobre as principais questões teórico-metodológicas pertinentes ao tema escolhido, e (b) aquela que vai efetivamente integrar o relatório do estudo (p. 179).

Nesta pesquisa, foram utilizados os dois tipos de revisão bibliográfica citados por Alves-Mazzotti (1998) e serviu para aprofundar os conhecimentos acerca das Tecnologias de Informação e Comunicação, sua utilização no campo da Educação, o vídeo didático na sala de aula e em aulas de Educação Física e o salto em distância do atletismo, dando a ela todo um embasamento teórico necessário para o pleno desenvolvimento da pesquisa.

Foi, também, na fase de revisão bibliográfica que o conteúdo do DVD didático foi delimitado. A escolha do conteúdo dos vídeos didáticos, ou seja, todos os exercícios, jogos e brincadeiras, foram feitas com base em livros e apostilas, nacionais e internacionais, além de ter sido pautada na experiência e conhecimento do próprio pesquisador sobre o atletismo.

É importante ressaltar que o material que foi produzido, foi pensado e desenvolvido para professores de Educação Física do Ensino Fundamental de 6º série, servindo como material de apoio para as suas aulas na escola, mas, nada impediria que este material fosse também utilizado em outros campos da Educação Física.

A determinação do público alvo, ou seja, dos alunos de 6ª série (7º ano), foi feita com base na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008), Estado em que se localiza a Unesp – Rio Claro e que se tornou Currículo oficial

deste Estado em 2010 (SÃO PAULO, 2010). Tal proposta é dividida em três módulos, todos no primeiro bimestre, sendo eles: “Esporte”; “Atividades rítmicas”; “Organismo humano, movimento e saúde” (SÃO PAULO, 2008, p. 50).

O atletismo encontra-se presente em dois desses três módulos. No “Organismo humano, movimento e saúde” se propõe a trabalhar com as capacidades físicas aplicadas ao atletismo. No módulo “Esporte”, prevê, no primeiro semestre dessa série, o ensino do atletismo subdividido em corridas e saltos, quando se deverá abordar os princípios técnicos e táticos, as principais regras e o processo histórico da modalidade (SÃO PAULO, 2008, p. 50).

A seleção deste conteúdo foi feita desta maneira, pois, se entende que o aluno tenha vivenciado nas 4 primeiras séries do Ensino Fundamental “um amplo conjunto de experiências de Se Movimentar” (SÃO PAULO, 2008, p. 44). Assim, aquelas experiências de saltos realizadas como brincadeiras, de forma lúdica, nas séries precedentes, “vão sendo confrontadas com as experiências esportivas do salto em distância e do salto em altura, modalidades específicas do Atletismo” (SÃO PAULO, 2008, p. 45).

A escolha do conteúdo dos vídeos didáticos, ou seja, todos os exercícios, jogos, brincadeiras, que integram o DVD didático, foi feita com base em livros e apostilas, nacionais e internacionais, levantadas pela etapa anterior de revisão bibliográfica, bem como, com base no conhecimento do próprio pesquisador.

2ª etapa: Filmagens, coleta de imagens, edição e montagem do DVD didático.

Nesta etapa, foram efetuados vários tipos de filmagens que serão exemplificados a seguir.

As filmagens e fotografias das atividades práticas referentes ao ensino do atletismo foram feitas pelo pesquisador em um ginásio esportivo, em uma quadra externa e em um gramado, local em que os professores de Educação Física usualmente desenvolvem suas atividades.

Para os vídeos referentes ao processo histórico e às regras, foram realizadas filmagens e fotografias em três pistas de atletismo diferentes, sendo elas no Município de Rio Claro, Piracicaba e Pirassununga, ambos no Estado de São Paulo.

Nesta etapa, também foi realizada a coleta de vídeos e imagens referentes aos recordistas do salto em distância e principais personagens que marcaram a história dessa modalidade. Esses vídeos e imagens ajudaram a compor os vídeos referentes ao processo histórico. Essa coleta foi realizada, sobretudo, na internet, utilizando plataformas de busca como *Google Imagem* e *Youtube*.

Para a edição propriamente dita do material, realizada pelo pesquisador, foram utilizados os programas Sony Vegas Pro 10.0 e Adobe After Effect CS6.

Esta etapa consistiu na realização de cortes nas filmagens, realização de efeitos, inserção de textos e informações para que os vídeos se tornassem mais compreensíveis e didáticos.

Para a edição das imagens e gráficos, foi utilizado o programa Adobe Photoshop CS6, sendo que com ele foi possível fazer cortes, tratamento nas imagens e inserção de texto.

Na etapa de montagem do DVD didático foi utilizado o programa Sony DVD Architect Pro 5.0 que permitiu inserir todos os vídeos e imagens editados em um único DVD, de modo que todo o material ficasse organizado em *menus*, como em um DVD de filmes convencional.

A arquitetura do DVD e organização dos *menus* foi montada pelo próprio pesquisador, conforme ilustra o organograma a seguir:

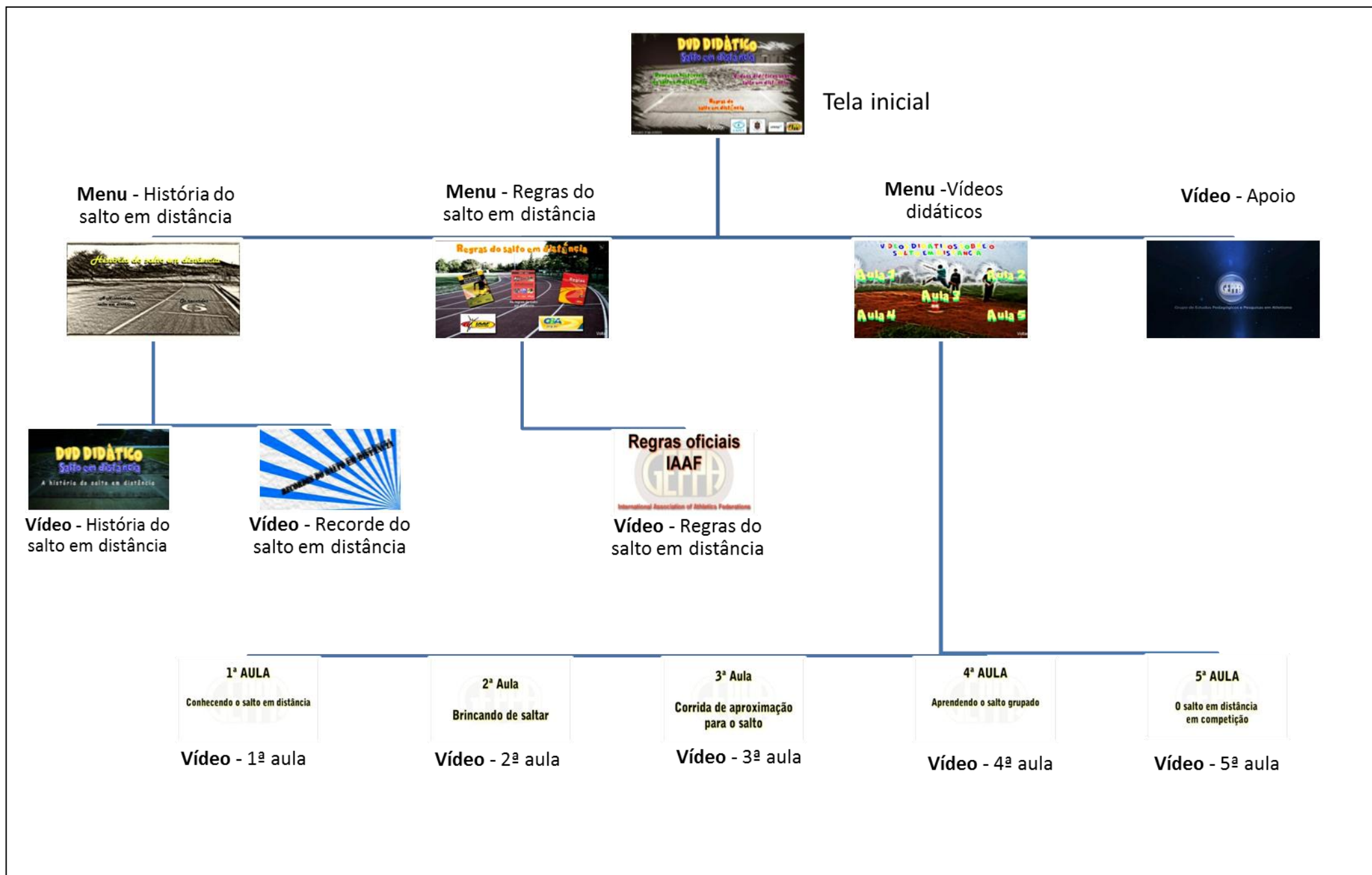


Figura 1 - Organograma arquitetura do DVD didático

Como podemos observar no organograma, ao inserir o DVD em um leitor, se abrirá a tela inicial. Nesta tela, o utilizador poderá acessar os *menus*: “História do salto em distância”, “Regras do salto em distância”, “Vídeos didáticos sobre o salto em distância” e ao clicar na palavra “Apoio”, que é apenas um *link*, exibirá um vídeo contendo os logotipos daqueles que apoiaram a produção deste material.

Ao clicar sobre o *menu* “História do salto em distância”, se abrirá uma segunda tela, onde haverá dois vídeos para serem selecionados. No primeiro, ao se clicar sobre o *link* com o escrito “A história do salto em distância”, será exibido um vídeo que conta a história e algumas curiosidades históricas desta prova do atletismo, narrada pelo próprio pesquisador. O segundo vídeo será exibido ao se clicar sobre o *link* “Recordes”. Nele, será exibido um vídeo editado com os recordes mundiais (masculino e feminino), narrados e com uma breve história de cada um dos recordistas, contendo ainda alguns saltos dos recordistas brasileiros (masculino e feminino).

Na tela inicial, ao se clicar no *menu* “Regras do salto em distância” se abrirá uma outra tela, apresentando um vídeo didático explicativo sobre as regras do salto em distância, contendo imagens de uma pista de atletismo e do setor de saltos. Ao se clicar sobre o *link* “As regras do salto em distância”, o vídeo será exibido.

Partindo-se da tela inicial, podemos observar o *menu* “Vídeos didáticos sobre o salto em distância”. Ao se clicar nesse menu, se abrirá uma outra tela, contendo cinco *links* para os vídeos didáticos, sendo eles: “Aula 1”, “Aula 2”, “Aula 3”, “Aula 4” e “Aula 5”. O conteúdo desses vídeos didáticos será explicativo, orientando o professor na condução de suas aulas. Ao se clicar em um desses *links*, o respectivo vídeo será exibido. Vale registrar que o conteúdo da aula está descrito nos planos de aula (Anexo I).

Todo o material contido no DVD didático, referente ao vídeo das regras e as aulas didáticas, foram produzidos pelo pesquisador, especialmente para o DVD, evitando-se problemas com os direitos autorais. Os vídeos sobre o processo histórico e as regras não puderam ter o mesmo tratamento por motivos óbvios,

sendo assim, o pesquisador teve que utilizar vídeos de terceiros, disponíveis na internet, para montagem e edição dos mesmos.

Por fim, em linhas gerais, o conteúdo do DVD didático “salto em distância” buscou abordar os princípios técnicos e táticos, as principais regras e o processo histórico do salto em distância, como previsto na Proposta Curricular do Estado de São Paulo de 2008.

3ª etapa: Desenvolvimento das atividades do grupo focal

Após a finalização do DVD didático foram convidados oito (8) professores de 6ª série (7º ano) do Ensino Fundamental para avaliar o material produzido, seguindo as orientações de Gatti (2005) e Powell e Single (1996). O contato e o convite com esses professores foram feitos pessoalmente pelo pesquisador.

O DVD didático foi entregue aos professores uma semana antes da data marcada para a reunião do grupo, para que se familiarizassem com o material e pudessem utilizá-lo com mais tempo. No dia marcado, 19/12/2013, compareceram para o encontro seis (6) professores, número considerado por Gatti (2005), Chiesa e Ciampone (1999) e Powell e Single (1996), ideais para um bom desenvolvimento das atividades.

O encontro teve uma duração de aproximadamente três horas, sendo que a primeira hora foi utilizada para a exibição do DVD didático, para garantirmos que todos os professores envolvidos na pesquisa o tivessem assistido pelo menos uma vez. Após a exibição do material, o pesquisador perguntou aos participantes se algum deles teria alguma objeção quanto a filmar esse encontro. Após a anuência de todos, iniciou-se o grupo focal com os professores, sendo que todo o seu conteúdo foi registrado por uma câmera de vídeo e um gravador de áudio, para transcrição posterior com o auxílio de um editor de texto. Esse encontro ocorreu nas dependências de uma escola da Rede Municipal de São Paulo, tendo sido autorizado pelo diretor da unidade, que foi sujeito da pesquisa.

A avaliação deste material junto aos professores foi feita por meio da técnica de grupo focal, que tem por finalidade, criar uma discussão em torno do material

apresentado, proporcionando uma interação entre os envolvidos, com a mediação do pesquisador, que teve como finalidade, coletar dados que serviram para uma análise posterior, a partir dessa discussão (IERVOLINO, 2001).

Segundo as definições de Powell e Single (1996), “um grupo focal é um grupo de pessoas, selecionadas e reunidas pelos pesquisadores, para discutir e comentar um tema, que é objeto da pesquisa, com base em suas experiências pessoais” (p.449).

A técnica utilizada nesse grupo focal foi a de entrevista semiestruturada, que permitiu, a partir de um roteiro básico de perguntas, aprofundar e esclarecer as informações quando necessário, a fim de conseguir explorar mais as questões e obter informações mais detalhadas (CARVALHO, 2012; TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 1991).

A entrevista com os professores foi composta pelas questões que seguem no Quadro 1:

Quadro 1 - Roteiro de perguntas voltadas aos professores.

QUESTÕES	PERGUNTAS
1	O que vocês acham desse material que vocês assistiram?
2	Quem de vocês ensina atletismo nas aulas?
3	Por que esse atletismo não é trabalhado?
4	Esse material foi construído, baseado na Proposta Curricular do Estado de São Paulo de 2008, onde se prevê o ensino do salto em distância na 6ª série (7º ano) do Ensino Fundamental. Vocês acreditam que o salto em distância deveria ser ensinado na 6ª série (7º ano)? Qual a opinião de vocês sobre isso?
5	O conteúdo deste material que vocês assistiram, poderia ser passado para alunos de 6ª série (7º ano)?
6	Vocês acreditam que esse tipo de material (DVD didático audiovisual) seria importante na formação continuada dos professores?
7	De que maneira vocês utilizariam esse material em sala de aula? Da maneira que foi proposto (organização das aulas) ou de outra maneira?
8	O que vocês tirariam desse material, que não acham necessário?
9	Vocês acreditam que com esse material (DVD didático salto em distância) que vocês assistiram, seriam capazes de ensinar o salto em distância na escola? Ele

	capacitaria o professor a ensiná-lo?
10	O que vocês sugerem para ser acrescentado no material? O que vocês sentiram falta?

4.2. Participantes

Foram convidados participantes adultos, universitários para a confecção dos vídeos que serviram de modelo nas demonstrações das atividades didáticas que foram filmadas e fotografadas.

Para o grupo focal, participaram 6 professores efetivos de Educação Física da Rede Pública que ministram aulas para alunos da 6ª série (7º ano) do Ensino Fundamental e que trabalham na Rede Pública Estadual por mais de 3 anos. No quadro 2, podemos observar mais detalhadamente a caracterização dos sujeitos. Para garantir a confidencialidade dos dados, os nomes dos professores participantes da pesquisa foram substituídos por siglas (P1 a P6).

Quadro 2 - Caracterização dos sujeitos.

Sujeitos	Idade (anos)	Sexo	Função que exercem e local	Anos de ensino
P1	44	M	Professor de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo. Diretor de escola da Rede Municipal de São Paulo.	26
P2	42	M	Professor de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo. Professor de Educação Física Rede Municipal de Guarulhos.	10
P3	29	M	Professor de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo. Técnico desportivo da Rede Municipal de São Paulo.	4
P4	40	M	Professor de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo.	15
P5	37	M	Professor de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo. Professor de Educação Física da Rede Municipal de São Paulo.	9
P6	34	M	Professor de Educação Física da Rede Estadual de São Paulo. Professor de Educação Física da Rede Municipal de São Paulo.	9

Além do número de participantes, a literatura indica, para uma maior fidedignidade do estudo, que os participantes não tenham nenhum tipo de relacionamento afetivo entre eles, pois “quando os participantes se conhecem, podem vir a atuar em bloco e formar subgrupos de controle que monopolizam ou paralisam a discussão, o que prejudica a interação mais livre” (GATTI, 2005, p.21).

Sendo assim, todos os esclarecimentos sobre o objetivo do estudo foram previamente realizados pelo pesquisador no momento do convite para a participação na pesquisa.

Após a anuência, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2), para atender aos procedimentos éticos do estudo, submetido ao Comitê de Ética do IB (processo Nº 015/2013) (Anexo III), assim como aqueles que participaram dos vídeos.

4.3. Materiais

Para a elaboração do DVD didático, foram utilizados como materiais:

- 1 vídeo filmadora (Alta Definição) para a produção dos vídeos marca TOSHIBA modelo CAMILEO X100
- 1 máquina fotográfica Reflex marca NIKON modelo D80
- 1 computador
- Programas de edição de vídeos e fotos (*Sony Vegas Pro 10* e *Adobe AfterEffect CS5*; *Adobe Photoshop CS6* e para a criação do DVD o programa *Sony DVD Architect Pro 5*).

5. REVISÃO DA LITERATURA

Essa revisão de literatura tem como objetivo um aprofundamento em temas que darão sustentação ao objeto a ser investigado. Assim, trataremos das definições sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) observando seu papel na Educação; abordaremos os vídeos didáticos definindo-os e verificando as possibilidades de utilizá-los em sala de aula; nos referiremos à origem e organização do atletismo no Brasil e no mundo, abordando o salto em distância como uma das provas mais antigas dessa modalidade esportiva.

5.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação

Segundo a definição adotada pela União Europeia, contida na Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu, realizado em Bruxelas, nota-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é um termo que:

(...) se emprega atualmente para fazer referência a uma ampla diversidade de serviços, aplicações, e tecnologias, que empregam diversos tipos de equipamentos e de programas informáticos, e que às vezes são transmitidas por meio das redes de telecomunicações (C.O.M., 2001, p. 770).

Todos os dias fazemos uso das TIC, já que elas estão por toda a parte, como, por exemplo: para sacar dinheiro nos caixas eletrônicos de bancos, para comprar ingresso do cinema via internet, para pagar o estacionamento do carro, entre outras coisas.

Na sociedade da informação na qual vivemos, a integração do humano com o tecnológico ocorre rapidamente, fazendo com que nossa busca por conhecimento e diversão passe do livro para a televisão, da televisão para o vídeo e destes para o computador e para a internet (MORAN, 2000). Tudo ocorre muito rapidamente, já que a todo o momento novas tecnologias são criadas.

Conviver com essas mudanças repentinas pode ser, para as gerações mais antigas, como para a grande parte dos professores, uma grande dificuldade, já que não foram “devidamente preparados para lidar com as crianças que nasceram nessa

era digital” (VILELA, 2007, p. 17). Com relação a esta afirmação, Prensky (2001; 2006) em Demo (2009), argumenta que a criança é “nativa”, enquanto nós, adultos, somos “imigrantes” (p. 54).

Para se ter uma ideia, cada vez mais, as novas gerações passam mais tempo em frente aos computadores, televisões e videogames. Betti (1997), por exemplo, aponta que os adolescentes brasileiros despendem, em média, quatro horas por dia vendo televisão, enquanto Carelli (2003) demonstra que os *videogames*, nos EUA, estão ocupando o tempo que no passado era dedicado à música e ao cinema.

Devido à sua importância no desenvolvimento da sociedade, diversos pesquisadores têm estudado a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação (CYSNEIRO, 1999; CASTRO, 2005; PORTO, 2006; PEREIRA, 2009) e, inclusive, na Educação Física (SEBRIAM, 2009).

A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação se justifica por elas hoje estarem por toda parte, já que integram o cotidiano das pessoas e estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento da sociedade, facilitando a vida do ser humano.

Para Castro (2005):

a partir da década de 80 deram-se grandes e inúmeras transformações econômicas e sociais, devido, sobretudo ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação. Este desenvolvimento tecnológico trouxe mudanças na sociedade, principalmente com a evolução da internet, tendo esta, modificado e alterado bastante os hábitos da população, e mais especificamente os hábitos dos nossos alunos (p. 3).

Porto (2006) complementa afirmando que:

[...] se a escola quiser acompanhar a velocidade das transformações que as novas gerações estão vivendo, tem que se voltar para a leitura das linguagens tecnológicas, aproveitando a participação do aprendiz na (re)construção crítica da imagem-mensagem, sem perder de vista o envolvimento emocional proporcionado, a sensibilidade, intuição e desejos dos alunos (p. 49).

Talvez, o principal objetivo de se utilizar a linguagem das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação seja levar ao professor uma ferramenta de fácil utilização e que seja capaz de atrair os alunos.

Vendo por este lado, não é difícil pensar que a utilização dessas novas tecnologias em sala de aula pode ser um grande atrativo para os alunos, uma vez que elas já fazem parte do seu cotidiano.

5.1.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação na sala de aula

A cada dia que passa, a tecnologia está mais presente na vida do ser-humano de modo geral, mas, se olharmos para a população de estudantes, veremos que esse aumento é ainda mais evidente. Para se ter uma ideia desse crescimento, pegamos como exemplo, o percentual de brasileiros, de 10 anos ou mais de idade, que utilizaram internet.

Segundo dados do IBGE (2013), o percentual de brasileiros nessa faixa etária, não estudantes, que acessaram a internet no ano de 2005 foi de 15,9%, aumentando para 38,9% no ano de 2011. Mas, quando falamos de acesso à internet pelos estudantes brasileiros, vemos um aumento ainda mais expressivo, sendo que, em 2005, o acesso à internet foi de 35,7%, enquanto que, em 2011, esse número saltou para incríveis 72,6%.

Números como esses nos levam a considerar que a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na sala de aula é um recurso que pode atrair os alunos, já que fazem parte do seu cotidiano. Mas, temos a consciência de que esse ainda é um recurso que precisa ser melhor explorado pelos professores.

Para Faria (2004), “a adoção de novas tecnologias no ensino não tem um objetivo em si mesma, mas é um recurso no processo de ensinar e aprender para alcançar os fins educacionais almejados” (p. 49). Nesse sentido, Moran (2002) faz um alerta quando diz que precisamos nos aprofundar mais sobre o assunto, afinal, não podemos limitar a utilização desses recursos a pequenos usos.

Cysneiros (1999) critica a formação intensiva dos professores visando a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação e o investimento em equipamentos, como se isso fosse sinônimo de uma melhoria qualitativa no ensino, dizendo:

Em escolas informatizadas, tanto públicas como particulares, tenho observado formas de uso que chamo de inovação conservadora, quando uma ferramenta cara é utilizada para realizar tarefas que poderiam ser feitas, de modo satisfatório, por equipamentos mais simples (atualmente, usos do computador para tarefas que poderiam ser feitas por gravadores, retroprojetores, copiadoras, livros, até mesmo lápis e papel). São aplicações da tecnologia que não exploram os recursos únicos da ferramenta e não mexem qualitativamente com a rotina da escola, do professor ou do aluno, aparentando mudanças substantivas, quando na realidade apenas mudam-se aparências (p. 15-16).

Podemos encontrar muitas barreiras na escola para que haja uma boa utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, de forma que, realmente, contribuam qualitativamente para a mudança do ensino dentro da sala de aula. Além dos professores favoráveis à sua utilização ou que as utilizam apenas para “embelezar” suas aulas expositivas, encontramos uma boa parcela de professores que se mostram reticentes em integrar as novas tecnologias, temendo, talvez, perder o controle do processo educativo (MARTINES, 2003).

A falta de conhecimento desses recursos por parte dos professores também é uma destas barreiras, talvez, uma das mais importantes. Segundo Bianchi (2009), há 4 tipos de professores presentes nas salas de aula:

1) os professores que olham as TICs com desconfiança, por não saberem ao certo do que se trata, tentando, dessa forma, adiar o mais que podem o encontro com as tecnologias; 2) os que utilizam as TICs no seu cotidiano, no entanto não conseguem estabelecer relações entre as tecnologias e a educação, porque desconfiam que elas não contribuem para que eles alcancem seus objetivos; 3) professores “integrados”, que demonstram entusiasmo diante do “novo”, e logo introduzem as TICs nas suas aulas, porém sem alterar efetivamente as formas de ensinar e aprender; 4) Além disso, há também aqueles educadores que conseguem fazer emprego das TICs de modo bastante cuidadoso e criativo (p. 14).

É importante salientar que, na escola, o aluno deve ter a oportunidade de conhecer e vivenciar o maior número de situações possíveis. Assim, deve-se, a cada semestre, experimentar algo novo, promovendo novas experiências de acordo com nossas condições de trabalho (MORAN, 2002).

Neste sentido, Faria (2004) enfatiza que:

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) estão provocando profundas mudanças em nossas vidas, mas os professores não precisam ter ‘medo’ de serem substituídos pela tecnologia, como também não precisam concorrer com os aparelhos tecnológicos ou com a mídia. Eles

têm que unir esforços e utilizar aquilo que de melhor se apresenta como recurso nas escolas e universidades. O educador precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno (p.47).

O professor nunca será substituído, mesmo com o uso dos mais modernos aparatos tecnológicos, pois sua função é a de “organizar o ambiente de aprendizagem, escolher os recursos e softwares, realizar a intervenção pedagógica, quando necessária” (FARIA, 2004, p. 51). Sendo assim, é papel do professor criar novas possibilidades para que o aluno aprenda e se desenvolva, mediando e oferecendo conteúdos que contribuam com o seu amadurecimento, com o desenvolvimento do seu caráter e com a aquisição do conhecimento.

Nesse sentido, a utilização de recursos tecnológicos importantes como: a televisão, o DVD, o computador conectado à internet, trará aos alunos e professores, novas oportunidades de se obter conhecimento sobre os mais variados assuntos (DELACÔTE apud DELORS, 2005).

Porém, para que a utilização destes recursos seja bem aproveitada, será muito importante que os professores tenham o conhecimento destas tecnologias, para que não ocorram problemas com o processo de mediação com os próprios alunos. Além disso, é preciso que esses professores tenham a “competência pedagógica para implicar estratégias eficientes sem perder de vista o foco educacional” (TECNOLOGIA, 2006).

O estudo realizado por Sebriam (2009) reforça essa realidade, ao verificar a forma como as Tecnologias da Informação e Comunicação estavam integradas ao ensino de Educação Física em escolas municipais de Londrina. Tal estudo aponta que a maioria dos professores, cerca de 93% deles, tinham acesso e utilizavam as TIC em seu dia a dia para tarefas pessoais, mas que somente 16% dos professores as utilizavam com os alunos.

Nesse mesmo estudo, Sebriam (2009) verifica que os professores não se sentem preparados para utilizar as TIC em contexto educativo e que somente 26,7% dos professores de Educação Física receberam formação para utilizá-las com os alunos em sala de aula. Entretanto, o recurso mais utilizado pelos professores na sala de aula foi o CD-ROM e o DVD, pois não necessitavam de muito treinamento para sua utilização.

A linguagem audiovisual do DVD pode ser considerada como uma tecnologia educacional de auxílio ao professor. Como alerta Faria (2004), o uso da tecnologia em sala de aula não é limitado ao uso dos computadores apenas, “a TV e o vídeo também devem ser bem analisados e planejados para se constituírem num recurso de enriquecimento e interatividade” (p.47).

Diante disso, o professor deverá ser criterioso quanto ao conteúdo a ser utilizado e, ao mesmo tempo, dominar a utilização deste tipo de tecnologia. Ou seja, “o professor precisa estar preparado para utilizar a linguagem audiovisual com sensibilidade e senso crítico de forma a desenvolver, com seus alunos, uma alfabetização audiovisual” (MANDARINO, 2002, p. 2).

Com base no que foi exposto, podemos dizer que um DVD didático, contendo vídeos pedagógicos, pode contribuir bastante com o professor para o ensino de diferentes conteúdos, a exemplo do salto em distância, alvo dessa pesquisa.

5.2. Os vídeos didáticos na sala de aula

Vídeo significa uma “superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais”, com o objetivo de transformar algo abstrato em algo concreto, visível, que toca todos os sentidos (MORAN, 1995). Já o adjetivo “didático” é conhecido, desde a Grécia Antiga, com um significado muito semelhante ao empregado atualmente, ou seja, o que é didático está relacionado ao ensino (CASTRO, 1991).

Com base nisso, podemos pensar o vídeo didático como um material predominantemente audiovisual, desenvolvido para auxiliar nas atividades didáticas, relacionadas, nesse caso, à escola. Definição similar a de Darido et al (2010) sobre o livro didático, quando diz que:

[...] um material intimamente ligado ao processo de ensino aprendizagem, ou seja, elaborado e produzido com a intenção de auxiliar as necessidades de planejamento, intervenção e avaliação do professor, bem como de contribuir para as aprendizagens dos alunos (p.452).

Embora a criação de vídeos como, documentários, empresariais e institucionais, não seja algo novo, sua utilização no Brasil, voltada para o processo de ensino e aprendizagem ocorreu somente na segunda metade da década de

1980, se tornando um instrumento dinâmico nesse processo na década de 1990 (LIMA, 2001).

Com o avanço tecnológico, até mesmo o modo de visualização e armazenamento dos vídeos mudou. O que antes era armazenado em fitas VHS, atualmente é feito em DVDs ou, até mesmo, *pendrives* e *mp4*. Não só os vídeos mudaram, mas tecnologias mais avançadas surgem a cada dia modificando computadores, *tabletes*, celulares etc.

Nessa era de mudanças rápidas, o avanço dessas tecnologias se dá de maneira jamais vista. A cada dia que passa surgem novos equipamentos, novas formas de se comunicar. Assim, muitas vezes, acabamos nos preocupando em utilizar essas novas tecnologias como se aquilo que tecnologicamente se tornou ultrapassado tivesse sido explorado completamente.

Diante disso Moran (2002) afirma que:

Estamos deslumbrados com o computador e a internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já tivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação (p. 1).

Após essas definições e afirmações, cabe-nos verificar qual é a importância da utilização do vídeo na sala de aula e refletirmos sobre o poder de “educar” que a televisão – vídeo – exerce sobre nós.

Ao refletir sobre “quem educa quem”, se é a escola ou a televisão, Moran (2002) afirma que:

Nós educadores costumamos contrapor a diferença de funções e da missão da televisão e da escola. A TV somente entretém enquanto que a escola educa. Justamente porque a televisão não diz que educa o faz de forma mais competente. Ela domina os códigos de comunicação e os conteúdos significativos para cada grupo: os pesquisa, os aperfeiçoa, os utiliza. Nós educadores fazemos pequenas adaptações, damos um verniz de modernidade nas nossas aulas, mas fundamentalmente continuamos prendendo os alunos pela força e os mantemos confinados em espaços barulhentos, sufocantes, apertados e fazendo atividades pouco atraentes. Quem educa quem a longo prazo (p. 1)?

Diante desse fato, nos vêm uma pergunta: porque não utilizarmos desses recursos a nosso favor?

Porto (2006) em seu texto traz algumas considerações sobre o poder dos meios de comunicação sobre os alunos:

Ao contrário do que acontece com os textos escolares, os meios de comunicação (em especial televisão, rádio e cinema) lidam com nexos entre pessoas, palavras, imagens e sons que são compreendidos e desfrutados pelos sujeitos pelas vias da sensibilidade antes de chegar ao intelecto. Por exemplo, os ouvintes e telespectadores de programas de televisão e rádio reagem física e psicologicamente ao visto/ ouvido antes de apreender o significado do texto (p. 55).

Ele também alerta para o espaço que a escola vem perdendo frente a esses meios de comunicação, ressaltando que se não os utilizar em benefício próprio, trazendo aquilo que o aluno vê, escuta e vive fora da escola, para uma discussão e contextualização com o que ele vê na escola, isso se agravará ainda mais.

Diante disso podemos pensar que se a escola continuar se fechando para a entrada das Tecnologias de Informação e Comunicação, será cada vez menos atrativa para as novas gerações de alunos.

Cabe a nós refletirmos e mudarmos um pouco esta realidade, promovendo inovações próximas ao dia-dia dos alunos e que sejam capazes de motivá-los. Nesse sentido, “o vídeo pode possibilitar ao aluno sair da mesmice, romper barreiras e fugir do abstrato, partindo para o real, o concreto, o que vai levá-lo a ter uma aprendizagem mais significativa” (LIMAS, 2007, p. 10).

Segundo Moran (1995), por meio do vídeo, a compreensão se torna mais fácil, já que o jovem precisa visualizar para compreender, “a linguagem visual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas”, solicita constantemente a imaginação e “reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo, enquanto que a linguagem escrita desenvolve mais o rigor, a organização, a abstração e a análise lógica” (MORAN, 2002).

Reforçando essa ideia Ferréz (1996) afirma que:

A imagem é hoje a forma superior de comunicação. E, contrariamente, ao que tem acontecido com a escrita e com o livro, que não têm conseguido substituir a linguagem, hoje estamos diante de uma técnica que tende a generalizar a sua supremacia. Já não se trata apenas de uma elite ou de uma minoria de privilegiados ou de especialistas que se vê afetada por esse fato, mas da massa do povo, da humanidade, já que serão nações inteiras as que passaram, talvez, da cultura da palavra à cultura da imagem sem passar pela etapa intermediária da escrita do livro (p. 8).

Sendo assim, o vídeo didático poderá auxiliar o professor a atrair os alunos, embora ele, por si só, não modifique a relação pedagógica. Ou seja, o vídeo sozinho não é educacional e nem antieducacional, mas, se bem direcionado, poderá aproximar a realidade escolar à realidade cotidiana dos alunos, utilizando-se “das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana” (MARTINES, 2003, p. 2). Entretanto, destaca Martines (2003), para que se torne um recurso didático eficiente, devemos saber utilizá-lo corretamente.

Nesse sentido, um DVD didático, como o que foi produzido, não garante a solução de todos os problemas. Todo o conteúdo tem que ser pedagogicamente planejado, isto é, ele deverá atender aos critérios educacionais de cada série em que for introduzido. Logo, um DVD didático de atletismo, nesse caso, específico do salto em distância, deverá seguir essas orientações.

5.3. O atletismo

O atletismo é uma modalidade esportiva que tem sua origem na Antiguidade e que vem se adaptando e evoluindo com o passar dos séculos (IAAF, 2013, tradução nossa). É, portanto, possível dizer que o atletismo é uma das modalidades esportivas mais antigas que existem, já que suas primeiras competições ocorreram nos “Jogos Olímpicos da Antiguidade”, no ano 776 a.C (VIEIRA, 2007, p.18).

Durante anos, o principal evento olímpico foi o pentatlo, que compreendia o lançamento do disco, lançamento do dardo, corrida *stadion* (192 metros), luta grega e o salto em distância (CBAAt, 2010; VIEIRA, 2007).

No final do século XIX, o entusiasmo popular pela prática de todos os tipos de exercícios físicos, fez com que houvesse um aumento expressivo de participantes de modalidades esportivas em diferentes países (IAAF, 2013a, tradução nossa).

A forma organizada do atletismo acabou prosperando nas sociedades industriais bem desenvolvidas, “aumentando a cada ano o número de competições nas escolas, universidades, organizações militares e clubes privados” (IAAF, 2013a, tradução nossa).

Com o passar dos anos e com o aumento do número de países e praticantes dessa modalidade esportiva, se fez necessária uma melhor organização, como

ressalta Vieira (2007). Assim, “em 17 de julho de 1912, no final dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, foi criada a Federação Internacional Amadora de Atletismo” (IAAF), com o intuito de ser um “órgão governamental mundial, com a função de organizar um programa de competição”, unir todas as confederações dos países praticantes do atletismo, “padronizar equipamentos técnicos e manter um registro oficial dos recordes do mundo”, função que exerce até hoje (IAAF, 2013b, tradução nossa).

Desde a criação da IAAF, o atletismo mudou bastante, “acompanhando a evolução política e socioeconômica do mundo em geral”. Com o passar do tempo, até mesmo “o nome da IAAF foi mudado, sendo que a partir de 2001 passou a se chamar Associação Internacional das Federações de Atletismo”, deixando seu aspecto amador para acompanhar o crescimento do mundo esportivo profissional, que não existia em 1912 (IAAF, 2013b, tradução nossa).

Foi na “década de 1960, com um aumento considerável das transmissões de televisão do atletismo que muitas empresas começaram a ver um valor comercial nessa modalidade esportiva” (IAAF, 2013a, tradução nossa). Nela, se tornava cada vez mais difícil seguir princípios amadores, transformando o que era praticado anteriormente como uma modalidade esportiva para promover o bem estar e aumentar a qualidade de vida em um esporte de alto rendimento e disputadíssimo como é hoje (IAAF, 2013a, tradução nossa).

Para se ter uma ideia da evolução do atletismo ao longo dos anos, em 1896, nos I Jogos Olímpicos da Era Moderna, o atletismo era uma das 9 modalidades esportivas disputadas, sendo 12 as medalhas de ouro a serem distribuídas dentre todas as provas masculinas da época, ou seja: 100 metros rasos, 110 metros com barreiras, 400m, 800m, 1.500m, lançamento do disco, arremesso do peso, salto em altura e salto em distância, salto triplo, salto com vara e maratona (VIEIRA, 2007). Hoje, com a participação das mulheres em quase todas as provas do programa olímpico, o atletismo é responsável pela distribuição de um total de 46 medalhas de ouro, número quase quatro vezes maior (VIEIRA, 2007).

O atletismo moderno, ou seja, aquele que é praticado nos dias de hoje, pode ser definido por um conjunto de provas que abrange ações motoras de correr, saltar e lançar, sendo definido como:

[...] um esporte com provas de pista (corridas), de campo (saltos e lançamentos), provas combinadas, como decatlo e heptatlo (que reúnem provas de pista e de campo), o pedestrianismo (corridas de rua, como a maratona), corridas em campo (cross country), corridas em montanha, e marcha atlética (CBAt, 2010a).

Segundo Vieira (2007):

[...] existe uma segunda divisão, mais detalhada, em oito tipos de provas de velocidade (100m, 200m, 400m, 110m com barreiras, 400m com barreiras e revezamentos 4x100m e 4x400m), meio fundo (800m, 1.500m), fundo (3.000m com obstáculos, 5.000m, 10.000m e maratona), marcha atlética (20km e 50km), saltos (em distância, triplo e com vara), lançamentos (dardo, disco e martelo), arremesso do peso e provas combinadas (decatlo e heptatlo) (p. 13-14).

Como se vê, o salto em distância, objeto de análise dessa pesquisa, integra, como aprofundaremos adiante, a definição oficial dessa modalidade esportiva.

5.3.1. O atletismo no Brasil

A história do atletismo no Brasil começa no final do século XIX, mais especificamente nas duas últimas décadas. Há registro que “nos anos de 1880, o Jornal do Comércio do Estado do Rio de Janeiro já noticiava resultados de competições na cidade”, mas foi nas três primeiras décadas do século XX que o atletismo se consolidou no país (CBAt, 2010b).

Em 1914, a Confederação Brasileira de Desporto (CBD), naquele momento responsável pela modalidade de atletismo, filiou-se a IAAF, sendo que no ano de 1924, o Brasil participou de sua primeira edição dos Jogos Olímpicos, realizados na França, em Paris. No ano seguinte, em 1925, foi instituído o Campeonato Brasileiro de Atletismo (VIEIRA, 2007), sendo que a Confederação Brasileira de Atletismo, conhecida como CBAt, foi fundada em 1977, mas começou a operar e ser responsável pelo atletismo no Brasil apenas em 1979 (CBAt, 2010a).

Podemos dizer que o Brasil possui uma grande tradição nas provas de salto, começando por José Telles da Conceição, que foi medalhista de bronze no salto em altura saltando 1,98m nos Jogos Olímpicos de Helsinque-1952 (CBAt, 2009), seguido por Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão olímpico do salto triplo, saltando

16,22m em Helsinque-1952, quando superou o recorde mundial por quatro vezes, e 16,35m em Melbourne-1956 (CBAt, 2010c).

Depois dessas, vieram às conquistas de Nelson Prudêncio, com duas medalhas olímpicas, uma de prata nos Jogos Olímpicos do México-1968, após intensa disputa com o soviético Viktor Saneyev e o italiano Giuseppe Gentile, sendo que foram “nove quebras de recordes mundiais na mesma prova” terminando-a com a marca de 17,27m e uma medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Munique-1972, saltando 17,05m (CBAT, 2009b).

Em seguida, veio João Carlos de Oliveira, mais conhecido como “João do Pulo”, com duas medalhas de bronze no salto triplo, sendo uma conquistada nos Jogos Olímpicos de Montreal-1976, saltando 16,90m e uma nos Jogos Olímpicos de Moscou-1980, saltando 17,22m. Mas, foi nos Jogos Pan-americanos do México-1975 que se consagrou campeão, superando o recorde mundial da prova com 17,89m, permanecendo como recordista por quase dez anos (CBAt, 2012a).

No feminino, Maurren Higa Maggi merece destaque, considerando a conquista da medalha de ouro no salto em distância nos Jogos Olímpicos de Pequim-2008, ao saltar 7,04m (CBAt, 2012b).

Além das conquistas brasileiras em Jogos Olímpicos, merece destaque a participação de atletas brasileiros no Campeonato Sul-americano de Atletismo, realizado pela primeira vez em 1919, em Montevideu, Uruguai. Em 1937, esse evento foi realizado pela primeira vez no Brasil, consagrando-o como campeão por equipes, sendo que desde 1974 não é superado nessa competição (CBAt, 2010b).

Em Jogos Pan-Americanos, realizados desde 1951, quando essa competição ocorreu em Buenos Aires, o atletismo brasileiro conquistou, até 2011, em Guadalajara, 160 medalhas, sendo 56 de ouro, 45 de prata e 59 de bronze (CBAt, 2010b).

O atleta João Carlos de Oliveira, antes mencionado é, até hoje, o atleta brasileiro com maior número de títulos em Jogos Pan-Americanos, sendo dois ouros no salto triplo e dois ouros no salto em distância (CBAt, 2012a).

Outro destaque do atletismo brasileiro na história dos Jogos Pan-Americanos é Claudinei Quirino da Silva, com cinco medalhas conquistadas no total, sendo elas, uma de ouro nos 200 metros rasos, duas de ouro no revezamento 4x100, uma de prata no revezamento 4x400 e uma de bronze nos 100 metros rasos (CBAAt, 2010a).

Se esses são dados pertinentes à organização e história do atletismo no Brasil, vejamos outros que caracterizam o salto em distância, objeto dessa pesquisa.

5.3.2. O salto em distância

Dentre as provas de saltos do atletismo, estão os saltos: em altura, com vara, em distância e triplo. A prova do salto em distância encontra-se no grupo de provas de saltos horizontais, que é composto pelo salto triplo e pelo salto em distância, objeto dessa pesquisa.

Para entendermos melhor como o salto em distância é executado hoje em dia, é importante dizer que ele é realizado dentro de uma área em que o atleta corre em uma pista com no mínimo 45 metros de comprimento. Após essa corrida, o atleta atinge a tábua de impulsão procurando saltar horizontalmente a maior distância possível, terminando com uma queda na caixa de areia.

O salto será medido horizontalmente entre a distância da tábua de impulsão até a marca deixada na areia pelo atleta, partindo da borda mais próxima da tábua de impulsão. Ou seja:

[...] A medição de cada salto deve ser feita imediatamente após a tentativa. Todos os saltos devem ser medidos a partir da marca mais próxima da área de queda feita por qualquer parte do corpo para a linha de queda, ou linha estendida da área de queda. A medição será feita perpendicular à linha de impulsão ou sua extensão (IAAF, 2009, p. 75).

Segundo Vieira (2007):

O salto em distância é uma das mais clássicas e antigas provas no atletismo. Descobertas arqueológicas revelaram vasos com cerca de três milênios que trazem ilustrações de competições de salto em distância durante Jogos Olímpicos da Antiguidade (p.64).

Há registros que mostram que essa prova era disputada nos Jogos da Antiguidade, sendo que um atleta conhecido como “Chionis de Esparta, em 656 a.C., teria saltado 7,05m”, marca que só foi igualada em 1884 pelo irlandês John Lane, isto é, após 2530 anos. Se esta informação for verídica, é, sem dúvida, o mais longo recorde atlético de que se tem conhecimento (CBAAt, 2010b).

A prova do salto em distância já esteve presente ao longo dos Jogos Olímpicos de diversas formas. Vieira (2007), por exemplo, lembra que “entre 1900 e 1912, houve provas do salto em distância a partir de um ponto estático (standing long jump). Ou seja, os atletas não podiam ganhar impulso com a corrida” (p. 65).

Podemos perceber que o salto em distância praticado pelos gregos era diferente do praticado atualmente. Os gregos utilizavam durante o salto, uma espécie de halteres de pedra nas mãos, acreditando que assim obteriam uma distância maior, no momento do impulso para o salto (CBAAt, 2010b). Ou seja, na elevação, os halteres ajudavam a obter uma altura maior, sendo que logo após essa fase, eram largados e o atleta caía na areia sem eles, sendo que “a técnica fazia com que os atletas atingissem uma distância até 30cm maior” (VIEIRA, 2007, p. 64).

Atualmente, são vários os estilos utilizados na prova do salto em distância, com destaque para o: grupado, arco e passada no ar (*hitch kick*) (MATTHIESEN, 2007).

O salto grupado é o mais indicado para a iniciação esportiva, por ser o mais simples de ser realizado. Nele, o saltador, após o impulso na tábua de impulsão, executa um grupamento dos membros inferiores e superiores a frente do tronco, a fim de atingir uma maior distância na queda (MATTHIESEN, 2007; 2009; PAISSAN, 1994).

Se pensarmos em uma sequência do estilo técnico mais fácil para o mais difícil, o salto utilizando a técnica do arco estaria em segundo lugar. Nesse tipo de salto o atleta, após executar o impulso na tábua de impulsão, estende os braços e pernas para trás, formando um arco. Porém, pouco antes de cair na areia, o saltador levará rapidamente os braços e pernas para frente do tronco, realizando um grupamento, antes de cair na caixa de areia (MATTHIESEN, 2007).

A passada no ar (ou *hitch kick*) pode ser considerada a mais difícil dentre os três estilos técnicos do salto em distância, já que consiste em realizar passadas no

ar, até a queda na caixa de areia, logo após a saída da tábua de impulsão (MATTHIESEN, 2007).

Segundo Matthiesen (2007), existe “a possibilidade de combinação de estilos técnicos, como, por exemplo, quando se realiza o movimento da passada no ar combinada com o arco no movimento da conclusão do salto” (p.113).

Por fim vale ressaltar que, independentemente do estilo técnico adotado, por regra, o atleta não poderá executar nenhum tipo de salto mortal (IAAF, 2009).

5.3.3. O “Mini Atletismo” e o atletismo na escola

Após essa breve descrição e histórico sobre a prova do salto em distância, gostaríamos de destacar que a intenção de trabalhar o atletismo na escola, mais especificamente o salto em distância, não é a de formar atletas e sim a de fazer com que as crianças conheçam e vivenciem uma prova pouco difundida no ambiente escolar.

Nesse sentido, Matthiesen (2009) propõe a utilização de jogos pré-desportivos para o trabalho do atletismo na escola, “envolvendo as habilidades motoras básicas de marchar, correr, saltar, lançar e arremessar” (p. 18).

Reforçando essa proposta Costa (1992) também propõe que o atletismo a ser ensinado em aulas de Educação Física deva se pautar, entre outras coisas, nos gestos motores básicos como: correr, saltar, lançar, arremessar, marchar, passando-se, posteriormente, a tarefas mais exigentes, passo a passo, fazendo com que o atletismo se aproxime das crianças pouco a pouco.

Nesta mesma corrente, Oro (1984) complementam afirmando que:

A iniciação ao atletismo – visto como conjunto de habilidades específicas – constitui a primeira fase do processo ensino-aprendizagem para as formas esportivas de caminhar, correr, saltar, lançar e arremessar, utilizadas no atletismo convencional (p. 2).

Ou seja, o professor de Educação Física deve ensinar o atletismo na escola como um processo facilitador do desenvolvimento do indivíduo, não visando à formação de atletas.

Na tentativa de preencher a lacuna em torno da ausência do atletismo na escola, a CBAAt, vem juntamente com a IAAF, promovendo um programa de difusão do atletismo chamado “Mini Atletismo”. Segundo informações da CBAAt e IAAF, o programa foi estudado por especialista do mundo e criado com o objetivo de levar as crianças com idade entre 07 à 12 anos, uma proposta de um atletismo mais “atraente, acessível e instrutivo” (IAAF, 2011, p. 7).

Esse programa visa levar para as crianças um tipo de competição adaptada para cada idade, sendo essas separadas por idade, em três faixas etárias: 7 a 8 anos; 9 a 10 anos e 11 a 12 anos. Dentro dessas faixas etárias, são formadas várias equipes, que competirão entre si.

Segundo seus criadores, o “Mini Atletismo” é simples de ser montado, necessitando apenas de um lugar plano, “(por exemplo: piso natural, grama ou asfalto de 60m x 40m)” para se montar um circuito com várias estações (IAAF, 2011, p. 12). Cada estação é composta por uma prova “adaptada” do atletismo e todas as crianças de cada equipe deverão passar por todas elas. Cada prova tem um sistema de pontuação próprio, sendo que cada criança recebe uma pontuação de acordo com o desempenho em cada uma. Ganhará a competição a equipe que obtiver a maior pontuação no geral (IAAF, 2011).

Embora essa seja uma forma importante para se difundir o atletismo, esse tipo de proposta não se adequa aos propósitos da Proposta Curricular de São Paulo (2008), uma vez que se limita, quase que exclusivamente, ao “saber fazer” e ao competir.

Ao nos remetermos à concepção de ensino contida em São Paulo (2008), não podemos deixar de ressaltar a sua preocupação em sistematizar os conteúdos, a fim de contribuir para que se quebre o paradigma presente há muitos anos na Educação Física Escolar, de que nessa disciplina deve-se apenas aprender a fazer, a executar movimentos e a jogar (procedimental). A Educação Física Escolar vai muito além disso, tanto que a Proposta Curricular (2008) traz outros aspectos a serem trabalhados na escola, como os conceituais e atitudinais.

Contribuindo com o que foi dito, Darido (2012) afirma que “para garantir um ensino de qualidade além de diversificar os conteúdos na escola é preciso

aprofundar os conhecimentos, ou seja, tratá-los nas três dimensões [...] ou seja, é preciso ir além do costumeiro jogar” (p.57).

As três dimensões do conteúdo citadas por Darido (2012), isto é, a conceitual, a procedimental e a atitudinal, são, também, mencionadas em São Paulo (2008) com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino, baseando-se nas teorias de Coll para quem o procedimental refere-se à prática das atividades e movimentos, isto é, ao “saber fazer”; o conceitual consiste em se entender o que se está fazendo, sabendo o porquê se está fazendo; e o atitudinal que se refere ao saber como agir, ao como se comportar diante do que se faz (COLL, 1998; DARIDO, 2012; BARROS, 2014).

Ao se referir à utilização dessas dimensões na prática docente, Darido (2012) ressalta que não há como trabalhar esses conteúdos separadamente, exemplificando como isso deveria ser feito:

[...] o professor solicita aos alunos para realizarem o aquecimento no início de uma aula. Enquanto eles executam os movimentos de alongamento e flexibilidade, o professor explica-lhes qual é a importância de realizar tais movimentos, o objetivo do aquecimento, quais grupos musculares estão sendo exigidos, entre outras informações. Assim, tanto a dimensão procedimental, como a conceitual são envolvidas na atividade (p.53).

Complementando essa ideia, Barros (2014) enfatiza que, dependendo dos objetivos a serem alcançados, essas dimensões podem ser trabalhadas em proporções diferentes e cabe ao professor buscar o equilíbrio necessário entre elas.

Sendo assim, a proposta desta pesquisa foi a de produzir um material didático, isto é, um DVD didático afinado com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo, que auxilie o professor no ensino do salto em distância, dando a ele subsídios e ampliando seus conhecimentos para o desenvolvimento de suas aulas na escola.

Vale destacar que o material produzido foi voltado ao professor, tendo seu conteúdo disponibilizado de forma que possa ser utilizado com seus alunos durante as aulas de Educação Física. No seu conteúdo, procurou-se abordar, de forma implícita, as dimensões conceituais, atitudinais e procedimentais, de forma inter-relacionada, mesmo que em alguns momentos uma dimensão possa ter tido um peso maior do que outras.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. O DVD didático “Salto em distância”

Neste tópico, serão apresentadas as narrações e a organização do DVD didático “Salto em distância”, produzido como parte desta pesquisa. As narrações serão divididas em vídeos, respeitando-se a ordem dos *menus* mencionados anteriormente no organograma do DVD (figura 1). Os dados técnicos do DVD, como: duração, resolução, sistema de cor e extensão, serão inseridos individualmente em cada vídeo, facilitando a compreensão do material.

No Quadro 3, referente ao Vídeo 1, foi criada uma animação com efeitos tridimensionais, contendo os logotipos dos três principais apoios do projeto.

Quadro 3 - Dados técnicos e narração do Vídeo 1.

Vídeo 1: “Apoio”
Dados técnicos: Resolução: 1280X720 (16:9) Duração: 44” Sistema de Cor: NTSC Extensão: avi FPS: 29
Descrição das imagens: Apresentação de três logotipos com efeitos tridimensionais dos principais órgãos de apoio, sendo eles: GEPPA (realização), UNESP (apoio científico) e CAPES (apoio financeiro).
Narração: não há.

O vídeo sobre o processo histórico do salto em distância procurou organizar cronologicamente parte da história desta prova, exibindo fatos e imagens relacionados ao seu surgimento até os dias atuais, tendo sido finalizado com a demonstração dos três estilos técnicos mais utilizados pelos atletas. No Quadro 4, podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 4 - Dados técnicos e narração do Vídeo 2.**Vídeo 2: “A história do salto em distância”****Dados técnicos:**

Resolução: 1280X720 (16:9)

Duração: 10' 23”

Sistema de Cor: NTSC

Extensão: avi

FPS: 29

Descrição das imagens: Fotografias de atletas e personalidades que marcaram época no salto em distância, vídeos históricos da modalidade e de atletas realizando os três estilos técnicos de salto (grupado, arco, passada no ar).

Narração:

O salto em distância é uma modalidade tão antiga quanto à corrida. Podemos dizer que esta prova do atletismo é reservada para atletas especiais, capazes de serem rápidos e fortes, a ponto de transformar toda sua velocidade em um salto horizontal.

O salto em distância é uma modalidade olímpica praticada desde os Jogos Olímpicos da Antiga Grécia. Alguns registros apontam seu surgimento em 776 a.C, junto à prova do pentatlo, que incluía o lançamento do disco, lançamento do dardo, corrida (*stadion* – cerca de 192 metros), luta grega, além do próprio salto em distância.

Porém, o salto em distância praticado nessa época era um pouco diferente do que é praticado nos dias de hoje, pois, ele era realizado partindo-se de um ponto parado, sem uma corrida prévia para pegar impulso. Esses saltadores carregavam halteres, ou pesos, mas mãos e durante o salto, os atletas balançavam os halteres na frente de seus corpos para aumentar o impulso à frente.

Somente nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, que aconteceu em Atenas, no ano de 1896, que o salto em distância deixou de ser praticado parado e foi concedida aos atletas que realizassem uma corrida para tomada de impulso, técnica que iremos aprender mais à frente.

O primeiro campeão olímpico da Era Moderna foi Ellery Clarck, que saltou a marca de 6,35m. Mas, foi somente em 1948, nas Olimpíadas de Londres, que as mulheres puderam competir no salto em distância em nível olímpico. A primeira campeã foi Olga Gyarmati, saltando 5,69m.

No ano de 1936, em Berlim, um negro espantou todos os espectadores e calou Hitler, vencendo os 100 e 200 metros rasos. Foi, com certeza, o maior responsável pela vitória da equipe norte americana, no revezamento 4x100m. Se

chamava Jesse Owens, vencendo sua quarta medalha de ouro olímpica no salto em distância, com a incrível marca de 8,06m. No segundo lugar, se classificou um alemão chamado Carl Long com a marca de 7,87 e em terceiro lugar um japonês chamado Naoto Tajima com a marca de 7,74m. Para se ter uma ideia, até aquele momento, nenhum ser humano havia superado a marca dos 8 metros!

Foi somente nas Olimpíadas de Roma, em 1960 que, novamente, um homem voltou a saltar, em uma edição de Jogos Olímpicos, uma marca superior aos 8m, com a marca de 8,12m, Ralph Harold Boston, bateu o recorde olímpico de Jesse Owens.

Já nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964, Boston, que era o favorito, pois um pouco antes, havia batido o recorde mundial que já era seu, saltando 8,34m, acabou perdendo a medalha de ouro para o Galês Lynn Davies, que saltou 8,07m, contra os 8,03m de Boston.

O atual recorde olímpico é de 8,90m e pertence ao norte americano Bob Beamon, que alcançou essa incrível marca nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, em 1968.

No Brasil, a nossa maior referência no salto em distância é a saltadora Maurren Higa Maggi, que se sagrou campeã olímpica nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008, saltando 7,04m.

Maurren é nossa atual recordista brasileira, com a marca de 7,26m, realizada na cidade de Bogotá, Colômbia no ano de 1999.

Os estilos técnicos do salto em distância:

Pudemos assistir anteriormente ao processo histórico do salto em distância, onde vimos uma mudança substancial na regra, no ano de 1896, quando o salto em distância deixou de ser praticado parado e foi adicionado a ele uma corrida.

Atualmente, existem diversos estilos técnicos para a realização do salto, mas todas elas passam por 4 fases, sendo elas: corrida, impulso, voo e queda. Podemos dizer que entre os diferentes estilos técnicos, a única mudança substancial nessas 4 fases está na fase de voo, onde após a impulsão realizada na tábua, realiza-se uma fase aérea.

Os três principais estilos técnicos utilizados pelos atletas são: grupado (*stride jump*), arco (*hang style*) e pedalada no ar (*hitch kick*).

Salto grupado:

Este é um salto utilizando a técnica do salto grupado, o estilo mais indicado para a iniciação esportiva do salto em distância e será o estilo que iremos aprender nas nossas aulas práticas.

Após a impulsão na tábua, se inicia a fase aérea, onde as pernas são fletidas para frente e para o alto. Ao alcançar a máxima elevação no ar, o tronco se flexiona com os braços à frente, em direção à ponta dos pés, e bruscamente atrás depois,

até a queda na areia.

Salto arco:

Este é um salto utilizando a técnica do arco. Nesta técnica, podemos observar que após o impulso na tábua, o atleta mantém o troco por mais tempo ereto, com os braços e pernas mais retraídos. Pouco antes da queda, trás bruscamente os braços e as pernas juntos a frente do corpo, em seguida caindo na areia.

Salto passada no ar:

Esta é a técnica mais difícil de ser executada entre as três. Nela, o atleta, após a impulsão na tábua, executa como se fossem “passadas no ar”. Alguns chamam também de passadas falsas. A quantidade de passadas no ar pode variar de atleta para atleta, podendo ser de uma e meia até mesmo três pedalas e meia no ar.

Vale ressaltar que também é comum ver atletas realizando duas técnicas juntas no mesmo salto, ou seja, começar com a pedalada e, ainda no ar, executar o arco antes de cair na areia.

O vídeo sobre os recordes foi elaborado com o objetivo de trazer aos alunos as imagens dos saltos dos recordes mundiais do salto em distância. No Quadro 5 podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 5 - Vídeo Dados técnicos e narração do Vídeo 3.

Vídeo 3: “Recordes do salto em distância”
Dados técnicos: Resolução: 1280X720 (16:9) Duração: 11’ 22” Sistema de Cor: NTSC Extensão: avi FPS: 29
Descrição das imagens: Fotografias dos recordistas mundiais do salto em distância (masculino e feminino) e vídeo dos saltos de seus respectivos recordes, bem como, fotografias dos recordistas brasileiros do salto em distância (masculino e feminino) e vídeos de saltos dos referidos atletas.
Narração:

Mike Powell:

Nascido na Philadelphia, Estados Unidos, no dia 10 de novembro de 1963, Michael Anthony Powell, mais conhecido como Mike Powell, demorou a ter resultados expressivos internacionalmente no atletismo. Foi somente em 1987 que registrou a marca de 8,27m, no Japão.

No ano seguinte, em 1988, participou de seu primeiro Jogos Olímpicos em Seul, na Coreia, onde acabou sendo superado por seu compatriota Carl Lewis, ficando assim, com a medalha de prata. O mesmo fato ocorreu quatro anos mais tarde, em 1992, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha. Quando também foi superado por Carl Lewis, ficando com a medalha de prata novamente.

Mas, foram nos Campeonatos Mundiais que Powell teve mais sorte, onde pôde conquistar a medalha de ouro por duas vezes: uma no Campeonato Mundial de Tóquio, no Japão, em 1991 e outra no Campeonato Mundial de Stuttgart, na Alemanha, em 1993.

Foi exatamente no dia 30 de agosto de 1991, no Campeonato Mundial de Tóquio, que Mike Powell pôde vencer em grande estilo o seu compatriota Carl Lewis. Após uma intensa disputa pela primeira posição e saltos espetaculares dos dois atletas, acima de 8,80m, Mike Powell bate o recorde mundial do salto em distância que antes pertencia ao também norte americano Bob Beamon desde 1968, obtendo a incrível marca de 8,95m e sagrando-se campeão mundial.

Mike Powell é também detentor do salto mais longo do mundo, com 8,99m. Foi na cidade italiana Sestriere, em 1992, mas, esse recorde não pôde ser homologado, pois, o vento era superior a 2,0 m/s a favor do atleta.

A seguir, iremos assistir ao vídeo da quebra do recorde mundial, com um salto de 8,95m.

Galina Chistyakova:

Nascida em Izmail, Ucrânia, antiga URSS, no dia 26 de julho de 1962, Galina Valentinovna Chistyakova, conhecida como Galina Chistyakova, é a atual recordista mundial do salto em distância feminino.

Foi exatamente no dia 11 de junho de 1988 que Galina alcançou a incrível marca de 7,52m em Leningrado (URSS). Neste mesmo ano, no dia 29 de setembro, Galina acabou ficando com a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Seul, Coreia em 1988, saltando 7,11m. A campeã olímpica daquele ano foi a norte americana Jackie Joyner, com a marca de 7,40, seguida pela alemã Heike Drechsler, com a marca de 7,22m.

No ano seguinte, em 1989, Galina foi campeã mundial e europeia *indoor*, ou seja, em pista coberta, e em 1990 se sagrou bicampeã europeia *indoor*. Neste mesmo ano, Galina fez uma cirurgia no joelho e, desde então, não conseguiu mais manter os mesmos resultados.

A seguir iremos assistir à quebra do recorde mundial, com um salto de

7,52m.

Maurren Maggi

Nascida em São Carlos, no interior de São Paulo, no dia 25 de junho de 1976, Maurren Higa Maggi, mais conhecida como Maurren Maggi, é a atual recordista brasileira e sul-americana do salto em distância feminino com a marca de 7,26m, obtida exatamente no dia 26 de junho de 1999 em Bogotá, Colômbia. Essa marca fez com que ela terminasse o ano como a saltadora número 1 do mundo.

Maurren iniciou sua carreira no atletismo no ano de 1996 e é, atualmente, o maior nome do atletismo feminino brasileiro, além dos recordes que acumula em sua carreira. Entre outros títulos, ela é tricampeã Pan-americana, Winnipeg 1999, Rio de Janeiro 2007 e Guadalajara 2011 e campeã olímpica do salto em distância, conquistando essa inédita medalha para o atletismo feminino brasileiro nos Jogos Olímpicos de Pequim, no dia 22 de agosto de 2008, saltando a marca de 7,04m.

A seguir, iremos assistir ao salto em que Maurren Maggi conquista a medalha de ouro para o Brasil.

Douglas de Souza

Douglas de Souza, atleta paulista, teve sua promissora carreira interrompida por um trágico acidente automobilístico no final de 1998. Treinado por Pedro Toledo, o mesmo treinador do nosso famoso campeão João do Pulo, era visto como um precioso atleta, cheio de talento.

Por ter tido uma carreira curta, foram poucos os vídeos encontrados deste atleta. Carreira curta, mas, o suficiente para conseguir registrar o recorde brasileiro no salto em distância, obtendo no dia 15 de fevereiro de 1995, na cidade de São Paulo, a marca de 8,40m.

Douglas chegou a conseguir o índice e participar dos Jogos Olímpicos de Atlanta, EUA, em 1996, mas, não conseguiu um bom salto e não se classificou para a final. Douglas faleceu aos 26 anos de idade. A seguir veremos alguns saltos do nosso recordista.

O vídeo das regras foi elaborado para poder ilustrar melhor as principais regras do salto em distância. Por meio de imagens e ilustrações, a compreensão do conteúdo foi facilitada. No Quadro 6, podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 6 - Dados técnicos e narração do Vídeo 4.

Vídeo 4: “Regras do salto em distância”

Dados técnicos:

Resolução: 1280X720 (16:9)

Duração: 10' 47"

Sistema de Cor: NTSC

Extensão: avi

FPS: 29

Descrição das imagens: vídeo editado com imagens e filmagens do setor dos saltos horizontais e desenhos feitos no *Photoshop* para ilustrar o setor dos saltos horizontais e a tábua de impulsão.

Narração:

Neste vídeo iremos aprender as regras oficiais do salto em distância.

Este é o setor dos saltos horizontais, onde são realizados o salto triplo e o salto em distância, que é o tema da nossa aula de hoje!

Para um melhor entendimento das regras, iremos dividir o setor de saltos em três partes, sendo elas:

- O corredor de saltos, que é onde os atletas realizam uma corrida antes de saltar;
- A tábua de impulsão, onde os atletas baterão o pé para iniciar o salto
- A caixa de areia, onde os atletas cairão finalizando o salto.

O corredor

Como sabemos, é nele que o atleta faz a sua corrida de aceleração para saltar. Segundo as regras oficiais da IAAF, ele deverá ter no mínimo 40 metros de comprimento e uma largura que fique entre 1,22m a 1,25m.

A tábua

A tábua de impulsão é o local onde o atleta deverá bater o pé ao final da sua corrida, para assim, realizar o seu salto. É nela que encontraremos a linha de medição que representa o ponto limite onde o atleta poderá realizar o seu salto. Após essa linha, o seu salto será considerado inválido.

A plasticina vem logo após a linha de medição. Ela é feita com uma massa sintética, muito parecida com as massinhas de modelar e tem a função de identificar quando o atleta ultrapassa a linha de medição, pois, deixa nessa massa uma marca. A plasticina deverá ser posicionada por todo o comprimento da tábua e ter uma largura de 10cm.

A tábua deverá ser posicionada no corredor de salto há uma distância que fique entre 1m a 3m da borda do setor de queda e deverá ser posicionada no mesmo nível da pista e do setor de queda. Esta tábua deverá seguir algumas

medidas, que são as seguintes: ter o seu comprimento igual à largura do corredor, ou seja, ter entre 1,22m e 1,25m e a sua largura deverá ter 20cm.

Para que fique mais claro a queima (tentativa inválida) do salto na tábua de impulsão, podemos ver na imagem, dois exemplos: à esquerda, um salto válido - e a direita, um salto falho, ou inválido.

Caixa de areia e setor de queda

Esta é a caixa de areia, local onde os atletas caem após o salto. Seu interior é cheio de areia e deverá estar nivelado com a tábua e o corredor de salto, como aprendemos anteriormente. O seu comprimento total deve ser de, no mínimo 10m. Essa medida é feita a partir da linha de medição até o fundo da caixa de areia.

Esta caixa deverá ter uma largura mínima de 2,75m, que é exatamente a largura mínima do setor de queda, o qual iremos aprender a seguir.

Esta é a visão frontal da caixa de areia, onde está demarcado o setor de queda. Ele deverá ter entre 2,75m a 3m de largura. Sempre que possível, o meio do setor de queda deverá coincidir com o meio do corredor.

Como podemos notar nesta imagem, este setor de saltos possui dois corredores. Por este motivo, a caixa de areia é mais larga que os 3m, permitindo, assim, que se monte um setor de queda em qualquer um dos corredores.

As regras da competição

Esta é uma súmula do salto em distância, que serve para marcar os saltos realizados na competição. Ela servirá para entendermos melhor outras regras.

Cada competidor terá direito a três tentativas de salto. Essas são chamadas de “saltos preliminares”. Após essas três tentativas preliminares, o árbitro da competição deverá marcar o maior salto de cada competidor, para assim fazer a classificação provisória, identificando os oito melhores competidores, ou seja, os que atingiram as maiores distâncias.

Após essa classificação, os oito melhores atletas terão o direito a mais três tentativas cada, que são chamados de “saltos finais”. Ao final de todos os saltos, o árbitro deverá fazer a classificação de todos os saltos, determinando, assim, os vencedores. Se caso a competição tiver oito ou menos atletas, todos terão direito a seis tentativas.

O salto será anulado se:

- O atleta iniciar o seu salto além do tempo disponível, ou seja, 1 minuto para cada tentativa;
- Realizar a impulsão para frente da linha de medição, como vimos anteriormente. Mas, se o atleta realizar a sua impulsão antes da tábua, o seu salto será considerado válido.
- Fazer a impulsão ultrapassando as linhas laterais que demarcam o

corredor, conseqüentemente, a tábua;

- Após a queda na caixa de areia, o atleta que voltar pela caixa de areia no sentido contrário ao do salto;
- Realizar qualquer tipo de salto mortal;
- Realizar o impulso utilizando os dois pés simultaneamente;
- Realizar o salto e cair para fora da área de queda.

Como medir o salto

A distância do salto é medida desde a marca mais próxima deixada pelo atleta na areia, feita por qualquer parte do corpo, até a linha de medição, que se localiza ao final da tábua, como vimos anteriormente.

O “zero” da trena deverá ser posicionado na marca deixada pelo atleta na areia, enquanto a outra parte da trena é esticada em direção à linha de medição, que é onde o árbitro fará a leitura. Vence a prova, o atleta que saltar a maior distância ao final de todas as tentativas que for de direito.

Velocidade do vento

Em competições oficiais é colocado junto ao setor de saltos um aparelho chamado anemômetro, como esse que vemos na imagem. Sua função é medir a velocidade do vento no momento em que o atleta realizar seu salto.

Para que um salto seja homologado como recorde, ou seja, para que ele seja validado, a velocidade do vento não poderá ultrapassar os 2m/s a favor do atleta, ou seja, esse vento não pode auxiliá-lo empurrando o atleta pelas costas, no sentido da corrida. Caso o vento seja contra o atleta, ou seja, no peito, não haverá nenhum problema, pois, o atleta não terá nenhuma vantagem, pelo contrário.

Para que isso fique bem claro, a regra do vento serve apenas para registrar (ou não) um recorde, mesmo se um atleta tenha um salto com o vento acima dos 2m/s. Esse salto será válido para a competição e não será válido apenas como registro de recorde.

Revisão

Chegou a hora da revisão. Este é o setor dos saltos horizontais. Ele é dividido em três partes:

- O corredor, que deve ter no mínimo 40m de comprimento, contados a partir da linha de medição, por uma largura entre 1,22m e 1,25m;
- A caixa de areia, que deve ter um comprimento total mínimo de 10m, contando a partir da linha de medição e uma largura mínima de 2,75m;
- A tábua de impulsão ou tábua de batida: ela deve ser posicionada no corredor, a uma distância que fique entre 1m à 3m da caixa de areia. A

seguir, iremos ver mais detalhadamente esta tábua.

Na tábua de impulsão encontraremos a linha de medição, que é o ponto limite da tábua e a plasticina, que servirá para identificar quando um atleta ultrapassa a linha de medição. A tábua tem um comprimento que acompanha a largura do corredor, devendo medir entre 1,22m a 1,25m, sua largura deverá ser de 20cm. A plasticina deverá ter o mesmo comprimento da tábua e uma largura de 10cm.

Dentro do DVD didático, foram propostas 5 aulas de 50 minutos, visando o ensino do salto em distância, sendo a primeira (aula teórica) realizada inteiramente em sala de aula e as quatro seguintes (aulas práticas) na quadra esportiva/pista de atletismo.

Tal sistematização foi pensada a fim de contemplar os aspectos técnicos e táticos, as regras e o processo histórico, como indicado na Proposta Curricular do Estado de São Paulo, visando transformar as experiências do “Se-movimentar” vivenciadas nas séries anteriores, em experiências esportivas do salto em distância, de forma sistematizada, em relação às regras e aos objetivos (SÃO PAULO, 2008). Assim, a sequência pedagógica que se seguirá, prevê que o aluno deverá, num primeiro momento, conhecer a modalidade esportiva por meio de vídeos, para que, posteriormente, possa vivenciá-la praticamente.

A aula 1 tem um caráter predominantemente conceitual e atitudinal. Nela, o professor irá exibir três vídeos, sendo um sobre a história do salto em distância, outro contendo imagens dos recordistas, dos seus respectivos recordes e breve histórico de vida e o ultimo composto pelas regras da modalidade. Após a exibição de cada vídeo, o professor deverá fazer alguns comentários sobre o que foi exibido e sobre o que ainda será. No Quadro 7, podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 7 - Dados técnicos e narração do Vídeo 5.**Vídeo 5: “1ª aula: Conhecendo o salto em distância”****Dados técnicos:**

Resolução: 1280X720 (16:9)

Duração: 5' 53”

Sistema de Cor: NTSC

Extensão: avi

FPS: 29

Descrição das imagens: Imagens e textos corridos sobre a tela referentes ao conteúdo narrado.

Narração:Objetivo da aula

O objetivo desta aula é discutir os aspectos referentes ao processo histórico do salto em distância e as regras básicas, visando trabalhar essa modalidade na prática nas aulas subsequentes.

Recursos didáticos

Os recursos utilizados para essa aula serão o DVD didático “salto em distância”, recursos multimídia para exibição do mesmo, como, por exemplo, aparelho de DVD, televisor, Datashow, computador, etc.

Sistematização da aula

Recepcione os alunos na sala de aula, faça uma conversa inicial sobre o salto em distância e pergunte aos alunos se eles já viram essa prova do atletismo, se já a praticaram ou se conhecem alguém que a pratica. Isso, com certeza, contribuirá para retomem alguma de suas experiências anteriores relacionadas a essa prova do atletismo.

Explique aos alunos que serão 3 vídeos exibidos nesta aula, sendo eles, o vídeo sobre o processo histórico, sobre os recordes e as regras. Após essa conversa, inicie a exibição dos vídeos.

Video 1 – Processo histórico

Comece pelo Vídeo 1 referente ao processo histórico, contendo a origem do salto em distância e os principais atletas que fizeram história nesta prova. Solicite a atenção dos alunos para a evolução dos estilos de saltos mais utilizados atualmente. Isso facilitará o processo de aprendizagem na prática do estilo grupado, que será ensinado na 4ª. aula.

Após a exibição deste vídeo, discuta-o com os alunos. Pergunte, por exemplo, do que mais gostaram; se lembram do nome de algum atleta; como era a forma com que saltavam; peça para que citem o nome dos três estilos exibidos no vídeo; qual a principal diferença entre o salto em distância praticado pelos gregos antigos para a modalidade que é praticada atualmente.

Prepare os alunos para assistirem o vídeo seguinte sobre os recordes mundiais e brasileiros, solicitando que fiquem atentos as diferentes formas de saltar utilizadas por cada um dos atletas e as marcas por eles conquistadas.

Vídeo 2 – Os recordes mundiais e brasileiros

Exiba o Vídeo 2, contendo os recordes mundiais e brasileiros do salto em distância, isso contribuirá para a complementação do vídeo anterior e levará ao conhecimento dos alunos, algumas imagens dos recordistas e dos próprios recordes que eles alcançaram, imagens que dificilmente eles tenham tido acesso.

Discuta o vídeo com os alunos e pergunte, por exemplo:

Quais as diferenças que eles conseguiram observar nas diferentes formas de saltar? Qual, segundo eles, é a mais fácil de executar? Esse tema deverá retornar na 4ª aula, quando será ensinado o salto agrupado, pois é o estilo mais fácil de aprender e indicado para a iniciação do salto em distância.

Além disso, discuta com os alunos a supremacia dos negros na prova do salto em distância e sobre a diferença no desempenho entre homens e mulheres no atletismo. Ampliando a possibilidade de reflexão acerca desse conteúdo.

Vídeo 3 – Regras do salto em distância

Exiba o Vídeo 3 sobre as regras do salto em distância, isso contribuirá para um maior entendimento dos alunos sobre as regras do salto em distância, facilitando o aprendizado na prática.

Discuta o vídeo com os alunos. Enfatize, por exemplo, a importância da velocidade do vento na homologação dos recordes, ressaltando que no vídeo anterior, Mike Powell teve um salto de 8,99m não homologado por conta da ajuda do vento.

Ressalte alguns aspectos das regras, como: a queima, como é feita a medição do salto e que há um número de tentativas para cada atleta. Esse tema deverá retornar na 3ª e 5ª aula, quando os alunos terão a oportunidade de realizar a fase de corrida de aproximação de 10 passadas e a execução do salto em distância propriamente dito.

Encerramento da aula

Promova uma atividade de reflexão, instigando-os a discutir assuntos relacionados ao uso de *doping* no atletismo e vários outros esportes, como por exemplo, o caso da atleta Maurren Higa Maggi ocorrido no ano de 2003, pouco antes dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingos, fato que acabou excluindo a

atleta dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Explore esse assunto se achar pertinente.

Finalize a aula solicitando aos alunos que pensem em uma brincadeira de rua que eles brincam ou já brincavam e que envolvia ou envolve algum tipo de salto. Isso será ponto de partida para a próxima aula.

Na aula 2, o professor irá resgatar, junto com os alunos, as brincadeiras de rua que eles costumavam brincar quando eram mais novos. Neste dia, o professor poderá optar por “brincar” com os alunos utilizando algumas brincadeiras citadas pela turma ou seguir os exemplos de atividades que serão propostas no vídeo. Como iremos perceber, nas aulas subsequentes, ou seja, da aula 2 à aula 5, todas possuem um caráter predominantemente procedimental, embora não se exclua o caráter conceitual e atitudinal, os quais apareçam em menor destaque, respeitando-se, portanto, os objetivos delineados por São Paulo (2008). No Quadro 8, podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 8 - Dados técnicos e narração do Vídeo 6.

Vídeo 6: “2ª aula: Brincando de saltar”
Dados técnicos: Resolução: 1280X720 (16:9) Duração: 7' 30” Sistema de Cor: NTSC Extensão: avi FPS: 29
Descrição das imagens: Imagens gravadas em um ginásio coberto e uma quadra poliesportiva de garotos e garotas executando cada brincadeira narrada pelo pesquisador.
Narração: <u>Objetivo da aula</u> Esta aula tem como objetivo vivenciar as brincadeiras de rua, relacionados com o ato de saltar, contribuindo para relembrar atividades distintas relacionadas a prova do salto em distância.

Recursos utilizados para a aula

Bolas, cones, giz, fita adesiva, sacos de pano etc.

Sistematização da aula

Ao iniciar a aula, pergunte aos alunos quais as brincadeiras de rua que eles se recordam que envolve algum tipo de salto. Cada aluno deverá dizer uma. Vale lembrar que isso foi pedido para os alunos ao final da aula anterior.

Escolha algumas brincadeiras relembraça pelos alunos ou realize as brincadeiras exemplificadas a seguir como: mamãe da rua pulando com um pé só, pula carniça e corrida de saco.

1ª brincadeira: Mamãe da rua pulando em um pé só

Rabisque, na quadra, duas linhas paralelas com distância de aproximadamente 3 metros entre elas. Essas linhas determinarão o espaço da rua, ou seja, o espaço que se formou entre as linhas será a rua, os espaços para fora serão as calçadas. Escolha uma ou duas crianças para serem a “mamãe da rua”. A escolha de uma ou duas crianças dependerá do número de alunos da classe e a dificuldade que você decidir impor aos alunos.

Divida o restante da sala em dois grupos. Cada grupo ficará em uma calçada e deverá atravessar a rua em direção a outra calçada sem ser pego pela “mamãe da rua”. Os alunos deverão atravessar a rua obrigatoriamente pulando em um pé só. O aluno que tentar atravessar de outra maneira será considerado pego. Vence a brincadeira, o grupo que ficar com o maior número de jogadores ao final de um tempo previamente determinado.

Essa brincadeira poderá ser realizada sem o caráter competitivo entre os grupos. Após escolher os pegadores, o restante da classe poderá atravessar a rua livremente (sempre pulando em um pé só). Porém, quem for pego, passará a ser o pegador, o que proporcionará uma alternância entre os pegadores.

2ª brincadeira: Pula sela ou pula mula

Divida a sala entre grupos de 10 a 15 alunos, para que todos consigam brincar ao mesmo tempo. Cada grupo deverá formar uma coluna, deixando um espaço entre os alunos de cada fila entre 2 a 3 metros. O aluno da frente deverá assumir a posição de “sela”, ou seja, agachado no chão. O aluno seguinte da coluna será o saltador e deverá saltar por cima do aluno a sua frente. Ao saltar esse aluno, o saltador deverá se curvar e assumir a posição de sela, para que os demais também possam saltá-lo. Esse processo terá continuidade até que todos os alunos da coluna tenham passado pela posição de saltador.

Algumas variações poderão ser feitas na brincadeira, a fim de torna-la mais atrativa para os alunos, como por exemplo: saltar e bater uma palma no ar, saltar apoiando apenas uma das mãos nas costas da “sela”, saltar apoiando apenas os dedos na “sela”, saltar e fazer um giro de 360° e dar um grito.

3ª brincadeira: Corrida de saco

Divida a sala em dois ou mais grupos, procurando mesclar meninos e meninas. Determine uma linha de saída e um ponto para o retorno dos alunos. Os grupos deverão ser colocados em colunas atrás da linha de saída, podendo utilizar a linha de fundo da quadra de voleibol com este fim. O ponto de retorno poderá ser colocado na linha de fundo oposta ou em outra linha com mais de 10 metros de distância entre elas.

Os alunos, um a um, deverão colocar os pés dentro do saco. Vestir o saco e sair pulando em direção ao ponto de retorno (cone, bandeirinha, ou qualquer objeto que possa representar esse ponto), fazendo a volta por ele e voltando em direção ao próximo colega no ponto de saída.

O próximo da fila deverá vestir o saco e percorrer a mesma distância e entregar o saco ao próximo e assim, sucessivamente, até que o último aluno percorra a distância. Vence a brincadeira o grupo que chegar primeiro sem infringir nenhuma regra.

As principais regras:

- Regra 1 – um aluno por vez, sendo que todos os alunos deverão percorrer a distância pré-definida;
- Regra 2 – a distância deverá ser percorrida, saltando com as pernas enfiadas dentro o saco;
- Regra 3 – o aluno deverá passar por trás do ponto de retorno, sendo que o saco poderá ser trocado de aluno apenas atrás da linha de saída.

Algumas considerações sobre as atividades

- Proponha aos alunos a realização de atividades que foram lembradas anteriormente. Escolha, pelo menos, três brincadeiras a serem realizadas em uma aula de 50 minutos;
- Inicie por uma brincadeira que envolva a sala toda e que não tenha o caráter de competição entre grupos, como por exemplo, “mamãe da rua” ou “pula carniça”;
- Procure deixar para as últimas brincadeiras aquelas com caráter competitivo, como por exemplo, corrida de saco, entre outras.

Encerramento da aula

Associe as brincadeiras realizadas na aula com o salto em distância, relembrando alguns aspectos das regras e objetivos da prova. Por exemplo:

- Os atletas deverão respeitar as regras para que não sejam desclassificados;

- Os atletas deverão saltar após uma corrida de aproximação (tema da aula seguinte);
- A tábua de impulsão não poderá ser ultrapassada, caso isso aconteça o salto será invalidado;
- O salto deverá ser realizado com apenas um pé de impulso;
- Após o salto, o atleta deverá sair da caixa de areia sempre para frente da marca. Se ele se virar e voltar em direção contrária, o salto será anulado;
- A medição do salto deverá ser feita partindo com o zero da trena na marca mais próxima deixada pelo atleta na areia em relação à tábua, a trena será esticada até passar da tábua, porém a leitura será feita na linha de medição;
- O atleta terá direito a três tentativas iniciais. Após classificar os atletas, os oito melhores terão direito a mais três saltos;
- Vencerá a prova o atleta que saltar mais longe, respeitando todas as regras.

Na aula 3, o professor irá falar para os alunos da importância de uma corrida de aproximação e de se ter uma marca de saída, ensinando-os a fazê-la. No Quadro 9 podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 9 - Dados técnicos e narração do Vídeo 7.

Vídeo 7: “3ª aula: Corrida de aproximação para o salto”
Dados técnicos: Resolução: 1280X720 (16:9) Duração: 11’ 20” Sistema de Cor: NTSC Extensão: avi FPS: 29
Descrição das imagens: Imagens gravadas em um ginásio coberto e uma quadra poliesportiva de garotos e garotas executando as atividades narrada pelo pesquisador.
Narração:

Objetivo da aula

O objetivo desta aula é ensinar a corrida de aproximação e a identificar a marca para a corrida de aproximação de 10 passadas.

Recursos para a aula

Giz para a marcação da quadra ou fita adesiva, caixotes, banco seco ou tampa de plinto e colchonetes.

Sistematização da aula (conversa inicial)

Inicie a aula lembrando as regras citadas no Vídeo 3. Ao final da aula anterior, exiba uma imagem do setor de salto e explique que esse local é dividido em três partes: corredor, tábua de impulsão e setor de queda ou caixa de areia.

Após a exibição da imagem e explicação das medidas do setor de salto, enfatize a parte da corrida, que será realizada no corredor, a qual deverá terminar na tábua de impulsão, onde o atleta deverá realizar o salto sem que ultrapasse a linha de medição. Pergunte também aos alunos se os atletas podem realizar o salto com os dois pés juntos e se existe um pé certo para realizar o salto. Posteriormente, relembre o que foi visto no vídeo das regras sobre o assunto.

Desenvolvimento das atividades práticas

Inicie o aquecimento com um pega-pega (aproximadamente 5 minutos de duração). Isso servirá para preparar os alunos para as atividades subsequentes de maior intensidade. Após o aquecimento, inicie com os alunos um alongamento dando ênfase aos membros inferiores. Se preferir, poderá seguir alguns exemplos como estes dados no vídeo que estão assistindo.

Após o alongamento, inicie as atividades de coordenação motora para corrida e saltos. Estes educativos contribuirão para que os alunos aprendam a correr de forma coordenada, melhorando a amplitude das passadas, o trabalho dos braços, a impulsão e o controle do corpo na hora do salto. Tem como objetivo melhorar a velocidade e o aproveitamento da corrida até a fase de impulsão.

Skippping

Este é o *Skippping*, corrida com elevação alternada dos joelhos até a altura da cintura, trabalhando os movimentos de braço alternados com as pernas (braço direito com perna esquerda, braço esquerdo com perna direita);

Anfersen

Este é o *Anfersen*, corrida com o calcanhar batendo no glúteo, coordenando os braços como no *skippping* e o tronco deverá estar levemente inclinado para frente.

Hopserlauf

Este é o *Hopserlauf*, sucessão de saltos para cima em progressão, com elevação alternada dos joelhos até a altura dos quadris, deixando a perna de

impulso em extensão, ou seja, reta e movimentando os braços alternadamente com as pernas, sempre em direção ao alto.

Soldadinho

Este é o soldadinho, movimento ritmado de corrida com as pernas estendidas, tocando somente a ponta dos pés no chão e trabalhando o movimento dos braços alternadamente com as pernas. Nesse movimento, a criança deverá ficar com o tronco reto, evitando inclinar para frente ou para trás.

Identificar a perna de impulsão

Esta atividade visa identificar a perna mais forte para a execução do salto, fazendo com que o aluno aproveite melhor sua tentativa de salto. Siga os passos a seguir para a realização da atividade.

Com os pés juntos, peça para que os alunos deixem o corpo cair para frente. Observe que automaticamente uma perna irá para frente para proteger contra a queda. A perna que for para frente será a perna dominante ou perna de impulso.

Corrida de aproximação com 10 passadas

O objetivo desta atividade será de fazer com que os alunos aprendam a realizar uma corrida de aproximação com 10 passadas, fazendo com que os alunos minimizem as tentativas falhas durante o salto. Ou seja, ao realizar corretamente essa corrida, dificilmente o aluno irá queimar uma tentativa de salto. Veja agora no vídeo o passo a passo para a realização dessa atividade.

Primeiramente, separe os alunos em duplas, para que um auxilie o outro. Defina um ponto de partida para a corrida, podendo ser, por exemplo, a linha de fundo da quadra. A partir dessa linha, faça com que os alunos realizem uma corrida de 10 passadas.

Ao iniciar essa corrida, com o pé de impulso sobre a linha e sempre com a observação do colega de dupla, o aluno deverá contar o primeiro passo a partir do pé contrário ao de impulso. Ou seja, se o pé de impulso for o direito, o primeiro passo será contado a partir do momento que o pé esquerdo tocar o solo, neste caso, o pé contrário ao de impulso. Esse será o primeiro passo dos 10 que virão a seguir.

Vale ressaltar que a função do colega de dupla será o de contar e identificar onde foi que o companheiro que realizou a corrida, tocou o solo pela décima vez. Esse local será denominado como marca de saída, a partir do qual, iniciará sua corrida em direção à tábua de impulsão para a realização do impulso.

Após a identificação da marca, faça com que os alunos testem sua corrida e verifique se a marca realizada está correta. Caso ocorra algum problema, essa marca poderá ser ajustada levando o ponto de partida, um pouco à frente ou atrás, dependendo da necessidade de cada caso. Após a confirmação da marca, ensine os alunos a medir a distância da sua marca com os pés, a fim de reproduzirem a marca quando forem saltar novamente. Peça para que cada aluno memorize sua

marca em quantidade de pés.

Salto sobre o caixote (MATTHIESEN, 2009)

Coloque sobre a linha do meio da quadra um banco sueco ou um caixote ou, até mesmo, a tampa de um plinto. Divida a sala em grupos de acordo com o número de caixotes que possuir, para que o maior número de alunos faça a atividade ao mesmo tempo. Se julgar necessário, posicione alguns colchonetes logo após o caixote, para que os alunos saltem e caiam em cima deles, evitando que se machuquem.

Como podemos observar no vídeo, o aluno deverá iniciar sua corrida de forma livre em direção ao caixote, realizar o salto com a perna de impulso impulsionando no caixote e caindo sobre os colchonetes. Lembre-se que o objetivo dessa aula é a corrida e a perna de impulso e não a técnica do salto. Esse assunto será abordado na aula seguinte. Deixe os alunos saltarem livremente.

Fica a seu critério utilizar também nesta atividade a corrida com 10 passadas, mas, evite que os alunos façam uma corrida com mais de 10 passadas, limitando assim sua velocidade e, conseqüentemente, a distância do salto, pois, quanto maior a distância eles tiverem para correr, maior será a velocidade e, conseqüentemente, mais longe o aluno irá saltar. Quanto mais longe saltar, maior a chance de se machucar caso o salto não seja realizado em uma caixa de areia.

Encerramento da aula

Relembre a vantagem de o atleta treinar bem a sua marca, a fim de aproveitar toda a velocidade na corrida de aproximação, sem se preocupar em queimar sua tentativa. Mostre para os alunos as imagens da tábua de impulsão durante uma tentativa válida e de uma inválida. Relembre, novamente, os números de tentativas que cada atleta possui e relembre, também, os estilos de saltos mais utilizados no salto em distância, tema da próxima aula.

Na aula 4, o professor irá recordar os três estilos de saltos mais comuns realizados pelos atletas e visto nos vídeos. Posteriormente, ensinará passo a passo, por meio de várias atividades educativas, o salto grupado, que é o mais indicado para a iniciação do salto. No Quadro 10 podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 10 - Dados técnicos e narração do Vídeo 8.

Vídeo 8: “4ª aula: Aprendendo o salto grupado”

Dados técnicos:

Resolução: 1280X720 (16:9)

Duração: 7' 54"

Sistema de Cor: NTSC

Extensão: avi

FPS: 29

Descrição das imagens: Imagens gravadas em um ginásio coberto de garotos e garotas executando as atividades narrada pelo pesquisador.

Narração:

Objetivo da aula

O objetivo desta aula é relembrar os três estilos técnicos do salto em distância e ensinar o estilo de salto grupado.

Recursos para aula

Trena, bexigas, elástico grande ou corda de aproximadamente 6 metros, garrafinhas Pet de 600 ml ou 1 litro cheias de água e arcos plásticos (bambolê).

Sistematização das atividades (conversa inicial)

Após recepcionar os alunos no local da aula, relembre com os alunos os três estilos de saltos vistos nos vídeos (grupado, arco e passada no ar). Mostre a imagem de Galina Chistyakova, Marren H. Maggi e Mike Powell e peça para que os alunos digam que estilo de salto cada atleta utilizava. Relembre a origem do salto em distância, em que o salto era realizado partindo-se de uma posição parada, com o auxílio de dois halteres de pedra nas mãos.

Sistematização das atividades (atividade prática)

Salto em distância da Antiguidade

Nessa atividade, os alunos irão realizar o salto parado, com a utilização de objetos nas mãos, representando os antigos halteres de pedras utilizados pelos gregos. Veja no vídeo como realizar essa atividade.

Posicione os alunos ao longo da linha lateral do futsal com um espaço de segurança de 3 metros entre eles. Se for necessário, divida a classe em grupos, onde cada grupo realizará o salto na sua vez.

A posição inicial para o salto será com as pernas ligeiramente afastadas paralelamente, a distância entre as pernas será da largura dos ombros. Os pés dos alunos deverão estar atrás da linha, o mais próximo possível sem tocá-la.

Ao sinal do professor, o aluno deverá impulsionar as pernas para realizar um salto em sentido horizontal e levar os braços juntos para frente bruscamente. A distância do salto é medida a partir da linha de saída até onde o aluno tocou o solo, seguindo todas as regras de medição aprendidas no Vídeo 3.

Se preferir, utilize duas garrafinhas Pet de 1 litro ou 600 ml cheias de água para simular os halteres. Peça para que os alunos realizem a atividade com e sem a utilização dos pesos. Posteriormente, faça uma reflexão sobre a utilização ou não desse peso. Será que eles ajudam ou atrapalham o atleta? Por que não são mais utilizados? Quais as vantagens e desvantagens?

Saltando com a bexiga (MATTHIESEN, 2009)

Esta atividade visa fazer com que os alunos agrupem braços e pernas no momento da fase de voo e queda no chão. Acompanhe no vídeo como realizar esta atividade.

Distribua uma bexiga para cada aluno, que deverá correr com a bexiga nas mãos pela quadra. Ao sinal do professor, o aluno deverá executar um salto, fazendo com que a bexiga toque a ponta dos pés, aproximando-se, assim, do movimento do salto grupado. Oriente os alunos para flexionar os joelhos no momento da queda, para que possam amenizar o impacto. Evite que os alunos realizem o salto e caiam com as pernas estendidas, ou seja, em uma posição completamente em pé.

Dança dos arcos - Atividade adaptada de Matthiesen (2009)

Esta é uma variação das danças das cadeiras. Ao parar de tocar uma música, as crianças deveram procurar uma cadeira e sentar-se. Como o número de cadeira é sempre inferior ao número de participantes, em toda rodada um aluno será eliminado.

Ao invés das cadeiras, nós iremos utilizar os arcos e ao sinal do professor, os alunos deverão saltar para dentro dos arcos, mas, deverão utilizar a técnica do salto grupado. O aluno que não utilizar a técnica ou que não conseguir saltar para dentro do arco, será eliminado, lembrando que o impulso deverá ser feito com apenas um dos pés. Ao final de cada rodada, um arco será tirado e a atividade seguirá assim normalmente, até o último competidor ganhar.

Saltando sobre o rio

Esta atividade busca de forma lúdica aumentar a amplitude do salto dos alunos e tem também um caráter de desafio, já que o aluno deverá sempre saltar mais longe para atravessar do outro lado do rio. Se você preferir, poderá dar nome a cada rio conforme for aumentando a distância. Quanto maior à distância, maior o rio citado. Por exemplo, o Rio Amazonas será o equivalente a uma distância grande. Acompanhe no vídeo como realizar essa atividade.

Utilizando como base a linha do meio da quadra, coloque uma corda paralela a ela na distancia de 1 metro para que se forme o “rio”. O aluno deverá vir correndo da linha de fundo da quadra de voleibol e saltar o “rio” tomando impulso com apenas um dos pés e realizando o salto grupado. Após todos os alunos realizarem um salto, aumente a dificuldade aumentando a largura do “rio”. Para isso, distancie a corda da linha central da quadra.

Siga aumentando até ver que ninguém consegue mais saltar sobre o “rio”. Esta atividade poderá ser feita utilizando a corrida de 10 passadas ou livre, ficará a

critério de cada aluno.

Encerramento da aula

Com um auxílio de uma trena, meça na quadra a distância dos recordes mundiais e brasileiros do salto em distância. Peça para que os alunos digam os nomes de cada atleta que atingiu a marca.

Na aula 5, o professor irá realizar uma competição adaptada do salto em distância. Irá ensinar os alunos a arbitrar uma competição, fazendo com que saltem e compitam entre si. No Quadro 11, podemos observar os dados técnicos do vídeo e sua narração.

Quadro 11- Dados técnicos e narração do Vídeo 9.

Vídeo 9: “5ª aula: O salto em distância em competição”

Dados técnicos:

Resolução: 1280X720 (16:9)

Duração: 5' 25”

Sistema de Cor: NTSC

Extensão: avi

FPS: 29

Descrição das imagens: Imagens gravadas em um ginásio coberto da construção com fitas adesivas de um setor de saltos horizontais e de garotos e garotas executando uma competição de salto em distância.

Narração:

Objetivo da aula

Realizar um salto completo e simular uma competição.

Recursos para aula

Uma trena; fita adesiva para demarcar a tábua de impulsão e setor de salto; dois cones para serem colocados ao lado da tábua, facilitando a visualização; cordas, giz ou cal para demarcar o setor se for realizar a atividade na grama; bandeiras branca e vermelha para indicar a queima, material que poderá ser confeccionado junto com os alunos e súmula de saltos ou planilha de chamada para anotar os saltos.

Sistematização das atividades (preparação do setor de competição)

Antes da aula começar, construa um setor seguindo as medidas oficiais, como podemos ver no vídeo. Fica claro que não teremos espaço na quadra para um corredor de 40 metros, mas, podemos construí-lo menor, para a utilização da corrida com 10 passadas.

Comece utilizando como base uma linha lateral da quadra e coloque outra linha paralela a ela na distância de 1,22m, que será a largura do corredor. Para construir a quadra, faça as medidas de 1,22m de comprimento por 20cm de largura.

O setor de queda a ser demarcado será de 3 metros de largura medindo 1,50m para cada lado, partindo do centro da tábua de impulsão. Se tiver a sua disposição, coloque colchonetes no setor de queda, para assim minimizar impactos na hora da queda.

Sistematização das atividades (conversa inicial)

Após recepcionar os alunos no local da aula, relembre alguns aspectos das regras do salto em distância, tais como:

- Número de tentativas que cada atleta possui em uma competição;
- Como funciona a queima;
- Como o salto é medido;

Solicite alguns voluntários para auxiliá-lo na arbitragem. Será um para ver a queima e leitura, dois para medir e um para anotar na súmula as medidas dos saltos. Esses voluntários poderão ser trocados, para que todos realizem os saltos. Cuide de toda competição e tire todas as dúvidas que cada aluno tiver no momento em que forem surgindo.

Atividade prática

Com um setor de salto previamente construído na quadra ou possivelmente em um espaço de grama, realizar a “competição” entre os alunos. Dependendo do número de alunos na sala de aula, estipule a quantidade de tentativas para cada um. Procure estimular os alunos para que todos participem da atividade.

Encerramento da aula

Ao final da atividade, parabeneze os alunos pela participação. Leia a classificação dos alunos e divida entre meninos e meninas. Se decidir premiar, faça a premiação para todos os alunos. Evite premiar apenas os vencedores, afinal, o objetivo da aula é que todos os alunos vivenciem a atividade e não a seleção de talentos.

Vale ressaltar que o tamanho final do DVD didático “Salto em distância” é de aproximadamente 3.6 gigabytes. Após a finalização de todos os processos de edição de imagem, narração e arquitetura, ele foi masterizado em uma mídia de DVD –R de 4.7 Gigabyte de capacidade.

Após a finalização de todo o processo, esse material foi enviado a oito professores da Rede Pública do Estado de São Paulo, para que o assistissem em um prazo de sete dias. Após esse período, o grupo de professores se reuniu para discutir o material.

6.2. Avaliação do DVD didático “Salto em distância” junto a professores da Rede Pública do Estado de São Paulo por meio de Grupo Focal.

No dia determinado, compareceram ao local, seis professores para a atividade, que teve uma duração total de aproximadamente três horas. Lembrando que, segundo Gatti (2005), Chiesa e Ciampone (1999) e Powell e Single (1996), o número ideal de indivíduos está entre 6 a 12 indivíduos, sendo que a duração da reunião dependerá da complexidade do tema (ASCHIDAMINI, 2004). Assim como em Carvalho (2012), nesta pesquisa, ficou evidente que apenas um encontro seria o suficiente para sanar todas as questões necessárias para alcançar o objetivo proposto inicialmente.

O encontro foi realizado no dia 18/12/2013, em uma sala de reuniões no Município de São Paulo. Ao início do encontro, o pesquisador agradeceu a presença de todos e convidou os participantes a preencherem e assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO 1), momento onde se inicia o “sucesso para a boa condução de um grupo focal” (IERVOLINO E PELICIONE, 2001, p. 118).

Após a assinatura do documento, ficou decidido que o DVD didático seria apresentado a todos os professores, para garantir que todos tivessem visto o material ao menos uma vez. Essa apresentação durou cerca de 1 hora e 20 minutos, sendo que o restante do tempo foi dedicado à avaliação do material no Grupo Focal, seguido por 10 minutos de agradecimentos finais pela participação da pesquisa.

Para Gatti (2005), o pesquisador deverá elaborar um roteiro prévio de perguntas (vide Quadro 1), a fim de nortear a discussão em torno do objetivo proposto, cuidado que foi observado nesta pesquisa. Este mesmo instrumento é chamado por Aschidamini (2004), como guia de temas, que tem como objetivo, favorecer a discussão em torno do tema e facilitar, assim, a condução do grupo focal.

Após a realização do grupo focal, toda a entrevista foi transcrita na íntegra pelo pesquisador, como recomenda Gatti (2005), a fim de facilitar a interpretação dos dados e dar prosseguimento à fase seguinte, que consistiu na análise dos dados de forma qualitativa (IERVOLINO E PELICIONE, 2001, p. 121), utilizando a Análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (2009). Assim, foram criadas seis categorias, sendo elas: “O atletismo ensinado na escola”; “A importância do atletismo como conteúdo da Educação Física Escolar”; “Percepção inicial do DVD ‘salto em distância’”; “A Proposta Curricular do Estado de São Paulo de 2008 e o salto em distância”; “O papel do recurso audiovisual na Educação Física Escolar e na formação continuada do professor”; “O DVD didático “Salto em distância” e sua utilização em sala de aula”. Na análise do conteúdo, procurou-se reunir os discursos mais relevantes, analisá-los, fazendo as devidas inferências, como determina Bardin (2009).

6.2.1. O atletismo ensinado na escola

Esta categoria procurou reunir as falas e discussões sobre o ensino do atletismo na escola, uma vez que, segundo São Paulo (2008), esta modalidade deverá ser ensinada no decorrer dos anos escolares, mais especificamente, na 6ª e 7ª série (7º e 8º ano) do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

Ficou evidente na fala dos seis professores que o atletismo continua sendo preterido em detrimento de outras modalidades e seu ensino se dá por meio de pequenas intervenções. Quando questionados sobre quem ensinava o atletismo em

suas aulas, após um longo silêncio, a maioria dos professores abaixou a cabeça fazendo sinal negativo. Depois, ouvimos a seguinte fala:

P2: “Acredito que o único que trabalha com o atletismo mesmo não pode vir hoje, ele tirou uma folga... mas o atletismo que eu trabalho na escola é bem superficial, é corrida, revezamento com bastão, coisa bem simples que se trabalha com criança”.

P3: “Estafeta”!

Em seguida, foi feito pelo pesquisador outro questionamento, sobre quais os motivos do atletismo não ser ensinado nas aulas. Após esse questionamento todos os professores começaram a falar e dar suas opiniões. Pôde-se perceber que as respostas giravam em torno do não conhecimento do atletismo, do não saber ensinar, por não ser tão divulgado e pelo não interesse das crianças, fato comprovado por algumas falas:

P2: “Então, eu não domino a técnica do atletismo [...] Talvez por isso né? Já os outros esportes como o vôlei, basquete, futebol, a gente como pratica, então fica mais fácil”.

A fala desse professor confirma o que foi constatado nos estudos de Rosário e Darido (2005), ao se referirem ao fato de que os professores acabam se restringindo a ensinar os conteúdos mais tradicionais dos esportes, como voleibol, basquete e futebol, não ensinando outros conteúdos por não dominá-los, por se sentirem inseguros e não preparados.

Sendo assim, buscam agir, muitas vezes, em suas zonas de conforto, acabando não ensinando o atletismo em suas aulas. Enfim, o que se pode perceber nesse grupo de professores é que a falta de conhecimento por parte deles em ensinar o atletismo é evidente. Preferem, talvez, ensinar o voleibol, futebol e basquete por se sentirem seguros e por estes conteúdos já fazerem parte do cotidiano de ambos, alunos e professores (BETTI, 1999; ROSARIO e DARIDO, 2005).

Além disso, destacam os professores:

P6: “O atletismo nem é tão visto pela televisão, as crianças não se interessam”.

P5: “Acredito que tenha relação com ser atrativo, é uma coisa [o atletismo] que não é tão atrativa, mas acho que esse recurso [audiovisual do DVD], torna o atletismo mais atrativo para a criança. Por ser uma coisa que eles não têm contato e quando você não tem contato, geralmente você renega aquilo em um primeiro momento... então... isso não se torna atrativo. Agora ela tendo contato, ela vendo através do vídeo como que funciona, pode ser uma coisa que se torna mais atrativo pra também ser aplicado na aula”.

Como podemos notar, esses depoimentos vão ao encontro das constatações presentes nos estudos de Betti (1999), Lecina (2001), Matthiesen (2007; 2009), quando mencionam que o atletismo vem sendo preterido nas escolas brasileiras, inclusive quando apontam a falta de interesse dos alunos em aprender essa “nova” modalidade.

As deficiências estruturais, como a falta de espaço físico, também foram citadas pelos professores como um empecilho. Porém, o professor “P1”, destaca a qualidade do DVD didático “Salto em distância” em enfrentar estas dificuldades nas suas propostas de atividades, como podemos observar na fala a seguir.

P1: “[...] O que você apresentou [no DVD] continua evidenciado na escola pública, estadual, municipal, que é a ausência de espaço! Na verdade, esse material [DVD] tem esse mérito, ele já enfrenta isso! Ó, você tem problema de espaço físico, mas ó, tem aqui experiências [formas de trabalhar sem espaço]. Esse é o mérito do material que você tá apresentando, acho que é um mérito! Ele [DVD] tenta sistematizar um conjunto de enfrentamento das dificuldades! [...] Eu acho que esse material me encoraja! Me dá pistas de como trabalhar (sem tanto espaço físico hoje)”.

Em Justino e Rodriguez (2011), fica bem clara a importância dos materiais didáticos para enfrentarem as dificuldades dos professores em improvisar os espaços e materiais para o ensino desta modalidade esportiva, assim como Bittencourt (2004) e Darido (2010), que destacam a importância do livro didático como material de apoio para as atividades em sala de aula, facilitando o trabalho do professor.

6.2.2. A importância do atletismo como conteúdo da Educação Física Escolar

Nesta categoria, procurou-se reunir as discussões em torno da legitimidade do atletismo como conteúdo da Educação Física Escolar. Nela, o pesquisador buscou saber dos professores se estes consideravam o atletismo uma modalidade esportiva relevante para ser ensinada na escola.

Em um trecho da discussão transcrita a seguir, foi possível observar que todos os professores concordaram que o atletismo tem que ser ensinado na escola, além de reconhecerem nele, um grande potencial.

P2: “[...] Muita gente trata o esporte como excludente, só que é assim... no atletismo acaba não sendo, porque você vai através de metas do aluno. Ahh... Você é gordinho? Você pula o que, você pula 1 metro? Nós vamos trabalhar pra ver se você vai pular 2 metros daqui pra frente. Ahh... E você? Você é alto, pula 3? Vai pular 4! Então vai na meta do aluno, trabalhar aquele aluno pra ver se melhora”.

P6: “Individualmente”.

P2: “É, individualmente! Fica mais fácil pra você trabalhar um desenvolvimento motor”.

P5: “E mostrar o resultado”!

P2: “Isso! Mostrar o resultado, pra ele perceber que está se desenvolvendo”.

P3: “E isso vai estimulando”!

P2: “Ahh... o outro pula 8 metros? Mas você pulava 1 [metro] e tá pulando 2 [metros] agora”.

P6: “E ele não tem a concorrência com o ‘superatleta’ da sala dele. Ele vai perceber um desenvolvimento individual”.

P4: “Esse é o grande ‘barato’ do atletismo e das modalidades individuais”.

P1: “Isso! Isso desenvolve uma autodisciplina e o cara compete com ele mesmo”.

P5: “Depende dele mesmo”.

P4: “E vai permitir que os alunos se conheçam, conheçam os seus próprios limites e suas próprias qualidades. E que ele se aceite assim. Uma questão séria na educação é isso, o exemplo que você [P2] deu do gordinho, a ideia é essa mesmo, de estimular, incentivar individualmente. Entender que ele pula 1 [metro] e o outro pula 8 [metros], mas que ele tem a capacidade de melhorar”!

P1: “Acho que o atletismo é uma “baita” ferramenta nesse aspecto, ainda mais se o cara é introspectivo, tem dificuldade de lidar com o outro”.

P4: “Acho que uma grande contribuição que a Educação Física tem na escola é essa questão da socialização, acho que é a disciplina que permite trabalhar isso, porque essa coisa de se movimentar, interagir, resolvendo esse problema de timidez... e o trabalho individual potencializa essa questão”!

Nas discussões do grupo focal, que reforçaram os argumentos de autores como Paissan (2002; 2003; 2004), Kunz (2004), Coicero (2005), São Paulo (2008), Matthiesen (2007; 2009), Netto (2009) e Ginciene (2012), para os quais o atletismo é um conteúdo importante a ser ensinado na Educação Física Escolar, pôde-se, também, perceber que este foi considerado como uma ótima ferramenta para se trabalhar não só o desenvolvimento motor, mas, também, outros aspectos que ajudarão na formação do caráter do aluno, como por exemplo, a superação dos seus limites e desafios, a interação e cooperação com os colegas de classe e a autodisciplina. Assim, mesmo sendo um esporte individual, acreditam na interação entre os alunos, considerando-o como um dos conteúdos que deveria ser ensinado na escola.

6.2.3. Percepção inicial do DVD didático “Salto em distância”

Realizada essa discussão inicial, o pesquisador questionou o grupo sobre quais eram as primeiras impressões que eles tinham do material, isto é, o que achavam do material que lhes foi apresentado. Nesse momento, foi possível

perceber na fala dos professores algumas críticas e elogios direcionados ao material didático produzido.

P2: “É um material rico né [...] A única coisa que eu achei, que é difícil trabalhar com a criança, é que vai uma criança por vez pra fazer o salto, a aula fica um pouco parada, tem que ser uma aula que abrange todo as crianças [...] As brincadeiras saíram legais, todo mundo tá pulando... Mamãe da rua, que todo mundo brinca legal e aquela que pula por cima, como chama? Pula carniça! Então, tá todo mundo participando, é bacana, é legal. Eu até vou utilizar algumas dessas brincadeiras”.

P6: “Tem a corrida de saco também”.

P2: “Corrida de saco também, mas acho que fica meio presa ali... que seria a estafeta e fazer um por vez. No nosso caso, com 40 crianças ali na escola”...

P4: “O que eu achei interessante é a questão de ser lúdico, você ter uma visão lúdica, do trabalho, dar a base. Pelo menos essa questão de se divertir, pra criança principalmente, acho isso muito legal”.

P5: “Aprender brincando né? Não tão tecnicista. Isso de brincar sai um pouco do tecnicismo”.

P1: “[...] eu concordo com o que os companheiros apresentaram aqui com relação a ser um ponto positivo ter experiências lúdicas[...].”

Pôde-se notar nos depoimentos dos professores alguns pontos interessantes em relação à análise do material didático. Abordaram, por exemplo, o fato de algumas atividades do DVD didático trabalharem de forma “individual”, como por exemplo, a corrida de saco e a simulação de uma competição propostas no Vídeo 9, sendo que alguns pontos merecem ser esclarecidos.

Por se tratar de uma modalidade esportiva individual, inevitavelmente, mesmo que se busquem alternativas, algumas atividades terão que ser realizadas assim, um por vez. Porém, se observarmos as atividades atentamente, veremos que a primeira é desenvolvida em grupo (corridas de estafeta), enquanto a segunda, envolve todos os alunos na organização e arbitragem, ao mesmo tempo em que um aluno salta por vez.

O aspecto lúdico das atividades, citado pelos professores, reforçam as orientações de Matthiesen (2009) e Paissan (1994; 2003), quando propõem atividades lúdicas para o ensino do atletismo na escola. Esse, certamente, é um fator que facilita bastante o aprendizado, sendo considerada uma das abordagens mais significativas dentro de um contexto pedagógico social (OLIVEIRA, 1985).

6.2.4. A Proposta Curricular do Estado de São Paulo de 2008 e o salto em distância

Nesta categoria, procurou-se discutir o conteúdo de São Paulo (2008)¹ e o salto em distância, já que esta propõe o ensino do atletismo na 6ª série (7º ano) do Ensino Fundamental, recomendando que sejam abordados os princípios técnicos e táticos, o processo histórico e as principais regras da modalidade (SÃO PAULO, 2008).

Foi questionado pelo pesquisador o que os professores pensavam a respeito de São Paulo (2008), especialmente, no que se refere ao ensino do salto em distância aos alunos de 6ª série (7º ano). Neste ponto da discussão, surgiram alguns questionamentos interessantes e ao mesmo tempo divergentes.

Pôde-se perceber nitidamente nesta pesquisa, a forma com que os professores avaliam tanto a Proposta Curricular (SÃO PAULO, 2008), quanto o material distribuído pelo Estado (Caderno do professor e Caderno do aluno) e o DVD didático “Salto em distância”. Nota-se que esses professores os consideram como materiais de apoio, algo construído para dar subsídio ao seu planejamento, não os encarando como algo que deveria ser seguido à risca como conteúdo obrigatório.

Sendo assim, cada um considera que aproveitaria dos materiais àquilo que julgasse pertinente em suas aulas, fato que fica claro em algumas respostas.

¹ Hoje, como enfatizado anteriormente, considerada como currículo oficial do Estado de São Paulo.

P1: “[...] Eu trabalharia diferente, não tem problema eu trabalhar o salto em distância strictu sensu, clássico na 6ª série ou 7º ano, acho que está até dentro, agora... acho que tem outras vivências anteriores, principalmente no primeiro ciclo, de 1ª a 5ª [série], que tem mais peso com o lúdico, que eu penso que o professor possa fazer algumas experiências para que as crianças vivenciem formas de salto [...] Não acho que tá fora [o atletismo na 6ª série], acho que é assim, é... talvez o salto em distância pudesse chegar um pouquinho antes, na 4ª série já ter essas experiências [lúdicas do salto]”.

Essa maneira de tratar o DVD didático “Salto em distância”, como um material flexível, que os permite trabalhar em suas aulas da forma que julgarem mais adequada, se alinha com os resultados do trabalho de Barros (2014), especialmente quando este menciona que os professores apontaram o conteúdo do “Caderno do professor” apenas como norte e não como algo a se seguir “à risca” (p. 143). Cita, como exemplo, o fato de um dos professores entrevistados antecipar algumas atividades referentes “à elaboração de um campeonato” (BARROS, 2014, p.97).

Ainda sobre a fala de “P1”, que se refere à necessidade de se ensinar o salto em distância de forma lúdica já na 4ª série, vale destacar que isso é justamente o que a Proposta Curricular (2008) prevê, ou seja, “espera-se que até a 4ª série do Ensino Fundamental os alunos tenham vivenciado um amplo conjunto de experiências de Se Movimentar”, referente, nesse caso específico, ao salto em distância (SÃO PAULO, 2008, p. 44). Portanto, acredita-se que o aluno tenha vivenciado nas séries anteriores algumas experiências lúdicas relacionadas aos saltos em geral, para que na 6ª série (7º ano) ele possa vivenciar a prova propriamente dita. Tal fato é reforçado por um professor na fala seguinte.

P2: “Acho que pode sim, a criança da 6ª série [7º ano] já está um pouquinho acostumada com o esporte em geral... mais no esporte coletivo que elas dominam mais, mas elas já têm uma autonomia maior de preparar um espaço, de combinar com os colegas de: vamos fazer assim, vamos fazer assado”.

Com relação ao que propõe São Paulo (2008) quanto ao ensino do processo histórico e as principais regras aos alunos da 6ª série (7º ano), nem todos os professores concordaram. A seguir, vejamos algumas ponderações:

P1: “Eu penso que essa coisa da regra não é tão legal pro estudante dessa idade, não por mim, mas mais pra eles... Eu sei que hoje tem bastante dessa coisa de esporte espetáculo, de quanto salto a Maurren, quanto correu o Bolt... mas acho que na sexta série não é o momento disso”.

P3: “É... Tem que ser mais pra frente, quando tiver uma vivência maior do esporte, no caso”.

P1: “O teu material tentou contextualizar quando você mostra a questão dos Jogos Olímpicos e tal, o estudante consegue fazer inferências, mas acho que ele só recupera isso mais pra frente, quando ele se apropria sobre os conceitos, da divisão geopolítica do mundo e tal. Que não é um problema do material! É que na minha aula [6ª série] isso ficaria secundarizado... a questão dos recordes do contexto histórico”.

Nas falas seguintes, pôde-se observar claramente o posicionamento dos professores perante o papel de São Paulo (2008), seus Cadernos (do professor e do aluno) e do DVD didático “Salto em distância” e como esses materiais deveriam ser utilizados.

P1: “Bom, vou falar um negócio aqui antipático! Muita gente faz crítica com relação às cartilhas e eu também sou crítico, inclusive lá no sindicato, a gente é muito crítico da cartilha, mas na prática, eu fiz uma reelaboração que não descaracteriza que ela é superficial, não descaracteriza que ela não conversa com os professores na prática, que é o que o material [DVD didático] tá tentando fazer. Mas acho o seguinte, nós temos... se nós observarmos lá [no Caderno do professor], muitas das coisas que foram aplicadas lá a gente já fazia, o governo só sistematizou porque a gente virou “dador” de aula [...] Tô fazendo esse recorte porque acho que a cartilha tem problemas, mas acho que é tarefa do professor selecionar os conteúdos, então eu tenho alguns processos que eu uso parcialmente, porque são materiais que inclusive eu já fazia e eu ganho tempo. Nessa perspectiva, eu quero dizer que o material [DVD didático] que você apresenta também”.

Podemos perceber nesta fala, quando o professor usa o termo “dador de aula”, parte da crítica que a APEOESP (2009) faz à Proposta Curricular (SÃO PAULO, 2008), alertando para o fato de que os professores podem ser transformados em meros repetidores de conteúdos produzidos por terceiros.

Após fazer esse recorte, o professor “P1” continuou seu raciocínio, destacando o papel que o professor deve assumir, e que ele assume, perante São Paulo (2008), o Caderno do professor e o DVD didático “Salto em distância”. Ou seja, o professor deve selecionar os conteúdos que deverão ser utilizados em sua aula. Isso vai ao encontro do que afirma Barros (2014) em relação aos conteúdos, os quais “são modelados pelos professores de acordo com suas concepções e decisões, ressaltando-se assim, o professor como agente ativo no seu desenvolvimento” (p. 6). Isso, também, fica evidenciado nas falas dos professores “P5” e “P1”:

P5: “Não é uma coisa que é fechada, nem o DVD e nem a revistinha [Caderno do professor], é uma proposta, que dá pra você utilizar com o seu olhar”!

P1: “Exatamente”!

Pelo exposto, percebe-se, claramente, que os professores encaram os conteúdos de São Paulo (2008), seus Cadernos (do professor e do aluno) e o DVD didático “Salto em distância” da mesma forma, ou seja, como algo desenvolvido com o objetivo de contribuir com o planejamento de suas aulas. Eles não se sentem obrigados a seguir à risca o que é proposto, considerando-se livres para escolherem o conteúdo de acordo com o momento que julgarem adequado. O único diferencial entre os materiais, além do conteúdo, é o fato do DVD didático ser em formato audiovisual, algo bastante apreciado por eles.

6.2.5. O papel do recurso audiovisual na Educação Física Escolar e na formação continuada do professor

Nesta categoria, procurou-se reunir as discussões em torno da utilização do DVD didático como recurso audiovisual nas aulas de Educação Física e na formação contínua dos professores. A princípio, pôde-se perceber no grupo de professores uma aceitação tanto do DVD didático como de outros materiais do gênero.

Pôde-se notar a dificuldade encontrada pelos professores em se comunicar com os alunos e mantê-los focados por muito tempo. Assim, chamam a atenção para os benefícios dos materiais audiovisuais utilizados em sala de aula, que acabam obtendo melhores resultados, prendendo mais a atenção dos alunos, já que esse tipo de recurso está presente no dia-dia deles.

P1: “[...] Eu Penso que essa coisa hoje do audiovisual, de você ter um material sistematizado, pra essa geração, fala muito diretamente, a coisa da preleção”...

P4: “Da imagem né”?!

P1: “Sim, da imagem! Essa coisa de falar, eu sou um cara que gosta muito de falar... para criança [de] hoje, 5 minutos deu! Eles não prestam mais a atenção”.

P5: “Elas não conseguem se focar”...

P1: “Eu penso que essa coisa de você ter preleção (fala do professor) e ter esse recurso do material [audiovisual], acho que é o grande... o que me estimulou foi isso”!

P3: “Chama a atenção”.

P1: “[...] eu acho que é importante, acho que essa metodologia [audiovisual] é melhor do que o cara ler”.

A fala dos professores vem ao encontro das considerações de Moran (2002) e Faria (2004), quando afirmam as vantagens educacionais da utilização dos vídeos em sala de aula. Ou seja, os vídeos acabam sendo um recurso atrativo, tanto para alunos como para professores.

Aprofundando mais a discussão acerca do tema, pôde-se perceber a carência desses professores com relação a um programa de formação continuada adequado à disciplina de Educação Física e a receptividade por parte deles em relação aos materiais audiovisuais desenvolvidos com esse fim.

P1: “Agora eu vou falar pra você, vocês podem falar mais do que eu sobre isso, porque eu sou quase um dinossauro aqui, mas isso faz falta [formação continuada], a gente conversa, entre os mais antigos, Pô, faz tempo que a

gente não faz uma reciclagem... eu acho que também a geração mais nova sente falta disso, de você ter um material que meio um "toque", por mais que a gente viu isso na faculdade, mas faz tempo, é diferente".

P6: "A facilidade de ter os conteúdos reunidos ali, pronto!"

P1: "É! Porque você reconhece coisas que você já fazia também, mas quando ela vem sistematizada, ela vem com uma ideia de começo, meio e fim, e eu acho isso muito importante".

P5: "Porque não tem o momento né?! No começo, quando eu assumi [as aulas], você tinha aquelas reuniões, HTPC de Educação Física, eram esporádicas, mas você tinha um encontro... reunir os professores... mas depois isso foi se extinguindo. Então, você não tem mais aquele momento de você discutir ideias... do que um tá fazendo, o outro tá fazendo... avaliar o material que um tem ou o outro tem né"?!

P4: "Poucos encontros eram das áreas específicas pra poder se conversar... o sistema criou isso, várias áreas diferentes juntas e fica cada um na "sua" ali, não trocam ideia".

Ao analisarmos com cuidado, vemos, no exemplo desses seis professores, quase que um retrato dos professores de escola pública em geral, os quais para complementarem a renda doméstica, acabam por assumir um segundo cargo de professor, como é o caso de cinco dos seis professores do grupo focal. Esse fato acaba sobrecarregando esses professores em número de aulas, sem contar as atividades de planejamento e correção de atividades extraclasse que são dadas aos alunos.

Reflexo disso é que esses professores acabam preferindo materiais em formato audiovisual do que em formato texto para ler, como podemos perceber em algum de seus comentários.

P2: "É assim... o professor tem que ler tanto, tem que ler tanto, que assistir o vídeo é muito mais fácil. No meu caso, eu já começo a ler um pouquinho e já fico querendo me movimentar, fazer alguma coisa! No vídeo não, no vídeo dá pra assistir"...

P3: "Você absorve melhor né"?!

P2: “Absorve! Você começa a entender, ver a imagem... Então não é cansativo, o livro é cansativo”!

P6: “A pessoa nem pega o livro”!

P2: “Nem pega! Vê lá: Atletismo... Agora se a pessoa vê um vídeo, como uma aula didaticamente construída como tem ali [no DVD], já fica mais fácil. Eu já observei um monte de conteúdo ali que eu vou usar na escola”.

Não podemos afirmar os motivos exatos, mas, podemos perceber que o cansaço físico, mental e a falta de tempo estão muito presentes na vida desses professores. Talvez por motivos como esses, os professores acabem não conseguindo buscar novos conhecimentos, novos métodos e atividades para suas aulas, acompanhando os anseios dos alunos, permanecendo, por vezes, desatualizados, encontrando no material audiovisual uma possibilidade de atualização prazerosa.

6.2.6. O DVD didático “Salto em distância” e sua utilização em sala de aula

Nessa categoria, procurou-se reunir as discussões em torno do DVD didático apresentado aos professores e sua possível utilização em sala de aula. Sabe-se que a proposta do DVD didático “Salto em distância” é baseada no que indica São Paulo (2008) quanto ao ensino do salto em distância na 6ª série (7º ano), sendo que o DVD didático também propõe que esse conteúdo seja dado em 5 aulas, sendo 1 teórica e 4 práticas.

Sendo assim, o pesquisador procurou saber do grupo de professores basicamente três coisas:

- Seria possível e viável ensinar o salto em distância em 5 aulas?
- O material atende as expectativas com relação ao conteúdo proposto?

- Após terem contato com o conteúdo apresentado no DVD didático “Salto em distância”, vocês seriam capazes de ensinar o salto em distância em suas aulas?

Sobre esses questionamentos, surgiram as mais variadas ponderações. Sobre a sistematização em 5 aulas, pôde-se notar algumas discordâncias, sendo que um professor concordou dizendo:

P6: “Acredito que sim, ficou bem interessante, bem sistematizado”.

Os demais professores discordaram, apresentando outra sistematização, como, por exemplo, não ensinar as regras e os recordes aos alunos, deixando esse conteúdo para outro momento.

P1: “[...] até já falei anteriormente, que é a questão, por exemplo, das figuras esportivas relevantes (os recordistas), no meu trabalho eu confesso pra ti que eu deixaria um pouco mais como curiosidade pra eles pesquisarem e eu não aproveitaria [...] então eu seria um pouco... não restritivo, por que é assim, é o mesmo raciocínio da cartilha, eu manteria (os recordistas e aspecto histórico no DVD didático), mas não colocaria como prioridade (na aula). [...] É que na minha aula [6ª série] isso ficaria secundarizado... a questão dos recordes do contexto histórico”.

P4: “Pensando no que o P1 falou, utilizar esse conteúdo histórico no Ensino Médio seria fantástico! Seria muito mais fácil pra eles conseguirem absorver isso”.

P6: “É, conseguiriam entender, porque já aprenderam o que é Alemanha Oriental, por exemplo”.

Em outro momento, o mesmo professor propõe outra sistematização, visando o ensino deste conteúdo em 10 aulas.

P1: “E eu tô em dúvida, vocês me desculpem, se cinco aulas dá conta. Eu estou pensando nos meus estudantes de carne osso e eu talvez trabalhasse com uma ideia de dez aulas, ainda que algumas delas tivessem o caráter de fixação ou de recuperação de conteúdo [...] eu acho que cinco [aulas] é pouco. Essa sequência pedagógica eu daria em dez aulas. Posso tá falando besteira quando for testar depois na prática”.

Um outro professor se lembrou de sua realidade em uma escola da Rede Municipal, onde ministra apenas 1 aula de Educação Física por semana, dizendo:

P2: “No meu caso, isso é muito difícil, por exemplo, eu trabalho também em uma escola [Municipal] em Guarulhos e lá eu só tenho 1 aula por semana! Então, seria muito tempo pra eu ensinar o atletismo. Por exemplo, cinco aulas! Cinco aulas pra mim seriam quase dois meses, porque tem semana que nem tem aula, às vezes tem formação, então não dá pra usar todo o conteúdo [...]”.

Vale destacar que, no DVD didático, a proposta de cinco aulas para ensinar o salto em distância foi pensada para se adaptar a São Paulo (2008), que prevê além do salto em distância no primeiro bimestre da 6ª série (7º ano), outras atividades, como as corridas e danças folclóricas. Porém, esse programa de cinco aulas pode, com certeza, ser modificado e adequado à realidade de cada professor, pois, não foi construído com o objetivo de ser algo inflexível ou imutável e sim uma proposta de trabalho.

Com relação às expectativas relacionadas ao conteúdo do DVD didático, pôde-se notar na discussão com o grupo de professores, uma grande satisfação por parte deles. Segundo suas afirmações, o material atendeu todos os objetivos para os quais foi proposto. Com isso, esses professores se sentiram estimulados a ensinar o atletismo após conhecerem o conteúdo do DVD didático.

P1: “O material tá ótimo”!

P2: “Eu agora que assisti o vídeo e aprendi bastante coisa ali, acho que vai dar pra utilizar quando tiver o próximo torneio, mas eu nunca dominei as técnicas do atletismo não[...]”.

P1: “Eu acho que esse material me encoraja! Me dá pistas de como trabalhar [sem tanto espaço físico hoje]”.

P2: “Nesse caso o salto em distância, mas [as atividades do DVD] pode ser trabalhado também em outras modalidades, como o salto em altura, a corrida, dá pra fazer a mesma base”!

P5: “Salto triplo também”!

Essa “empolgação” que pudemos perceber na fala dos professores, vai ao encontro das afirmações de Justino e Rodriguez (2007), quando dizem que “[...] um material teórico de apoio pode ser de grande ajuda para o desenvolvimento do atletismo nas escolas, onde os professores possam se fundamentar [...]”(p. 4). Em suma, este tipo de material, enfatizam Justino e Rodriguez (2007), é “a alavanca fundamental que o atletismo precisa para ser mais aproveitado nas aulas”, para “mostrar como é simples seu desenvolvimento por contar com várias maneiras de se adaptar ao contexto e a faixa etária dos alunos” (p. 4), o que reforça a necessidade de produção de outros materiais com esse propósito.

Ao final do encontro, o pesquisador procurou saber dos professores se, segundo eles, o DVD didático “Salto em distância” seria capaz de capacitar professores e fazer com que eles consigam ensinar o salto em distância em suas aulas de Educação Física. As repostas foram todas positivas, como registrado a seguir:

P2: “Ah, sim”!

P1: “Eu acho que ele preenche um espaço que hoje está ausente, pode ser melhorado, mas eu acho que ele da conta sim”!

P3: “Capacita sim”!

P6: “Sim”.

P5: “Sim, sim, capacita, é bom”!

Vale destacar que ao final do encontro, foi nítida a expressão de contentamento dos participantes. Todos manifestaram vontade de ter mais encontros como esses, para que possam aprender e trocar experiências com seus pares. Ao agradecê-los, foi deixado a cada um dos professores um exemplar do DVD didático “Salto em distância”, o que os deixou ainda mais motivados a ensinar o atletismo em suas aulas, fato que foi reforçado pelas indagações sobre a elaboração de novos DVDs sobre o atletismo, além de convites para a realização de cursos de capacitação por parte do pesquisador.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está cada vez mais claro, nos dias de hoje, que a presença das TICs está tomando conta do nosso cotidiano. Muitos de nós dependemos delas todos os dias e sentimos muito a sua falta quando não podemos utilizá-las. Assim, quanto mais avançamos no tempo, mais nos tornamos “refém” delas.

Se verificarmos a idade dos professores que estão na ativa hoje em dia, veremos que a maioria, não nasceu nessa “Era digital”, ou seja, não são “nativos” dessa Era. Por este motivo, acabam sentindo dificuldade de se inserirem nesse “novo mundo”, algo que é bastante compreensivo. Porém, se olharmos para as salas de aula, tanto da escola de Ensino Fundamental e Médio até a Universidade, veremos que a maioria dos alunos são “nativos” desse “novo mundo”.

Entretanto, os professores continuam não preparados para o uso das TICs, sendo que seus métodos de ensino são tradicionais e não chamam, muitas vezes, a atenção dos alunos. Para entendermos melhor o que está acontecendo, podemos pensar que a mesma estranheza que os professores mais velhos sentem em relação às novas tecnologias, ou seja, à dificuldade de se adaptar, sentindo-se desmotivados a aprender a utilizá-las, os alunos “nativos” da Era digital sentem em relação à escola, não se sentindo parte dela. Talvez, esses alunos esperem da escola, algo semelhante ao que estão acostumados a lidar fora dela, algo que auxilie a mudar essa relação.

A mudança nem sempre é algo ruim e esta pesquisa é uma prova disso, não apenas pelos resultados apresentados, mas, por todo o seu processo. Como foi destacado, o DVD didático “Salto em distância” foi construído pelo próprio pesquisador, sendo este um “não nativo” na Era digital, sem formação acadêmica (Graduação) na área tecnológica. Assim, naturalmente, não dominava as técnicas de edição de vídeos, efeitos, tratamentos de imagens, entre outras particularidades desse universo, o que fez com que enfrentasse um verdadeiro desafio.

Ao mesmo tempo, certificou-se do “poder” das novas tecnologias, principalmente, da internet e dos vídeos, pois, tudo o que foi aprendido pelo pesquisador, para que o DVD didático “Salto em distância” saísse do papel, ocorreu por meio de vídeos tutoriais exibidos no *Youtube*. Ou seja, foi a tecnologia que possibilitou a produção e conclusão desse material didático. Foram sim, muitas horas e noites aprendendo sobre o mundo da edição de vídeos e similares, colhendo-se, ao final, ótimos resultados.

Com base nessa experiência, cabem algumas reflexões. Devemos deixar as coisas como estão ou devemos aproximar a realidade escolar da realidade dos alunos? Devemos buscar uma nova forma de ensinar, atraindo os alunos ou continuarmos com as mesmas formas, desestimulando-os?

Foi pensando em modificar a maneira de se transmitir o conhecimento, que decidimos desenvolver esta pesquisa. Nosso foco principal foi o professor, pois, ajudando-o a adquirir novos conhecimentos, poderíamos atualizá-los em relação ao ensino do atletismo. Fornecendo-lhes recursos tecnológicos para serem utilizados em suas aulas, a fim de facilitar o seu trabalho e a aproximação com as novas gerações de alunos consideramos estar contribuindo para mudar o cenário desfavorável enfrentado pelo ensino do atletismo na escola.

Sendo o atletismo uma modalidade esportiva muito ampla, composta por inúmeras provas, optamos pelo salto em distância. Tendo esses objetivos em mente e sabendo do potencial dos materiais didáticos em transmitir os conteúdos propostos aos alunos e professores, decidimos dar uma “roupagem nova” a esses materiais didáticos, atualizando-os de acordo com a “Era digital”. Nessa tentativa de atrair os professores, pela facilidade de utilização do material, e os alunos, pela aproximação que eles têm com esse formato, optou-se por criar o DVD didático “Salto em distância”.

A elaboração do processo de construção desse material didático passou por várias etapas. A primeira foi a revisão bibliográfica, visando dar suporte teórico à pesquisa e sustentar o conteúdo do material didático produzido. Podemos dizer que esta foi uma das etapas mais importantes da pesquisa, sem claro, desprezar as

outras. Foi por meio dessa revisão, que pudemos decidir todo o conteúdo que deveria constar do DVD didático. Feito isso, passou-se à fase seguinte, a da construção do material, cujos detalhes foram explicitados anteriormente. Após a finalização do DVD didático, iniciaram-se as atividades, a fim de se verificar a viabilidade de utilização desse material por parte dos professores.

Sob a ótica dos participantes da pesquisa, pudemos perceber os defeitos e as qualidades do material didático desenvolvido, cabendo as seguintes considerações:

- O material proposto foi muito bem recebido pelo grupo de professores, que se mostrou solícito em colaborar com essa pesquisa, dedicando parte do seu precioso tempo para avaliá-lo, demonstrando um grande comprometimento para conhecer novos conteúdos referentes à sua profissão.
- Ficou evidente, nesse processo de avaliação, o quanto os professores sentem falta de mais ações do Estado em promover discussões e cursos de atualização em torno, especificamente, da Educação Física Escolar. Por diversas vezes, citaram o quão valioso estava sendo esse momento de discussão e aprendizado e que esperavam por iniciativas dessa natureza por parte do Estado, as quais, segundo eles, são raras.
- Foi unânime a aceitação do material didático em formato multimídia por parte desses professores, com destaque para os vídeos. Eles julgavam essa forma de aprender, mais prazerosa do que os textos, pois afirmaram que já liam muito em sua jornada e por isso se sentiam cansados. Já com os vídeos, consideraram ter conseguido absorver melhor o conteúdo. Comprovando o interesse por esse tipo de material, os professores, durante a despedida do grupo, sugeriram ao pesquisador que desenvolvesse mais DVDs didáticos sobre outras provas do atletismo. Sugeriram, ainda, que se procurasse o apoio do Estado para que esse material fosse distribuído nas escolas, como complemento ao Caderno do professor, já distribuído.

- Ficou evidente, segundo relatos de todos os professores participantes desta pesquisa, que o conteúdo do DVD didático “Salto em distância” seria capaz de fazer com que professores que não dominam a modalidade, pudessem se sentir seguros para ensinar o salto em distância em suas aulas, mesmo que o utilizasse de forma diferente à proposta nas 5 aulas, selecionando o conteúdo mais propício para cada série e de acordo com suas convicções.
- Mesmo que esse material não tenha sido pensado com a finalidade de servir como um material complementar ao já distribuído pelo Estado (caderno do professor e caderno do aluno), o DVD didático “Salto em distância” mostrou-se um instrumento válido para esse fim.

Por fim, cabem algumas observações sobre a Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Logicamente, alguns aspectos e conteúdos foram “esquecidos”, mas, acreditamos que, com o passar dos anos, isso seja corrigido. Consideramos essa tentativa do Estado em sistematizar os conteúdos da Educação Física, válida e de extrema importância para a área. Só assim poderemos avançar na qualidade do que é ensinado nas nossas escolas, organizando algo que estava, há anos, desorganizado.

Porém, mesmo sendo favorável à Proposta e à sistematização dos conteúdos, acredito e defendo a autonomia do professor quanto à escolha e a forma de ensiná-los. Enxergo essa sistematização como um Norte, principalmente para uma parcela de professores que se encontra ainda “perdida”, que continuam reproduzindo um olhar limitado para a Educação Física Escolar, em que ainda impera a cultura do “rola bola”, amplamente discutida por Darido (2010) e vivenciada pelo pesquisador durante anos na Escola Pública.

Vale ainda ressaltar que, em nenhum momento nesta pesquisa, buscou-se provar que os materiais didáticos em formato multimídia são melhores ou piores do que os clássicos impressos, mas, sim, demonstrar uma outra forma de transmitir um conteúdo, a qual se mostrou bastante promissora. Temos consciência de que os

resultados obtidos com o grupo de professores avaliados, não podem ser generalizados e tomados como verdades absolutas para a área.

Assim sendo, fica a sugestão para a realização de novos estudos, talvez, com um número maior de professores e alunos avaliando o material ou, quem sabe ainda, a elaboração de cursos de atualização *online* à distância, para professores da Rede Pública, utilizando materiais do gênero.

Cabe enfatizar que após a publicação dessa dissertação, temos como intenção disponibilizar os vídeos via *Youtube*, com o objetivo de atingir o maior número de professores e alunos, contribuindo para a difusão do atletismo, particularmente, do salto em distância, no universo escolar, possibilitando que usufruam de algo que foi construído para auxiliá-los a conhecer essa prova.

Espera-se, ainda, que este trabalho possa despertar em outros pesquisadores o interesse pela pesquisa do tema, pela produção de materiais didáticos similares ou por novas formas de aplicação de materiais produzidos, contribuindo para a difusão do atletismo, especialmente no campo escolar.

REFERÊNCIAS

APEOESP, Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Uma Análise Crítica. Disponível em: <
http://www.sindicatoapase.org.br/userfiles/file/2009/fevereiro/boletim_uma_analise_critica.pdf> 2009. Acesso em 19/02/2014.

ASCHIDAMINI, I. M. SAUPE, R. Grupo Focal – Estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare Enfermagem**. (Revista do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPR), Curitiba, v.9, n.1, p.9-14, janeiro/junho, 2004

BARROS, A. M. **Os conteúdos e a prática pedagógica dos professores de Educação Física**: análise do Currículo do Estado de São Paulo. 2014. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: **mas é só isso, professor?** Revista Motriz. Rio Claro. nº 01, v. 01: 25-31 1999.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e Educação Física. 1997. (doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar. **Motriz**, São Paulo, v.7, n.2, p.125-129, jul./dez. 2001.

BIANCHI, P. **Formação em Mídia-Educação (FÍSICA)**: Ações Colaborativas na Rede Municipal de Florianópolis. 2009. Dissertação (Mestrado). Educação Física, Uni. Fed. Sta Catarina, SC.

BITTENCOURT, C. M. F. Em foco: História, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.1-3,2004.

CARVALHO, A. O. **Ginástica na escola e a utilização da tecnologia audivisual (vídeo)**. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

CASTRO, A. R. **A trajetória histórica da didática**. *Série Idéias*, São Paulo: FDE. n. 11, 1991. p. 15-25. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_11_p015-025_c.pdf > Acesso em 20/05/2012.

CASTRO, E., CHAVARRIA, F. **A importância das TIC no processo de desenvolvimento curricular**. 2005. Dissertação (Mestrado). Educação Tec. Educativa, Universidade do Minho, Braga.

CBAAt, Confederação Brasileira de Atletismo. Origens. disponível em: <http://www.cbat.org.br/atletismo/origem.asp>, 2010a. Acesso em: 01/11/2011.

_____. Confederação Brasileira de Atletismo. Histórico. disponível em: <http://www.cbat.org.br/acbat/historico.asp>, 2010b. Acesso em: 01/11/2011.

_____. Confederação Brasileira de Atletismo. Atletas, Adhemar Ferreira da Silva. disponível em: <http://www.cbat.org.br/atletas/adhemar.asp>, 2010c. Acesso em: 01/11/2011.

_____. Confederação Brasileira de Atletismo. Nossos Atletas Olímpicos, José Telles da Conceição. disponível em: http://www.cbat.org.br/competicoes/rio2016/atletas_olimpicos_jose.asp, 2009. Acesso em: 01/11/2011.

_____. Confederação Brasileira de Atletismo. Nossos Atletas Olímpicos, Nelson Prudêncio. disponível em: http://www.cbat.org.br/competicoes/rio2016/atletas_olimpicos_nelson.asp, 2009b. Acesso em: 01/11/2011.

_____. Confederação Brasileira de Atletismo. Nossos Atletas Olímpicos, João Carlos de Oliveira. disponível em: <http://www.cbat.org.br/competicoes/londres2012/atletas_olimpicos_joao.asp>, 2012a. Acesso em: 01/11/2011

_____. Confederação Brasileira de Atletismo. Equipe 2012, Seleção Feminino. disponível em: <http://www.cbat.org.br/competicoes/londres2012/atletas_fem.asp>, 2012b. Acesso em: 01/11/2011

C.O.M. Tecnologias de informação e de comunicação no âmbito do desenvolvimento - **O papel das TIC na política comunitária de desenvolvimento.** COMUNICAÇÃO DA COMISSÃO AO CONSELHO E AO PARLAMENTO EUROPEU Bruxelas: 770 p. 2001.

CHIESA, A. M.; CIAMPONE, M. H. T. **Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais.** A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC. Brasília: ABEN, 1999, p. 306-324.

COI. Comitê Olímpico Internacional. Athletics. disponível em: <<http://www.olympic.org/athletics>> 2013. Acesso em 25/09/2013.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na Reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

COSTA, A. **Atletismo. Educação Física na escola primária.** Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1992.

CYSNEIRO, P. G. Novas Tecnologias na Sala de Aula: **Melhoria do Ensino ou Inovação Conservadora?** Informática Educativa UNIANDES - LIDIE. Vol. 12 n. 1: 11-24 p. 1999.

DARIDO, S. C. et al. Livro didático na educação física escolar: considerações iniciais. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n.2, p.450-457, abr./jun. 2010.

_____.; JUNIOR, O. M. S. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. 6.ed. Campinas: Editora Papirus, 2010.

_____. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16

DELORS, J. **A educação para o século XXI: questões e perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DEMO, P. Acreditações e Novas Tecnologias. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. Vol. 1 n. 1, p. 53-75, 2009.

FAGANELLO, F. R. **Análise dos livros de atletismo como subsídio para o seu ensino no campo escolar**. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

FARIA, E. T. O professor e as novas tecnologias. In: Enricone, Délcia (Org.) **Ser Professor**. 4ª ed, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (p. 43-54).

FERREIRA, J. O sentido da tecnologia: entre o conhecimento e as estratégias de mercados. <<http://www.uff.br/mestcii/jairo2.htm>>, 2001. Acesso em: 10/06/2011.

FERRÉZ, J. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREITAS, F. P. O salto com vara na escola: **subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica**. Revista Motriz Rio Claro. v.15, n.3 739-739 p. 2009.

FREITAS, M. **Atividades Recreativas para o Aprendizado do Atletismo na Escola - DVD**. Editora Sprint, 2009.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GERHARDT, T. E e SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GINCIENE, G. **A utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino dos 100 metros rasos**. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

IAAF, International Association of Athletics Federations. **Atletismo: Regras Oficiais de Competição 2012-2013, Versão Oficial Brasileira**. Manaus: Edições CBAt. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/regras/REGRAS_OFICIAIS_2012-2013.pdf> 2009. Acesso em: 20/04/2012.

_____. International Association of Athletics Federations. **Miniatletismo Iniciação ao Esporte: Guia Prático de Atletismo para Crianças**. disponível em: <http://www.cbat.org.br/mini_atletismo/Mini_Atletismo_Guia_Pratico.pdf> 2011. Acesso em: 01/10/2012.

_____. International Association of Athletics Federations. **History**. disponível em: <<http://www.iaaf.org/about-iaaf/history>> 2013a. Acesso em: 21/06/2013.

_____. International Association of Athletics Federations. **About IAAF**. disponível em: <<http://www.iaaf.org/about-iaaf>> 2013b. Acesso em: 21/06/2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. disponível em: <

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000012962305122013234016242127.pdf>> 2013. Acesso em: 10/01/2014.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONE, M. C. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.35, n.2 , p. 115-121, jun. 2001.

JUSTINO, E. O.; RODRIGUES, W. Atletismo na escola: é possível? 2007. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.org/wp/atletismo-na-escola-e-possivel/>>. Acesso em 18/02/2014.

KUNZ, E. - **Transformação didático - pedagógica do Esporte**. 6ª ed. Ijuí: Unijuí Editora, 2004.

LECINA, L. A. R. J., I. C. **Diagnóstico do atletismo escolar em Santa Maria. Kinesis**. Santa Maria. nº 25 2001.

LIMA, A. A. **O uso do vídeo como um instrumento didático e educativo: um estudo de caso do CEFET-RN**. 2001. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

LIMAS, M. E. M. **O vídeo como instrumento didático educativo**. 2007. (Monografia do curso de Matemática). Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas, Minas Gerais.

MANDARINO, M. C. F. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, v. 1 n.1, 2002.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. São Paulo: Didática, 1991.

MARTINES, T. C. **Análise de vídeos didáticos de Matemática**. 2003. Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas – Departamento de Matemática, UFSCar, São Carlos.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

_____. **Atletismo se aprende na escola**. 2ª ed. Jundiaí: Fontoura, 2009.

MELHEM, A. **Brincando e Aprendendo Basquetebol - DVD**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004a.

_____. **Brincando e Aprendendo Voleibol - DVD**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004b.

MELLO, R. S. **Jogos Recreativos para Futebol - DVD**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

MEZZARROBA C.; ROMANSINI L. A.; MOREIRA Elisa L.; PEREIRA H.; SOUZA E. R. A visão dos acadêmicos de Educação Física quanto ao ensino do atletismo na escola. Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 93 - Febrero de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd93/atlet.htm>>. Acesso em 18/02/2014.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicações & Educação**, disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>, 1995. Acesso em 15/08/2011.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Revista Informática na Educação: Teoria & Prática**, disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov.htm>>, 2000. Acesso em 15/08/2011.

_____. Desafios da televisão e do vídeo à escola. **Texto de apoio ao programa Salto para o Futuro da TV Escola no módulo TV na Escola e os Desafios de**

Hoje, disponível em: <
http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/desafio.pdf >,
 2002. Acesso em: 01/08/2011.

NETTO, R. S. **O Ensino do Atletismo nas aulas de Educação Física**. Curitiba: SEED/PR. 2009.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa - Características, uso e possibilidades. Caderno de Pesquisa em Administração. V.1, N. 3, p. 1-5, 1996.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORO, U.; KIRSCH, A.; KOCH, K. **Antologia do Atletismo – Metodologia para iniciação em Escolas e Clubes**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

PAISSAN, G. **L'insegnamento dell'atletica leggera a scuola**. Volume 1 Roma: Federazione Italiana di Atletica Leggera, 2002.

_____. **L'insegnamento dell'atletica leggera a scuola**. Volume 2 (saltos). Roma: Federazione Italiana di Atletica Leggera, 2003.

_____. **L'insegnamento dell'atletica leggera a scuola**. Volume 3 (jogos do atletismo e revezamento). Roma: Federazione Italiana di Atletica Leggera, 2004.

_____. **I salti nelle categorie giovanili**. Roma: Federazione Italiana di Atletica Leggera, 1994.

PEREIRA, M. G. C. B. **A Relação dos Jovens com as TIC e o Factor Divisão Digital na Aprendizagem**. X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. ACTAS. Braga: Universidade do Minho 2009.

PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola; **relações possíveis... relações construídas**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 2006.

POWELL, R. A. e SINGLE, H. M. Focus Groups. **International Journal for Quality in Health Care**, V. 8, N. 5, p. 499-504, 1996 disponível em: <<http://intqhc.oxfordjournals.org/>> Acesso em: 06/05/2013.

ROSARIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, Rio Claro, v.11, n.3 p.167-178, set./dez. 2005.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física EDUCAÇÃO**. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. São Paulo: SEE, 2010. disponível em: <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/43/Files/LCST.pdf>> Acesso em: 05/05/2014.

SEBRIAM, D. C. S. **Utilização das tecnologias da informação e comunicação no ensino de Educação Física**. 2009. (Mestrado em Engenharia de Mídias para a Educação). Engenharia de Mídias para a Educação, Uni. Téc. de Lisboa, Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid, Université de Poitiers, Lisboa, Madri, Poitiers.

TECNOLOGIA, P. E. Tecnologia e Educação: novos tempos, novos rumos. 2006. disponível em: <<http://pedtec.blogspot.com.br/2006/10/tecnologia-e-educao-novos-tempos.html>>. Acesso em: 20/06/2011.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIDIGAL, J. M. S. **Escola de Tempo Integral, Jogos e Brincadeiras, Atletismo e Ginástica.** EDUCAÇÃO, S. D. E. D. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais 2009.

VIEIRA, S. **O que é atletismo** / Silvia Vieira, Armando Freitas. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.

VILELA, L. R. A formação de educadores na Era Digital. **Educação Temática Digital**, v.8, n. 2, p. 12-22, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Professor

Convidamos o senhor (a), a participar da pesquisa intitulada: **“As Tecnologias de Informação e Comunicação e o salto em distância: contribuições de um DVD didático para o ensino do atletismo na escola”**. O objetivo principal é produzir e avaliar um DVD didático sobre o salto em distância visando, o seu ensino em aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. O projeto é de responsabilidade de Tiago Pedicini Ferreira da Silva, Rg. 45210235-2, aluno da pós-graduação da UNESP, sob supervisão de Sara Quenzer Matthiesen, professora adjunta da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro.

Ao aceitar esse convite esteja certo (a) da grande importância de sua participação, pois, por meio dela poderemos avaliar o conteúdo do DVD didático e a viabilidade de sua utilização em aulas de Educação Física. Caso o senhor (a) aceite participar dessa pesquisa como voluntário (a) será convidado (a) a assistir a apresentação do material didático e a participar de um grupo de discussões sobre esse material didático.

Apesar de mínimos, os riscos que esta pesquisa poderá lhe oferecer, são de caráter emocional, como constrangimento, timidez e vergonha, que serão minimizados pela presença do pesquisador responsável, que mediará toda a discussão entre os integrantes do grupo. Entretanto, é importante salientar que caso alguma questão lhe ocasione algum tipo de preocupação ou desconforto, você terá total liberdade de não respondê-la ou de desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalização por isso.

Todo o conteúdo discutido neste grupo de voluntários será registrado, a fim de possibilitar uma análise mais detalhada em um segundo momento. Sua participação é voluntária e a eventual recusa em participar, seja ela em qualquer momento da pesquisa não lhe provocará nenhum dano ou punição.

Vale ressaltar que, os resultados dessa pesquisa poderão ser publicados ou apresentados em eventos científicos, sendo que seus dados pessoais serão mantidos em sigilo.

Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se alguma dúvida persistir ou se o senhor (a) julgar necessárias informações adicionais sobre qualquer aspecto desse convite e projeto de pesquisa, sinta-se à vontade para perguntar ao pesquisador pessoalmente ou por meio do telefone: (11) 95215-9298 ou pelo e-mail: tiago_unesp@yahoo.com.br

É importante salientar que os sujeitos participantes, não terão nenhum tipo de despesa, bem como não serão remunerados para participar desta pesquisa.

Se o Senhor (a) estiver suficientemente esclarecido sobre os objetivos e sua participação nessa pesquisa, convido-o a assinar este Termo, que será elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Senhor (a) e a outra com o pesquisador responsável.

Dados da pesquisa:

Nome do Responsável: Tiago Pedicini Ferreira da Silva

Cargo/função: Aluno de Pós-Graduação (mestrando)

Instituição: Unesp – Campus Rio Claro

Endereço: Avenida 24-A, 1515 – Bela Vista, CEP: 13506-900

Dados Contato Fone: (19) 3526-9643 e (11) 95215-9298 **E-mail:** tiago_unesp@yahoo.com.br

Orientador: Sara Quenzer Matthiesen

Instituição: Unesp – Campus Rio Claro

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____ RG: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Sexo: M () / F () Telefone: (____) _____

Endereço: _____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Filmagem

Convidamos o senhor (a), a participar de uma pesquisa intitulada: **“As Tecnologias de Informação e Comunicação e o salto em distância: contribuições de um DVD didático para o ensino do atletismo na escola”**. O objetivo principal é produzir e avaliar um DVD didático sobre o salto em distância, visando o seu ensino em aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. O projeto é de responsabilidade de Tiago Pedicini Ferreira da Silva, Rg. 45210235-2, aluno da pós-graduação da UNESP, sob supervisão de Sara Quenzer Matthiesen, professora adjunta da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Rio Claro.

Ao aceitar esse convite esteja certo (a) da grande importância de sua participação, pois, por meio das imagens coletadas será possível a elaboração do DVD didático com vídeos de pessoas executando atividades didáticas, jogos e brincadeiras, a fim de ilustrar um processo pedagógico para o ensino do salto em distância em aulas de Educação Física. Caso o senhor (a) aceite participar dessa pesquisa como voluntário (a) será convidado (a) a participar das filmagens das atividades didáticas e, estará autorizando, ao pesquisador, utilizar todas as imagens referentes às atividades antes mencionadas, para fins científicos e divulgação do material didático. Os possíveis riscos desta pesquisa serão os provenientes de uma prática de atividade física moderada, sendo minimizado em função da intensidade do esforço e àqueles referentes à exposição de imagem na divulgação do material didático, ao final das filmagens, ressaltamos que o pesquisador se compromete a exibi-las na íntegra aos participantes, para que aprovelem ou não o material filmado. Sendo assim, sua participação é voluntária e a eventual recusa em participar, seja ela em qualquer momento da pesquisa não lhe provocará nenhum dano ou punição.

As imagens coletadas por meio das filmagens serão estudadas e utilizadas para fins de pesquisa e de divulgação didática e científica. Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se alguma dúvida persistir ou se o senhor (a) julgar necessárias informações adicionais sobre qualquer aspecto deste convite e projeto de pesquisa, sinta-se à vontade para perguntar ao pesquisador pessoalmente ou por meio do telefone: (11) 95215-9298 ou pelo e-mail: tiago_unesp@yahoo.com.br

É importante salientar que os sujeitos participantes, não terão nenhum tipo de despesa, bem como não serão remunerados para participar desta pesquisa.

Se o Senhor (a) estiver suficientemente esclarecido sobre os objetivos e sua participação nessa pesquisa, convido-o a assinar este Termo, que será elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Senhor (a) e a outra com o pesquisador responsável.

Dados da pesquisa:

Nome do Responsável: Tiago Pedicini Ferreira da Silva

Cargo/função: Aluno de Pós-Graduação (mestrando)

Instituição: Unesp – Campus Rio Claro

Endereço: Avenida 24-A, 1515 – Bela Vista, CEP: 13506-900

Dados Contato Fone: (19) 3526-9643 e (11) 95215-9298 **E-mail:** tiago_unesp@yahoo.com.br

Orientador: Sara Quenzer Matthiesen

Instituição: Unesp – Campus Rio Claro

Dados do participante da pesquisa:

Nome: _____ RG: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Sexo: M () / F () Telefone: (____) _____

Endereço: _____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

ANEXO 2

Protocolo Comitê de Ética e Pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 015/2013

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 7425 Data de Registro CEP: 09.10.12	
Projeto de Pesquisa: "As tecnologias de informação e comunicação e o salto em distância: contribuições de um DVD didático para o ensino do atletismo na escola"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: -.-
	Colaboradores: -.-
Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: -.-
	Orientando(a): -.-
Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: Tiago Pedicini Ferreira da Silva
	Orientador: Sara Quenzer Matthiesen

Objetivo Acadêmico:	☐ TCC
	☒ Mestrado
	☐ Doutorado
	☐ Outros – (especificar)

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 56ª reunião ordinária, realizada em 25/03/2013.	
☐	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Desde que atendidas as pendências apontadas na reunião (vide anexo), aprova o Projeto de Pesquisa acima citado.
☒	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado.
☐	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
☐	Não Aprovou.
☐	Retirou, devido à permanência das pendências.
☐	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha, com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa-CONEP/MS, por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

↙ "Formulário para Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados"
Data de Entrega: Maio de 2014

Rio Claro, 26 de março de 2013.
 Profa. Dra. Rosa Maria Feiteiro Cavalari Coordenadora do CEP

ANEXO 3

Planos de aula

1ª aula (teórica)	
Título da aula	Conhecendo o salto em distância.
Objetivo	Discutir aspectos referentes ao processo histórico do salto em distância e as regras básicas, visando trabalhar essa prova, na prática, nas aulas subsequentes.
Recursos didáticos	DVD didático “salto em distância”, recurso multimídia para exibição (ex: aparelho de DVD, televisor, <i>Datashow</i> , computador, etc.).
Atividades sugeridas	• Recepcione os alunos na sala de aula; • Faça uma conversa inicial sobre o salto em distância. Pergunte aos alunos se eles já viram essa prova do atletismo; se já a praticaram ou se conhecem alguém que a pratica. Isso contribuirá para que retomem algumas de suas experiências anteriores relacionadas a essa prova do atletismo; • Explique aos alunos que serão exibidos 3 vídeos nesta aula, sendo eles, o vídeo sobre o processo histórico, sobre os recordes e sobre as regras. • Inicie a exibição dos vídeos. <u>Vídeo 1 – Processo histórico:</u> • Comece pelo Vídeo 1 referente ao processo histórico, contendo a origem do salto em distância e os principais atletas que integram a história dessa prova. Chame a atenção dos alunos para a evolução dessa prova do atletismo e para os estilos de saltos mais utilizados atualmente. Isso facilitará o processo de aprendizagem prática do estilo grupado, que será ensinado na 4ª. aula; • Discuta o vídeo com os alunos. Pergunte, por exemplo, do que mais gostaram; se lembram do nome de algum atleta; como era a forma com que saltavam; peça para que citem o nome dos 3 estilos exibidos no vídeo; qual a principal diferença entre o salto em distância praticado pelos gregos antigos e pelos atletas da atualidade.

	• Prepare os alunos para assistirem o vídeo seguinte sobre os recordes mundiais e brasileiros. Solicite que fiquem atentos às diferentes formas de saltar utilizada por cada um dos atletas e às marcas por eles conquistadas. <u>Vídeo 2 – Os recordes mundiais e brasileiros:</u> • Exiba o Vídeo 2 contendo os recordes mundiais e brasileiros do salto em distância. Isso contribuirá para a complementação do vídeo sobre o processo histórico, além de propiciar o conhecimento dos recordistas mundiais, brasileiros e de seus recordes, por meio de imagens, as quais eles dificilmente tenham tido acesso. • Discuta o vídeo com os alunos. Pergunte, por exemplo: quais as diferenças que eles conseguiram observar nas diferentes formas de saltar; qual a que consideram ser mais fácil de executar etc. Esse tema deverá retornar na 4ª aula, quando será ensinado o salto grupado, pois é o estilo mais fácil de aprender e indicado para a iniciação do salto em distância. Além disso, discuta com os alunos a supremacia dos negros na prova do salto em distância e sobre a diferença do desempenho de homens e mulheres, por exemplo, ampliando as possibilidades de reflexão acerca desse conteúdo. <u>Vídeo 3 – Regras do salto em distância:</u> • Exiba o Vídeo 3 sobre as regras do salto em distância. Isso contribuirá para um maior entendimento das regras básicas da prova, contribuindo para o desenvolvimento da aula prática. • Discuta o vídeo com os alunos. Enfatize, por exemplo, a importância da velocidade do vento na homologação dos recordes, ressaltando que no Vídeo 2, exibido anteriormente, Mike Powell teve um salto de 8,99m não homologado por conta do auxílio do vento. Ressalte que há um número definido de tentativas durante a prova; que há situações em que a tentativa é válida e em outras não; que a medição do salto é feita partindo-se da tábua (linha de medição) até a marca mais próxima deixada pelo corpo do atleta na caixa de areia, em relação à própria tábua; lembre as medidas oficiais do setor de salto. Esse tema deverá retornar na 3ª e 5ª aulas, quando os alunos terão a oportunidade de realizar a fase de corrida de aproximação de 10 passadas e a execução completa do salto em distância
--	--

	propriamente dito.
Encerramento	• Promova uma atividade de reflexão, instigando-os a discutir assuntos relacionados ao uso de <i>doping</i> no atletismo, usando o caso da atleta Maurren H. Maggi, ocorrido em 2003, pouco antes dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingos, fato que acabou excluindo a atleta dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, como exemplo. Explore esse assunto se achar pertinente; • Finalize a aula solicitando aos alunos que pensem em uma brincadeira de rua que eles brincam (ou já brincaram) que envolvia (ou envolve) algum tipo de salto. Isso será ponto de partida para a próxima aula.

2ª aula (prática)	
Título da aula	Brincando de saltar.
Objetivo a ser alcançado na aula:	Vivenciar as brincadeiras de rua relacionadas ao ato de saltar, contribuindo para lembrar atividades distintas relacionadas à prova do salto em distância.
Recursos para a aula:	Bolas, cones, giz, fita adesiva, sacos de pano etc.
Desenvolvimento das atividades:	• Após a chamada, pergunte aos alunos quais as brincadeiras de rua que eles se recordam que envolve algum tipo de salto (cada aluno deverá dizer uma). Vale lembrar que essa foi uma solicitação da aula anterior. • Após lembrarem algumas brincadeiras, escolha algumas delas recordadas pelos alunos ou realize as brincadeiras que serão exemplificadas a seguir, como: “mãe da rua pulando com um pé só”, “pula carniça” e “corrida de saco”. 1ª brincadeira - Mãe da rua pulando em um pé só: • Risque, na quadra, duas linhas paralelas com uma distância de aproximadamente 3 metros entre elas. O espaço que se formou entre as linhas será a rua e os espaços para fora serão as calçadas; • Escolha uma ou duas crianças para ser a “mãe da rua”. Lembre-se que esse número deverá ser proporcional ao número de alunos da classe e à dificuldade que será imposta à atividade; • Divida o restante da sala em dois grupos. Cada grupo ficará em uma calçada e deverá atravessar a rua em direção a outra calçada sem ser pego pela “mãe da rua”; • Os alunos deverão atravessar a rua obrigatoriamente pulando em um pé só. O aluno que tentar atravessar de outra maneira será considerado pego; • Vence a brincadeira o grupo que ficar com o maior número de participantes ao final da atividade ou ao final de um tempo previamente determinado;

	• Essa brincadeira poderá ser realizada sem o caráter competitivo entre grupos. Após escolher os pegadores, o restante da classe poderá atravessar a rua livremente (sempre pulando em um pé só). Porém, quem for pego, passará a ser o pegador, o que proporcionará uma alternância entre os pegadores. 2ª brincadeira - Pula carniça (pula mula): • Divida a sala em grupos de 10 a 15 alunos, para que todos consigam brincar ao mesmo tempo; • Cada grupo deverá formar uma coluna, deixando um espaço entre de 2 a 3 metros entre os alunos; • Todos os alunos, exceto o último da coluna (que será o saltador), deverá assumir a posição de “sela”, ou seja, ficar com as costas curvadas e com as duas mãos apoiadas nos joelhos. Se algum aluno for muito alto, peça para que ele abaixe um pouco mais, flexionando os joelhos, para que todos possam saltá-lo; • O último aluno será o saltador e deverá saltar por cima dos demais até chegar à frente da coluna; • Ao chegar à frente, o aluno que foi o saltador deverá se curvar e tomar a posição de “sela”, para que os demais também possam saltá-lo; • Assim que o saltador se posicionar como “sela”, o último da coluna será o saltador e deverá saltar por sobre os demais; • Esse processo terá continuidade até que todos da coluna tenham passado pela posição de saltadores. • Algumas variações poderão ser feitas, de modo a tornar a atividade mais atrativa. Por exemplo: quando o saltador for saltar por cima da última sela, poderá dar um comando gritando, por exemplo: “pulando e apoiando apenas uma das mãos”, assim, o saltador seguinte deverá fazer igual em todos os saltos até chegar ao último, podendo modificar esse comando para que os outros repitam. • Exemplos de comandos: saltar e bater uma palma no ar; saltar apoiando apenas uma das mãos nas costas da “sela”; saltar apoiando apenas os dedos das mãos na
--	--

	“sela”; saltar e dar um grito etc. 3ª brincadeira - Corrida de saco: • Divida a sala em 3 ou mais grupos, procurando mesclar meninos e meninas. Procure, ao longo das aulas, formar grupos diferentes para que todos tenham contato entre si; • Determine uma linha de saída e um ponto para o retorno dos alunos; • Os grupos deverão ser colocados em colunas, atrás da linha de saída. Poderá ser utilizada a linha de fundo da quadra de voleibol ou uma linha feita com giz. O ponto de retorno poderá ser colocado na linha de fundo oposta ou a aproximadamente 10 metros de distância da linha de partida; • Os alunos, um a um, deverão colocar os pés dentro do saco (vestir o saco), e saltar em direção ao ponto de retorno (cone, bandeirinha, ou qualquer objeto que possa representar esse ponto), fazendo a volta em torno dele, retornando em direção ao próximo da coluna, no ponto de saída; • O próximo da coluna deverá vestir o saco e percorrer a mesma distância e entregar o saco ao próximo. Isso deverá ocorrer sucessivamente até que o último aluno percorra a distância; • Vencerá a brincadeira o grupo que chegar primeiro sem infringir nenhuma regra; Principais regras: • Regra 1 - Um aluno por vez, sendo que todos deverão percorrer a distância pré-definida; • Regra 2 - A distância deverá ser percorrida saltando com as pernas enfiadas dentro do saco; • Regra 3 - O aluno deverá passar por trás do ponto de retorno, sendo que o saco poderá ser trocado de aluno apenas atrás da linha de saída. <u>Algumas considerações sobre as atividades:</u> • Proponha aos alunos a realização das atividades que
--	---

	foram lembradas anteriormente (escolha pelo menos 3 brincadeiras a serem realizadas em uma aula de 50 minutos); • Inicie por uma brincadeira que envolva a sala toda e que não tenha o caráter de competição entre os grupos, como por exemplo, “mãe da rua” ou “pula carniça”; • Procure deixar para o final da aula as brincadeiras com caráter competitivo, como por exemplo: corrida de saco, entre outras.
Encerramento da aula:	Associe as brincadeiras realizadas na aula com o salto em distância, relembrando alguns aspectos das regras e objetivos da prova, por exemplo: • Os atletas deverão respeitar as regras para que não sejam desclassificados; • O atleta deverá saltar após uma corrida de aproximação (tema da aula seguinte); • A tábua de impulsão não poderá ser ultrapassada, caso isso aconteça o salto será invalidado; • O salto deverá ser realizado com apenas um pé de impulso; • Após o salto, o atleta deverá sair da caixa de areia sempre para frente da marca feita por ele, invalidado a tentativa, caso retorne em direção à tábua de impulsão; • A medição do salto deverá ser feita partindo com o zero da trena na marca mais próxima deixada pelo atleta na areia em relação à tábua. A trena será esticada até passar a tábua. Porém, a leitura será feita na linha de medição; • O atleta terá direito a 3 tentativas iniciais. Após classificação dos atletas, os 8 melhores terão direito a mais 3 saltos; • Vencerá a prova o atleta que saltar mais longe, respeitando todas as regras.

3ª aula (prática)	
Título da aula	Corrida de aproximação para o salto.
Objetivo a ser alcançado na aula:	Ensinar a corrida de aproximação e a identificar a marca para a corrida de aproximação de 10 passadas.
Recursos para a aula:	• Giz para marcação da quadra ou fita adesiva; • Caixotes ou tampas de plinto; • Colchonetes.
Desenvolvimento das atividades: (conversa inicial)	• Inicie a aula lembrando as regras citadas no Vídeo 3 e ao final da aula anterior; • Exiba uma imagem do setor de saltos. Explique que esse local é dividido em três partes: corredor, tábua de impulsão e setor de queda ou caixa de areia. <u>Medidas do setor do salto em distância:</u> • Corredor com, no mínimo, 40 metros de comprimento medidos a partir da linha de medição. Largura de 1,22 metros, delimitados por duas linhas laterais de 5 cm de largura cada; • Tábua de impulsão com 1,22 m de largura por 20 cm de comprimento. Essa tábua de impulsão deverá ser colocada no mesmo nível da pista e da área de queda. Após a linha limite da tábua de impulsão, haverá uma faixa denominada “plasticina”, com o mesmo comprimento da tábua e uma largura de 10 cm. A “plasticina” tem a função de detectar quando o pé do atleta ultrapassa a linha de medição, deixando-lhe uma marca impressa (detalhada no vídeo). • A área de queda deverá conter areia e ter a largura mínima de 2,75 m e máxima de 3 m. Se possível, deverá estar localizada de modo que o centro do corredor coincida com o centro da caixa de areia. Após a exibição da imagem e explicação das medidas do setor de salto: • Enfatize a corrida que será realizada no corredor, a qual deverá terminar na tábua de impulsão, onde o atleta deverá realizar o salto sem que ultrapasse a linha de medição.

	• Pergunte aos alunos se os atletas podem realizar o salto com os dois pés juntos e se existe um pé certo para realizar o salto. Posteriormente, relembre o que foi visto no vídeo das regras sobre o assunto.
Desenvolvimento das atividades: (atividade prática)	• Inicie o aquecimento com um pega-pega (aproximadamente 5 minutos de duração). Isso servirá para preparar os alunos para as atividades seguintes de maior intensidade. Após o aquecimento, inicie um alongamento dando ênfase aos membros inferiores, como sugerido a seguir, de modo a contribuir para evitar lesões do tipo musculares: • Posicione os alunos em círculo e inicie o alongamento dois a dois; • Quadríceps: em pé, de frente para o colega, apoiar-se nos ombros um do outro para assim manter o equilíbrio. Com a mão de um lado do corpo, o aluno deverá pegar o pé do mesmo lado (mão direita com pé direito e vice versa), fazer uma flexão do joelho, procurando encostar o calcanhar no glúteo para alongar a musculatura anterior (da frente) da coxa; • Posterior (bíceps femoral) e interna da coxa (adutores): em pé, com as pernas afastadas, o aluno deverá abaixar o tronco em direção ao solo, depois em direção à perna direita e, depois, esquerda; • Panturrilha: um de frente para o outro, o aluno deverá apoiar-se nos ombros do colega, levar uma das pernas para frente realizando a flexão do quadril e do joelho (os dois deverão levar juntos a perna direita ou esquerda ao mesmo tempo, pois estando um de frente para o outro, facilitará o equilíbrio), enquanto a outra perna permanecerá em extensão, sem que se retire o calcanhar do chão. O aluno deverá inclinar o corpo, reto, ligeiramente para frente, até sentir uma leve tensão na panturrilha; • Outros alongamentos poderão ser utilizados. <u>Coordenação motora de corrida e salto</u> Estes educativos contribuirão para que os alunos aprendam a correr de forma coordenada, melhorando a amplitude das passadas. O trabalho dos braços, a impulsão e o controle do corpo na hora do salto, têm como objetivo melhorar a velocidade e o aproveitamento da corrida até a fase de impulsão: • <i>Skiping:</i> Corrida com elevação alternada dos joelhos até a altura da cintura, trabalhando os movimentos dos braços

	alternados com o das pernas (braço direito com perna esquerda, braço esquerdo com perna direita); • Anfersen: Corrida com o calcanhar batendo no glúteo, coordenando os braços, como no <i>skipping</i>. O tronco deverá estar levemente inclinado para frente; • Hopserlauf: Sucessão de saltos para cima em progressão, com elevação alternada dos joelhos até a altura do quadril, deixando a perna de impulso em extensão (reta). Movimentar os braços alternadamente com as pernas, sempre em direção ao alto; • Soldadinho: movimento ritmado de corrida com as pernas estendidas, tocando somente a ponta dos pés no chão e trabalhando o movimento dos braços alternadamente com as pernas. Nesse movimento, o aluno deverá ficar com o tronco reto, evitando a inclinação para a frente ou para trás. <u>Identificar a perna de impulsão:</u> Esta atividade visa identificar a perna mais forte para a execução do salto, fazendo com que o aluno aproveite melhor sua tentativa. Siga os passos a seguir para a realização da atividade: • Com os pés juntos, peça para que os alunos deixem o corpo cair para frente. Observe que uma perna irá para frente, a fim de “protegê-lo” contra a queda. A perna que for para frente deverá ser utilizada como perna de impulso. <u>Corrida de aproximação com 10 passadas</u> O objetivo desta atividade será fazer com que os alunos aprendam a realizar uma corrida de aproximação com 10 passadas, minimizando as tentativas falhas durante o salto. Ou seja, ao realizar corretamente essa corrida, dificilmente o aluno irá queimar uma tentativa de salto. Siga abaixo o passo a passo para a realização dessa atividade: • Separe os alunos em duplas, para que um auxilie o outro; • A partir da linha de 3 metros do voleibol, faça com que os alunos realizem uma corrida (do centro para fora da quadra), executando, a partir da linha, onde estará o pé de impulso, 10 passadas; • Ao iniciar essa corrida, sempre com a observação do colega da dupla, o aluno deverá contar o primeiro passo a partir do pé contrário ao de impulso. Por exemplo, se o pé de impulso for o direito, o aluno deverá colocá-lo sobre a linha, iniciando a
--	---

	corrida. Assim, após iniciá-la, o primeiro pé que tocará o solo será o esquerdo, neste caso o pé contrário ao de impulso. Esse será o primeiro passo dos 10 que virão a seguir. • A função do colega da dupla será a de contar e a de identificar onde foi que seu companheiro tocou o solo pela décima vez. Esse local será denominado como “marca de saída”, a partir do qual iniciará a corrida, de forma a atingir a tábua de impulsão com sua perna de impulso. • Após a identificação da marca, faça com que os alunos testem a corrida e verifique se a marca está correta. Caso ocorra algum problema, essa marca poderá ser ajustada levando o ponto de partida, um pouco à frente ou atrás, dependendo da necessidade de cada caso; • Após a confirmação da marca, ensine os alunos a medir a distância da sua marca com os pés, a fim de reproduzirem quando forem saltar novamente. Peça para que cada aluno memorize sua marca de acordo com a quantidade de pés. <u>Salto sobre o caixote</u> (MATTHIESEN, 2009): • Coloque, sobre a linha dos 3 metros do voleibol, alguns caixotes ou tampa do plinto; • Divida a sala em grupos de acordo com o número de caixotes que possuir, para que o maior número de alunos faça a atividade ao mesmo tempo; • Posicione alguns colchonetes logo após o caixote, para que os alunos saltem e caiam em cima deles, evitando que se machuquem; • Peça aos alunos para utilizarem suas marcas, fazendo a atividade com 10 passadas; • O aluno deverá iniciar sua corrida de 10 passadas (ou de forma livre), em direção ao caixote, realizar o salto com a perna de impulso, impulsionando sobre ele e caindo sobre os colchonetes; • Lembre-se que o objetivo dessa aula é a corrida e a definição da perna de impulso e não a técnica do salto. Esse assunto será abordado na aula seguinte. Deixe os alunos saltarem livremente. • Evite que os alunos façam uma corrida com mais de 10 passadas, limitando, assim, sua velocidade e, conseqüentemente, a distância do salto, pois quanto maior a distância que eles tiverem para correr, maior será a
--	---

	velocidade. Consequentemente, o aluno irá saltar mais longe, sendo que quanto mais longe saltar, maior a chance de se machucar, caso o salto não seja realizado na caixa de areia.
Encerramento da aula:	• Relembre a vantagem do atleta treinar bem sua marca, a fim de aproveitar toda a velocidade na corrida de aproximação, sem se preocupar em invalidar (queimar) sua tentativa; • Mostre para os alunos as imagens da tábua de impulsão durante a execução de uma tentativa válida e de uma inválida; • Relembre o número de tentativas que cada atleta possui; • Relembre os estilos de saltos mais utilizados no salto em distância (tema da próxima aula).

4ª aula (prática)	
Título da aula	Aprendendo o salto grupado.
Objetivo a ser alcançado na aula:	Relembrar os três estilos técnicos do salto em distância e ensinar o estilo de salto grupado.
Recursos para a aula:	• Trena. • Bexigas; • Elástico grande ou corda (aproximadamente 6 metros); • Garrafinhas Pet de 600ml ou 1 litro cheias de água; • Arcos plásticos (bambolê).
Desenvolvimento das atividades: (conversa inicial)	• Após recepcionar os alunos no local da aula, relembre os três estilos técnicos de saltos vistos nos vídeos (grupado, arco e passada no ar); • Mostre a imagem de Galina Chistyakova, Maurren Higa Maggi e Mike Powell e peça para que os alunos digam que estilo de salto cada atleta utilizou; • Relembre a origem do salto em distância, em que o salto era realizado partindo-se de uma posição parada, com o auxílio de dois halteres de pedra nas mãos.
Desenvolvimento das atividades: (atividade prática)	<u>Salto em distância da Antiguidade:</u> Nessa atividade, os alunos irão realizar o salto parado, com a utilização de objetos nas mãos, representando os antigos halteres de pedras utilizados pelos gregos. Para a realização desta atividade, siga os passos a seguir: • Posicione os alunos ao longo da linha lateral do futsal com um espaço de segurança de 3 metros entre eles; • Se for necessário, divida a classe em grupos, para que cada grupo realize o salto na sua vez; • Utilize duas garrafinhas Pet de 1 litro ou 600 ml cheias de água para simular os halteres; • A posição inicial para o salto será com as pernas ligeiramente afastadas (a distância entre as pernas será da largura dos

ombros);

- Os pés dos alunos deverão estar atrás da linha, o mais próximo possível sem tocá-la;
- Os alunos deverão flexionar os joelhos mais ou menos em um ângulo de 90°, levando os braços para trás do corpo;
- Ao sinal do professor, o aluno deverá impulsionar as pernas para realizar um salto em sentido horizontal e levar os braços para frente, com as garrafinhas nas mãos;
- Ao sair do chão, o aluno soltará as garrafinhas, de modo que na queda, o aluno não terá as garrafinhas nas mãos;
- A distância do salto será medida a partir da linha de saída até onde o aluno tocou o solo, seguindo todas as regras de medição aprendidas no **Vídeo 3**;
- Peça para que os alunos realizem a atividade com e sem a utilização dos pesos;
- Faça uma reflexão sobre a utilização ou não desse peso. Será que eles ajudam ou atrapalham o atleta? Por que não são mais utilizados? Quais as vantagens e desvantagens?

Saltando com a bexiga (MATTHIESEN, 2009):

Esta atividade visa fazer com que os alunos agrupem braços e pernas no momento da fase de voo e queda no chão. Para a realização da atividade, siga os passos a seguir:

- Estenda na quadra uma corda ou elástico em uma altura de mais ou menos 30 cm do chão (utilize, por exemplo, o poste de voleibol para fixar essa corda);
- Distribua uma bexiga para cada aluno;
- Correndo com a bexiga nas mãos pela quadra, ao sinal do professor, o aluno deverá executar um salto por cima da corda, fazendo com que a bexiga toque a ponta dos pés, aproximando assim, do movimento do salto grupado;
- Oriente os alunos a flexionarem os joelhos no momento da queda, para que possam amenizar o impacto. Evite que os alunos realizem o salto e caiam com as pernas estendidas, ou seja, na posição em pé.

Dança dos arcos:

Esta atividade é uma adaptação da “dança das cadeiras”. Ela visa fazer com que os alunos saltem com apenas uma das pernas

	executando o movimento do salto grupado e estimule a velocidade de reação deles. Para realizar esta atividade, siga os passos a seguir: • Espalhe os arcos pela quadra, deixando um arco a menos que o número de alunos; • Deixe os alunos correndo livremente entre os arcos espalhados pelo chão; • Ao sinal (palma, apito, parada de uma música etc.), cada aluno deverá saltar para dentro de um dos arcos, realizando um salto grupado; • O aluno deverá tomar o impulso para o salto com uma das pernas; • O aluno que não conseguir encontrar um arco vago para saltar será eliminado. <u>Saltando sobre o rio:</u> Esta atividade busca, de forma lúdica, aumentar a amplitude do salto, além de conter um caráter de desafio, já que o aluno deverá sempre saltar mais longe para atravessar o rio. Se você preferir, poderá dar nome aos rios, conforme for aumentando a distância, utilizando alguns que sejam conhecidos, que sejam da região etc. Quanto maior for a distância, maior deverá ser rio. Por exemplo, o Rio Amazonas será equivalente a uma distância grande. Para a realização desta atividade, siga os passos a seguir: • Utilizando como base a linha do meio da quadra, coloque uma corda paralela, formando o “rio”; • O aluno deverá vir correndo da linha de fundo da quadra de voleibol, saltar o “rio” tomando impulso com apenas um dos pés, realizando o salto grupado; • Após todos os alunos realizarem um salto, aumente a dificuldade distanciando a corda da linha da quadra, ou seja, a largura do “rio”. Para isso, distancie a corda da linha central da quadra; • Siga aumentando até ver que ninguém consegue mais saltar sobre o “rio”; • Esta atividade poderá ser feita utilizando a corrida de 10 passadas (ou a corrida livre), a critério de cada aluno.
Encerramento da	Com o auxílio de uma trena, meça na quadra a distância dos recordes mundiais e brasileiros do salto em distância. Peça para que

aula:	os alunos digam os nomes de cada atleta que atingiu a marca.
--------------	--

5ª aula (prática)	
Título da aula	O salto em distância em competição.
Objetivo a ser alcançado na aula:	Realizar um salto completo e simular uma competição
Recursos para a aula:	• Trena; • Fita adesiva para demarcar a tábua de impulsão e setor de salto; • 2 cones para serem colocados um de cada lado da tábua, facilitando a visualização); • Cordas, giz ou cal para demarcar o setor (se for realizar a atividade na grama, utilize cal); • Bandeiras: branca e vermelha, para indicar a queima (material que poderá ser confeccionado junto com os alunos); • Súmula de salto ou planilha de chamada (para anotar os saltos).
Desenvolvimento das atividades: (conversa inicial)	Após recepcionar os alunos no local da aula, relembre algumas regras do salto em distância, tais como: • Número de tentativas que cada atleta possui em uma competição; • Como funciona a queima; • Como o salto é medido; • Solicite quatro voluntários para auxiliarem na arbitragem: um para ver a queima, dois para medir e um para anotar na súmula as medidas dos saltos que cada aluno saltou (esses voluntários poderão ser trocados, para que todos realizem os saltos); • Você deverá indicar o local da medição e cuidar da organização, tirando as dúvidas de cada aluno no momento em que forem surgindo.
Desenvolvimento das atividades: (atividade)	• Com um setor de salto previamente construído na quadra ou possivelmente em um espaço de grama, realizar a “competição” entre os alunos;

prática)	• Dependendo do número de alunos da turma, estipule a quantidade de tentativas para cada um; • Procure estimular os alunos para que todos participem da atividade.
Encerramento da aula:	• Ao final da atividade parabeneze os alunos pela participação; • Leia a classificação dos alunos dividida entre meninos e meninas; • Se decidir premiar, faça a premiação para todos os participantes. Evite premiar apenas os vencedores, afinal, o objetivo da aula é que todos os alunos vivenciem a atividade sem que haja seleção de talentos.